

FON FON

Janeiro

FON FON

1931

ANNO XXV — N.º 1

Rio, 3 de Janeiro de 1931

PREÇO: 1\$000



OROZIO
BELEM

Tambem eu!

—COMO sou costureira
estou acostumada, em
tudo na vida, a **não dar
ponto sem nó.** As min-
has cautelas são, porém,
muito maiores nas cousas
em que estão em jogo a
minha saude, que é o
unico patrimonio das
moças pobres e... casa-
doiras.



... Por isso nem minha
mãe, nem minhas irmãs nem eu,
tomamos para qualquer dôr, nada que não
seja a admiravel

CAFIASPIRINA

Algumas vezes já tem acontecido offerecerem-me outras
cousas, com o engodo de que custam menos... como se a
CAFIASPIRINA não estivesse ao alcance de todas as bolsas e
eu fôra tão tola de arriscar a nossa saude para poupar-me
uns miseraveis nickeis!

TODO o mundo tem esta mesma confiança cega
na CAFIASPIRINA, porque nada mais seguro
para dôres de cabeça, dos dentes e dos ouvidos;
neuralgias, enxaquecas, colicas das senhoras, con-
sequencias dos excessos das bebidas alcoolicas,
etc. Allivia rapidamente, levanta as forças e regu-
lariza a circulação do sangue.

Exija sempre a Cruz Bayer.

Se o
BAYER
é
bom

Muitos annos
de experiencia o
tem provado so-
bejamente.



"Christmas-Day!" Londres:
Grosvenor Square!

Vigília enuevoada! Muito cedo
ainda! Vinte e uma horas apenas!
Lord Bardley acabara de jantar.

Recostado em poltrona de couro
"repoussé" antigo, na sinistra, en-
tre o pollegar e o indicador, o ca-
chimbo inseparavel, o velho fidalgo
acariciava, fleugmaticamente, as
barbas brancas. Olhos cerrados, via
em derredor um bando gárrulo de
jovencinhas, vestidos longos, cintu-
ras apertadas, chapéus de largas
abas... As namoradas de outró-
ra!... Sonhando!...

Hoje... tudo passára! Os amores,
as alegrias, as moças louras,
as morenas! As lindas moças de
seu tempo! Que elevada admiração,
que bonito conceito formava Lord
Bardley das mulheres! Para elle
eram santas todas ellas! Mesmo
aquellas que... Lord Bardley afasta
do pensamento, as frívolas e as
demais!... As mulheres!... Des-
cerrou as palpebras! A cinza fria
do cachimbo cahira em sua "robe
de chambre" como uma lembrança
morta! Só, no casarão imenso!
Só! que só elle fôra sempre em seu
intimo! Não conhecera mãe nem ti-
vera noiva! E a fallecida Lady
Bardley, linda e joven, dezeseite an-
nos, sorria lá na tela, toda de bran-
co, no fulgor do dia de suas nu-
pcias, pára o filho! Ella, unicamen-
te ella, viera vel-o no dia de seu
anniversario! E, no emtanto, por
sua causa, um dia!... O velho lord
chorava.

O Natal, que é um dia alegre para
todos, era uma lembrança amarga
para elle!... Havia sessenta e tres
annos, numa noite assim, Nossa
Senhora trouxera á formosa Lady
Bardley, um "baby" rosado e en-
cantador, o herdeiro de Lord Bard-
ley! Mas, na mesma noite, ella del-
xára o mundo, legando ao joven es-
poso o precioso thesouro que lhe
custára a vida. Lord Bradley, que
amava profundamente a formosa
companheira, apaixonou-se de tal
modo com a morte, que, ficando
viuvo aos dezanove annos, não mais
pensou em contrahir novo matrimo-
nio, não mais pensou em um
novo amor. Vida, gloria, mocidade,
dedicara ao filho. E o pequeno lord
crescera e se educara em uma
atmosfera de luxo e satisfações.
Aos vinte annos, tendo o lord vi-
uvo ido reunir-se á sua inesquecível
morta, Lord Lawrence Bardley tor-
nara-se senhor de consideravel for-
tuna, a par da riqueza de seu sor-
riso encantador! Então, quiz con-
hecer o mundo e os prazeres! Via-
jou e zombou de todos os carinhos.
Nunca amou verdadeiramente a ne-
nhuma mulher, ou por outra, tinha
por ellas um culto profundamente
religioso.

Era querido, era invejado, enfu-
nado pelas brisas da adulação. Mas



A BONECA DE TRAPOS

De

Diíke Barbosa Rodrigues



a sua unica adoração na vida era
sua mãe. Como filho, era um exem-
plo edificante.

Comprehendia enormemente a
gratidão que todos devem a sua
mãe. Era esse, pensava elle, o ver-
dadeiro amor dos homens. E, apesar
dos labios que lhe offerciam as
mulheres loucas, elle sabia conter-
se e as respeitava com mais digni-
dade que ellas realmente mereciam.

Quiz amar, um dia, mas não pou-
de. A noiva, que o destino lhe apre-
sentara era a copia fiel daquella que
lhe sorria, agora, naquella tela, sa-
grada para elle: Lady Bardley! E
á lembrança triste de seu nasci-
mento surgindo sempre em seu
pensamento, horrorizava-o a idéa
do casamento.

E elle partiu covardemente para
as Indias. A falta de normas de ca-
rinhos, que só uma mãe pôde dar,
afugentava-lhe a inclinação santa
do matrimonio.

Cinco annos nas colonias do Im-
perio Britannico! O mysterio das
florestas. Caçadas magnificas, dis-
tracções diversas, ouris, nada o suf-
focava no seu ideal, longe da opu-
lenta Londres. Um dia, o tédio che-
gou. E o palacio da Grosvenor
Square illuminou-se novamente.
Festas, flores, brilhos, amigos, for-
midaveis farras... Beijos, amores...
Annos infindaveis de prazeres.

Mas tudo tem seu termo... Hoje,
havia cinco annos já, rheumatico e
fatigado, o velho lord, abandonado
e triste, passava assim as doces
noites de Jesus. E o palacete gran-
dioso e velho era mais triste que
quatro paredes cobertas de palha,
onde existe uma familia! O millio-

nario sem parentes e de quem a ve-
lhice, os achaques afastaram os
propios amigos, era como uma
sombra em seu palacio, onde unica-
mente outras sombras havia — os
criados graves. O cachimbo apagado
repousava, agora, no cinzeiro. Os
carrilhões soavam os hymnos bíbli-
cos do Natal. As pernas tropegas
do velho agitaram-se sem dores. A
sciatica parecia ter cessado. O bim-
balhar do Natal parecia ter trazido
nova vida ao velhinho. Sorrindo,
elle soou os tympanos.

O servo logo acorreu. Que o pre-
parasse. Ia sahir. O mordomo, obe-
diente, cumpria ordens, si bem que
julgasse um pouco transtornado o
espirito do velho amo. Sahir assim
doente, com um tempo daquelles!?
Emfim, seu amo era seu amo!

E um lord não accieita admoes-
tações de um inferior.

Calou-se, portanto, com si go
mesmo.

Momentos após, mais afoito, o
velho lord seguia a pé pelas ruas
aristocraticas de Londres. E, assim,
meio louco, nem sentia os flocos da
neve que lhe cahiam em cima.

Os sinos continuavam a badalar.
Lord Bardley estava longe. O bai-
ro pobre sentia, agora, o peso de
ouro das pégadas do millionario.
Passava da meia noite. E elle não
via ninguem a quem pudesse favo-
recer. E assim como um doce "Pa-
pá Noel", ia deixando, sob as por-
tas cerradas, muitas e muitas moe-
das de ouro... Que alegre elle es-
tava, agora! Que despertar feliz te-
riam os pobres dessa madrugada. E
por fazer a felicidade alheia, o mi-
sero millionario sentia-se venturoso,
regressando a seu palacio.

Que era aquillo, santo Deus? So-
bre um degráo da fidalga escadaria
de marmore, um achado estranho
repousava. Tocou-lhe. Uma linda
menina, quatro annos, si tanto, os
cachos loiros sobre os hombros, to-
da em farrapos, despertou, chora-
mingando. E elle, paternalmente,
enlevado, segurou-a ao collo. Que
sensação esplendida sentiu! Como
era bom ter nos braços uma crian-
cinha! E ella, tacteando nas trevas,
agarrou-o pelo pescoço, a soluçar...
a soluçar... E dizendo:

— Papae, como tardaste! Dei-
xaste-me ha tanto tempo! Mas tu
vieste! Que bom! Tu me cobrirás
com o teu casaco! A senhora Flory,
com quem tu me deixaste, não me
quer mais. Ella mandou-me, como
sempre, pedir dinheiro. Andei e
pedi muito, mas ninguem m'o quiz
dar. Voltei á casa com muita fome.
Ella bateu-me e disse que era me-
lhor que a mamãezinha, que foi
para o céo, me tivesse levado com
ella... Eu sei que era melhor, sim,
e não sei por que não me quiz le-
var a mamãe. A senhora Flory dis-
se, tambem, que o papae era um
vagabundo. Eu me zanguel e mor-

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

di a sua mão, que me arrancava os cachinhos. Ella, então, lançou-me na neve e fechou a porta. E eu vim andando com muito frio, sem um pedacinho de pão para comer, dormir aqui na escada desta casa bonita... Leva-me contigo, papae, que eu não posso mais andar e os donos poderão apparecer e mandarme para fóra daqui. Oh! papae, não me deixes mais!

E, beijando as barbas ensopadas de lagrimas do lord, a pequenita ainda chorava:

— Papae! Papae, eu não vejo! Leva-me no teu collo! Tenho frio, muito frio, meu papaezinho!...

E aquelle homem, que desprezou amores, sentiu, naquelle "papaezinho", dulçor melhor que todos os beijos de amor de sua mocidade. "Papaezinho"... Todo um mundo de ternura desfeito naquella palavra! E, contemplando a bonequinha de trapos, o velho lord beijava-lhe os cabellos misturados de neve...

Levou-a, então, para o seu leito de pennas, macio e morno. Perto, a lareira crepitava. A pequenina creatura queria ver aquelle deslumbramento todo, mas uma visão alada, branca como a sua alma, vinha bus-

cal-a para o natal entre os amiguinhos, lá no azul. Seus olhos de purrissimos "pervenches" tentavam inutilmente distinguir o seu "papaezinho", aquelle que lhe dera o primeiro e ultimo conforto na vida!

— Vem cá, papae! Aqui está tão quentinho! Sabes, papae? A mamãe está me chamando... Vou-me embora com ella; assim a senhora Flory não mais me baterá. Dá-me um beijinho! Como estás frio! A tua mão na minha fonte!... Deixa-a assim, papae, que o frio vai passar!

O velho beijava-a, beijava-a como si o ultimo halito de primavera que lhe restava nalma pudesse trazer a vida á pequenita.

— Dorme, "filhiinha", dorme, que o teu "papaezinho" não te abandonará mais...

A criança estremeceu, um pouco. Depois, tudo socegou. O anjo das alvuras deixara o mundo, levando a boneca de trapos.

A noite ia alta.

Uma amargura immensa pesava na alma de Lord Bardley. Contem-

plando a pequenita morta, as lagrimas desciam-lhe pelas faces doloridas. Seu coração, que fóra moço, fóra bom, fóra rico, fóra tambem insensato! Que existencia inutil, a sua! Sem lar, sem familia! Mas hoje, Deus lhe dera um momento de ventura passageira, mas sublime! E elle fizera alguma coisa, enfim, no mundo. Fizera! Dera um ninho de plumas a uma criança agonizante! E que recompensa tivera! Um inesquecivel instante de amor! Um ser puro o arnara um minuto. Que importa fosse mesmo por engano? Elle sentira a illusão sublime de ser pae! Somente, agora, achara um enlevo na vida! Ephemero, tão ephemero, infelizmente! Oh! si ella vivesse, seria rica, muito rica, seria a sua herdeira. Pobre bonequinha de trapos, abandonada pelo pae, sem mãe que a acalentasse no seu seio morno! Sem mãe! Que infeliz! Que infelizes: o millionario e a pequenita! Tão pobre um quanto o outro!

Ah! A bonequinha de trapos encontrara, afinal, um companheiro na vida — um boneco de farrapos das chimeras do mundo: o coração de Lord Bardley...

S O L

De Gilberto Veiga

EXISTEM dias felizes na nossa vida, para os quaes não temos uma definição precisa. Nem podemos dizer ao certo donde provém a felicidade que os emmoldura. Sentimo-nos alegres e, si alguem nos perguntasse o porque dessa alegria, responderiamos: "Não sei".

Sinto-me hoje nessa phase boa. E, como isso é raro na minha vida, como a tristeza tem em mim um fervoroso devoto, como admiro a melancolia e as suas cores lilazes, há falta de um motivo que justifique o meu actual estado de espirito, dou causa ao sol rutilante de dezembro, que principia num domingo memoravel.

Pela janella do meu quarto, um feixe de raios penetra suavemente, coado pela veneziana.

Lá fóra, a vida estúa dentro da propria vida. Os mercadores abulantes dão-me uma idéa de que *apregõem luses dobradas e malhas cambiantes. Os garotos disputam, na rua, uma partida de "football" improvisada, fazendo algazarra, apitando, animados e lépidos, todos como que sentindo a mesma alegria que me*

Deus, infinitamente bom, immaculadamente puro, parece estar suspenso na onda maravilhosa dos caridosos raios solares, inundando, com suavissima pureza, os corações na terra.

Tenho a impressão sadia de que, numa manhã cheia de fulgor e claridade como a de hoje, todo espirito bane para longe, para as trevas do esquecimento, as maguas, as desillusões e as desesperanças, sonhando com um porvir roseo e sentindo, latente, magestosamente grande, a alegria de viver, no que a existencia tem de mais sublime, sadio e perfeito.

Não me parece plausivel ser-se triste quando a Natureza, festivamente, canta hymnos de gloria ao Supremo Creador. Não me parece concebivel aninhar-se a tristeza, o pessimismo, o mal ao proximo, quando um sol, bemfazejo e amigo, se infiltra na nossa alma, tornando-a risonha e pura.

Si os dias fossem sempre extravasantes de castidade e de doçura voluptuosa como esta manhã fresca, a vida, por si só, cheia de multiplos desenganos e de infinitas vicissitudes não seria alçada com tanto...

SAO PRECISOS APENAS 10 DIAS

para completar felizmente a transformação da cutis o que se effectua de tal modo que só é notado pelo grande melhoramento do aspecto da pelle. Não se limite a pedir cera pura, pois é mister que seja merciolized (em ingles "Pure Mergolized Wax").

ANDAR / O PRAT. C
EST. 9.



Cêra Pura Mercolized

(em inglez: "Pure Mercolized Wax")

dá a toda mulher uma cutis tão suave
e immaculada como a de uma criança.

Essa cutis, em realidade, a possui toda mulher, immediatamente debaixo da que ostenta exteriormente. Mas, como desprender-se a cutis exterior avelhantada, gasta, defeituosa, é um segredo não muito difundido. Em algumas partes as mulheres deixam-se submeter ao

PROCESSO HEROICO DE DESPELLEJAR-SE

que consiste em fazer com que se desprenda a cutis exterior. Tal methodo, não só é muito doloroso, como também obriga a uma larga reclusão.

MAS A SCIENCIA TEM PROGREDIDO

a tal ponto que qualquer um, homem ou mulher, pode com absoluta confiança e commodidade fazer que se desprenda sua má cutis exterior sem dôr nem perigo algum. Tudo o que é preciso fazer é adquirir em qualquer pharmacia Cera Pura Mercolized. e applical-a ao rosto e collo.

SÃO PRECISOS APENAS 10 DIAS

para completar felizmente a transformação da cutis o que se effectua de tal modo que só é notado pelo grande melhoramento do aspecto da pelle. Não se limite a pedir cera pura, pois é mister que seja mercolized (em inglez "Pure mercolized wax").

ANDAR / 0 PRAT. C
EST. 9. N. 1. 000

A Desforra do Fakir

QUANDO um homem perde a primeira mulher, principalmente um homem como Fausto Ribeiro, moço e rico, parece, não é lá muito ruim...

Uma nova existência se lhe depara e eis que a liberdade do tempo de solteiro volta, desta vez, porém, uma liberdade mais apreciável e mais gozada, porque, quando solteiro, todo homem aspira a um lar, sem se lembrar de que esse lar, na maior parte das vezes augurado feliz, pode ser, também, demasiadamente infeliz; e quando esse homem se torna viúvo, quando já conhece as desgraças ou as bondades do matrimônio, e viúvo sem filhos, como, ainda, o Fausto, então toda a vida lhe sorri outra vez e elle pode gozar muito mais á vontade a sua nova liberdade, com a circumstancia de que é, já, um homem experimentado, e eu penso que, feliz ou infeliz com o casamento, o homem que perder a mulher não deve, de fórma nenhuma, sacrificar-se pela segunda vez.

Fausto Ribeiro vivia no fausto mesmo. Era um rapagão alto e robusto; as "notas" viviam nos seus bolsos e uma verdadeira legião de mulheres lindas o cercava, todas na esperança de "liquidarem" o rapaz pela segunda vez. Mas elle, desta vez, com experiencia propria (não se me dá saber tenha elle sido feliz ou infeliz com o seu primeiro matrimônio), olhava-as, sim, mas como simples amigas, creaturas que lhe proporcionavam prazeres. Somentes. A's vezes, valendo-me da nossa velha camaradagem, quando eu ia a sua casa, um bello palacete de luxo asiatico, confidencialmente, lhe perguntava se queria casar de novo. Ao que o Fausto, com o seu bom humor de sempre, me respondia, esboçando um sorriso:

— Meu amigo. casar é bom; não casar... é melhor.

E eu me curvava ante o conceito de Fausto, porque pensava absolutamente com elle.

Um dia, recebi um recado de Fausto Ribeiro. Que fosse á sua casa, ás oito da noite. Aguardava-me uma surpresa. Cheguei ao seu palacete exactamente ás sete e meia. Elle estava repleto de amigos e amigas de Fausto. Ao ver-me, o rapaz correu ao meu encontro e foi dizendo:

— Sabes? Mandei chamar-te, porque vou dar hoje em nossa casa um espectáculo soberbo. Imagina que um famoso fakir, juntamente com sua mulher...

— Linda, ella? — interrompi.

— ... Não a conheço ainda... Imagina que elle levará a effeito os seus mais sensacionaes numeros. E como sei que gostas muito dos trabalhos dos fakires, quiz proporcionar-te alguns minutos de emoção e prazer.

— E eu muito te agradeço a lembrança.

O fakir e a mulher não tardaram. Ella era uma mulher nutrida e bella, de tez bronzeada.

Quando o fakir, um sujeito magro, de barbas pretas e ponteagudas, muito moreno, de olhar penetrante, a apresentou sua mulher a Fausto, ambos trocaram olhares apaixonados, voluptuosos, completamente despercebidos das demais pessoas. Emfim, ás oito em ponto, o fakir, trajando umas

calças á altura dos joelhos e com umas meias felpudas, á semelhança de meias de "football", camisa de seda sem abertura, com um pequeno barrete também de seda na pequena cabeça, e a mulher, um vestido de crepe setim negro bordado a lanteoulas, que resplandeciam, deram inicio aos trabalhos. A mulher ia annunciando os numeros, em pessimo portuguez, e o marido executando-os. Fausto não prestava attenção a coisa alguma. Seus olhos, cubigosos, cravaram-se na indiana. Vez por outra, ella, como que se esquecendo da sua missão, lançava a Fausto os relampagos dos seus olhos negros, que provocavam estremecimentos no rapaz. Sei que o fakir ingerira vidros, pregos, se deitára sobre espetos, etc., porque m'o disseram depois. Porque m'o disseram, sim. Eu, desde a chegada de ambos, não desviei mais meus olhos da indiana e de Fausto. Interessavam-me aquelles olhares significativos. E eu gozava a delicia de ser o unico, entre as pessoas presentes, que os notava.

Depois do espectáculo, ceámos. Fausto sentou-se á mesa á direita da mulher do fakir e eu á esquerda. O fakir, respondendo ás interpeellações das demais pessoas, não reparava na conversação baixinha da mulher com o dono da casa. E as outras pessoas, também, nada notavam. Somentes eu, sim, somente eu! Dir-se-ia ter a mulher, talvez abusando de alguma força hypnotica, alheado todos. E eu, como uma ex-

cepção, não ter cedido á sua força. A's tantas da noite, retirámo-nos. E o fakir lá se foi com a sua esplendida mulher. A despedida, eu ainda notei perfeitamente ter Fausto Ribeiro levado bastante tempo com a mão, roliça e morena, da mulher presa á sua.

No dia seguinte, pela manhã, todos os jornaes noticiaram os assassinios mysteriosos de Fausto Ribeiro e da mulher do fakir. Refeito do abalo que me produzira tal leitura, vesti-me ás pressas e corri á casa do meu desventurado amigo. Elle lá estava, na sala de visitas, no seu esquite de velludo negro com alças e bordados de prata.

No peito esquerdo, bem sobre o coração, o peitilho da camisa ainda estava manchado de sangue que jorrara da ferida. Mas um sangue esquisito, porque a arma de que se servira o assassino, segundo o exame dos medicos legistas da policia, fóra envenenada com um liquido existente na India. Naturalmente fóra o fakir, que desaparecera mysteriosamente, quem os matára. Porque os dois ferimentos eram identicos.

Dois dias depois, eu recebia uma carta. O portuguez, quasi inintelligivel, dizia, mais ou menos, o seguinte:

"Somentes tu apreciaste o idyllio entre a excomungada da minha mulher e o infame Fausto Ribeiro. Somentes tu o apreciaste — e eu também. Mas olha: mulher de fakir ha de ser séria e respeitada. Toma a lição!"

A carta era do fakir. Não fóra eu, pois, o unico que percebera o que houve entre o infeliz Fausto e a mulher do fakir. Este também, com os seus olhos penetrantes, vira tudo — e fizera que não vira.

NELSON

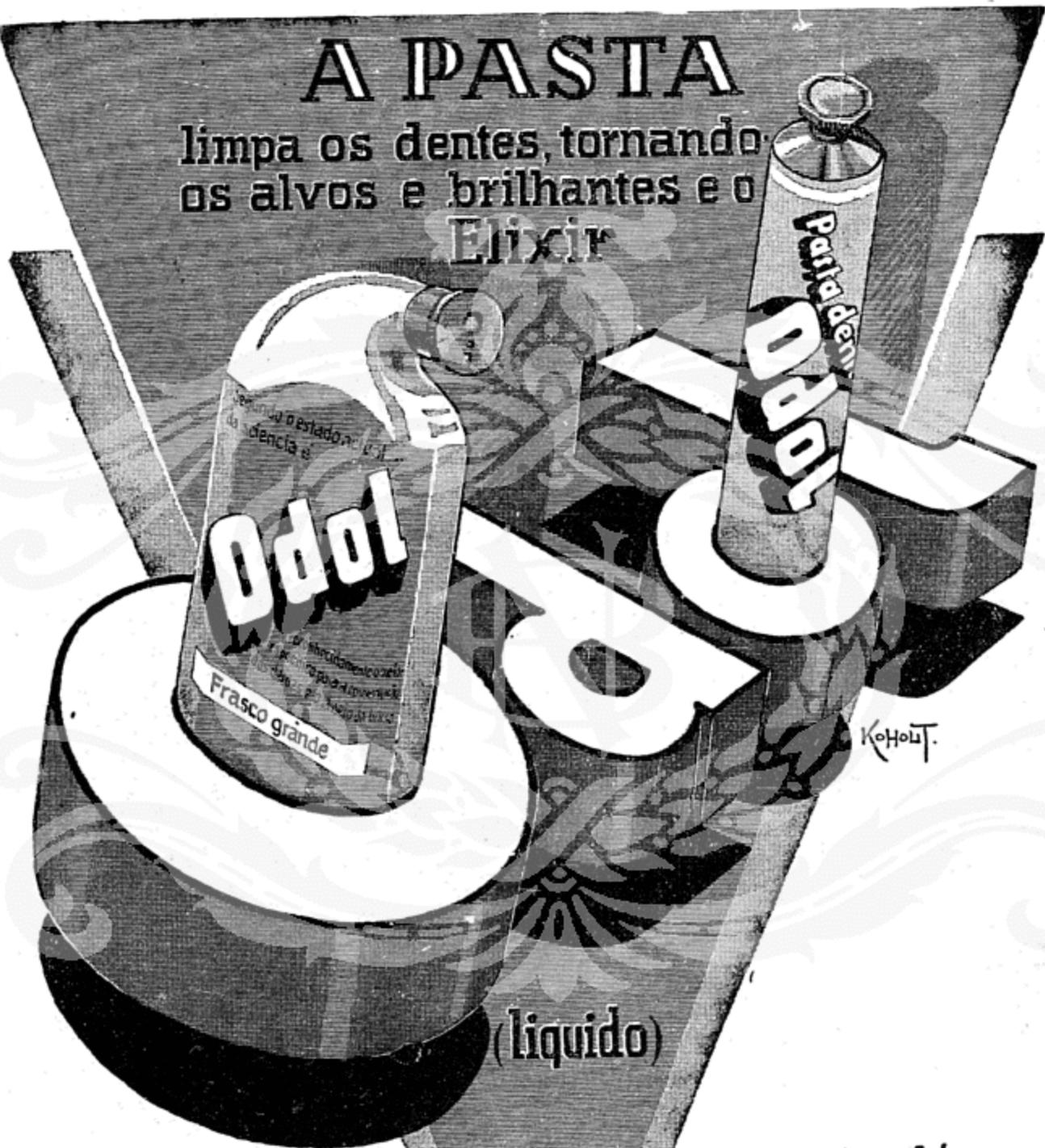
NOGUEIRA

PINTO

A PASTA

limpa os dentes, tornando-os alvos e brilhantes e o

Elixir



(liquido)

completa a hygiene da bocca, pois, além de evitar a carie dos dentes, desinfecta e refresca a bocca, endurece as gengivas, combate o máo halito e evita as pedras.

AS SUBSTITUTAS



ILLUSTRAÇÕES DE
PAULO WERNECK

de Solange

EU acompanhava o meu velho amigo D. Servan, quando, em pleno campo, uma *panne* nos immobilizou. Enquanto o *chauffeur* se esforçava para reparar o incidente, nós fazíamos os cem passos sobre a estrada, diante uma villa enguirlandada de glycínias e de rosas.

Da avenida, desembocaram uma senhora e duas jovens. Ellas se aproximaram. Servan sobresaltou-se. Descobriu-se e cumprimentou profundamente.

Vendo o doutor, a senhora avançou, com as mãos estendidas:

— Meu caro sr.

Elle respondeu calorosamente á offerta gentil; depois, o seu olhar se dirigiu para as duas jovens.

— São ellas, não é?

Ella inclinou a fronte:

— Sim, — disse ella — minhas filhas... Desculpe-nos... O primeiro chamado para a missa já soou. E eu lamento não poder offercer-lhe a nossa casa para descançar.

— Eu não poderia mesmo aceitar o seu convite — respondeu o doutor Servan. Estão á minha espera, e a *panne* no motor me faz demorar.

— Já está reparado — interveio o *chauffeur*, aproximando-se.

— Então, adeus, cara *madame*. Vou vêr se desconto o meu atraso... Em todo caso, o seu encontro me encantou.

Como nós íamos a toda velocidade, o meu olhar interrogou o meu companheiro.

— Margival! exclamei. E' a viuva do pobre Rolando Margival, morto no Caminho das Damas, e cuja morte encerrou uma triste vida? Eu o suppunha separado da mulher e dos filhos.

— E' bem isso.

— Mas então, e essas duas jovens?

— Escute...

— Durante muitos mezes — expoz elle — Mme. Solange Margival se havia consagrado a tratar os necessos feridos. Estava ella no meu serviço. Conseguiu a minha estima e a minha profunda sympathia. Ella me correspondia com uma tal confiança, que me permitto contar-te os acontecimentos que fez della a "mamãe" das duas moças.

Ella chegou, uma noite, muito perturbada com as confidencias que recebera de um ferido, a quem se ligára com tanto mais abandono quanto sabia que elle estava condemnado. A piedade inicial havia pouco a pouco alargado o accesso a sentimentos mais ternos, exaltados pelos lances de alma que ennobreçiam o moribundo. Confiando-se áquella que elle sabia commover, elle lhe havia confessado o seu passado, as suas agonias, e essa narrativa prolongava em Solange um éco tanto mais penetrante quanto era certo que uma paridade aproximava, cada vez mais, os seus destinos.

Casada, muito joven, com um homem seductor, mas leviano, es-

cravo dos seus prazeres, mais do que dos seus deveres, cuja unica idéa de obrigação só a ella devia caber. Solange, após a embriaguez da lua de mel, se viu esquecida desde que nascera a filha que elle desejava nutrir e crear. Os menores cuidados reclamados pela bebé repugnavam a Margival; os gritos, o choro, as impertinencias da filha o punham em fuga.

Desde então, começou a se crear uma vida exterior e se fez raro no lar. Todavia, quando a filha começou a crescer, seduzindo com a sua graça precoce, Rolando se mostrou pae, mas de uma paternidade toda vaidosa. Por mesquinha que fosse a causa, não restava senão a menina para manter um laço que retinha o marido e o pae.

Mas a creança morreu.

Após um violento, mas curto desespero, Margival se evadiu da atmosphera do luto, na qual vivia a pobre mãe inconsolavel.

Elle abandonou a sua mulher ás suas lagrimas, procurou alegrias novas, covardemente desertou a casa.

A sua filha! O seu marido! Solange havia perdido tudo ao mesmo tempo. Ella suppoz morrer de desespero. Mas a sua alma valente se retemperou em um novo dever entrevisto. Corajosamente, depois de ter feito o sacrificio da sua felicidade destruida, ella se curvou sobre as miserias de outro.

Assim, desde a declaração da guerra, se fez enfermeira de uma ambulancia.

Mezes passavam sem enfraquecer a sua coragem. A sua vontade lhe creava inesgotáveis forças e, para levar a esperança aos seus doentes, a sua bocca sabia forçar um sorriso.

Entre tantos enfermos, que ella havia curado e reconfortado, nenhum lhe havia inspirado tanta sympathia como o capitão de reserva, João Servange. Attingido por uma bala nos pulmões, o mal se complicava com um principio de intoxicação pelos gazes. Os effeitos do subtil veneno annullavam todo o effeito da panacéa therapeutica. João estava condemnado... e elle o sabia!

Sim, elle o sabia e já o havia dito á enfermeira. Ah, elle não lamentava a existencia que lhe havia sido cruel... Mas elle ia deixar duas orphãs.

Sem familia, educado pela benevolencia de um inspector ferido pela intelligencia precoce da creança, elle tinha feito brilhantes estudos.

Tendo entrado na escola Polytechnica, perdeu o seu protector, como sahia depois da escola de Pontes e Calçadas. No seu primeiro posto, elle havia conhecido uma joven que a ruina reduzia á condição de professora. Elle se apaixonára por essa creatura, tendo casado com ella, confiante no seu labor para lhe garantir o futuro, seguro do seu coração para consolal-o das suas amarguras passadas.

Ai delle! A modesta existencia que lhe offercia não conseguia satisfazer aquella alma invejosa. Um dia, ella havia partido, sem um olhar para os dois berços que abandonava. Que era feito della? Pouco importava! O seu voto su premo era que ella ignorasse a sua morte. Elle tinha muito medo de que, uma vez morto, ella puzesse de novo as mãos nas duas meninas e as educasse no seu triste exemplo.

As suas filhas! As suas queridas! E elle ia morrer longe dellas, sem lhes deixar na frente um beijo puro.

O agonizante havia confessado á sua confidente que as duas pequenas viviam escondidas no campo, confiadas á dedicação de uma velha camponeza que recebia, pelas creanças, a pensão correspondente ao seu soldo. A enfermeira havia tido o pensamento de ir procurar as garotas, afim de dar ao pae a consolação suprema do adeus. Si a sua guarda si recusasse a entregar-lh'as, ella a levaria comsigo tambem.

Entrou em casa empolgada pela idéa que projectava. Sobre a mesa, uma carta a esperava; a letra deixou-a inquieta.

Era da mão do seu marido.

Ella leu:

"Si esta carta te chegar ás mãos é para te levar a noticia de que te quero deixar livre de compromissos para commigo. Tu a lerás com amargura, pois que ella te negará das mãos de um morto, cujo fim, pelo menos, terá sido mais digno e mais util que toda a sua vida.

Perdôa o mal que te fiz e de que sou a maior victima. Eu te ameí sinceramente, Solange.

E comtudo, não tentei reconquistar-te. E' por isso que me debes ser reconhecida; por mais sincero que fosse o meu arrependimento, eu desconfio de mim mesmo, para responder que elle me impedisse de te fazer soffrer novamente.

Sou um pobre sêr, incapaz de resistir á tentação; não tenho senão uma só vontade — a de não renovar as tuas dôres.

Lamenta-me e pede por aquelle que se apresentaria muito pobre.

deante do seu juiz, si não lhe consagrasse um pouco dos teus meritos e se recusasses a pleitear a sua causa.

Meu ultimo voto é que encontres no teu caminho um coração capaz de comprehender e de curar o teu."

Rolando Margival.

Ah, esse coração, Solange o havia encontrado. Mas elle ia cessar de bater.

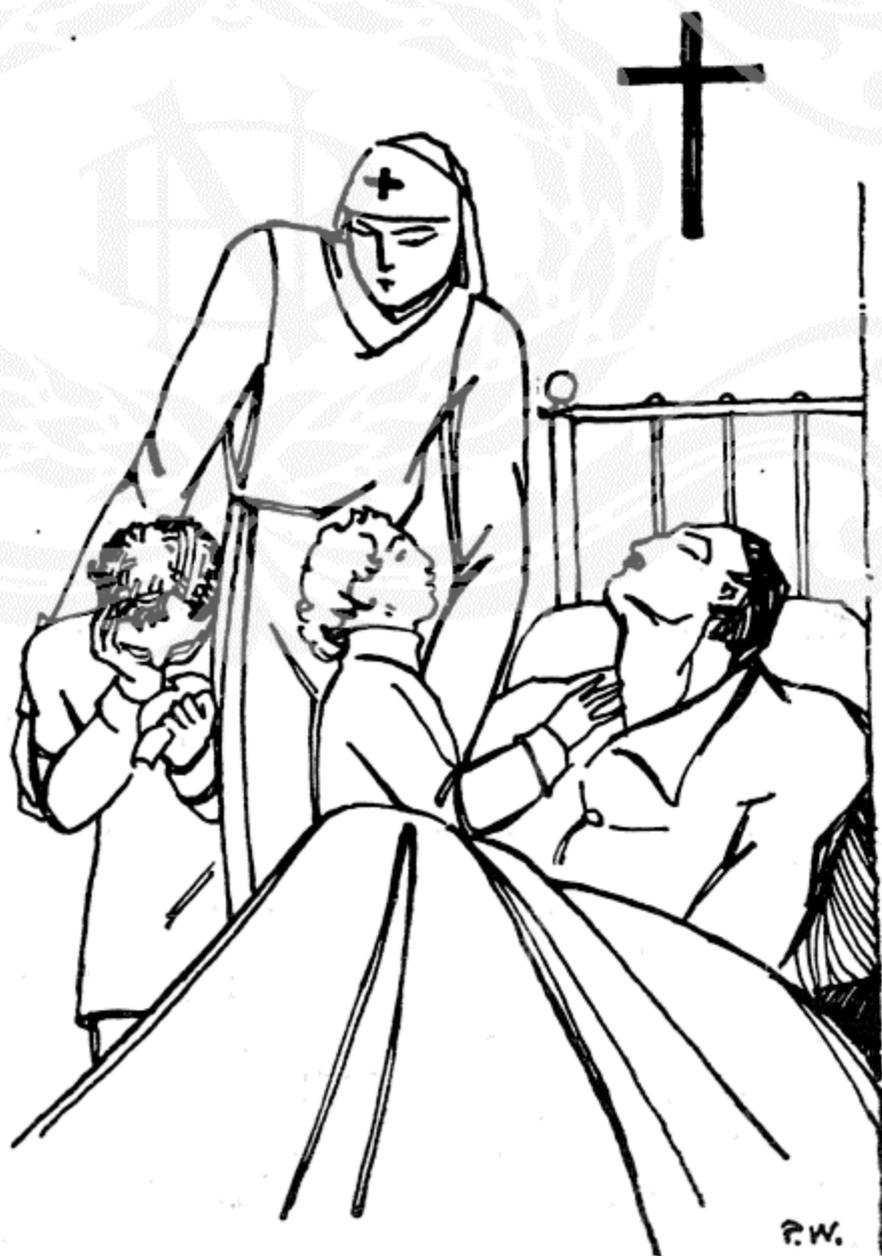
E' delle que ella seria verdadeiramente viuva...

Mas então uma inspiração germinava nella, num surto largo, prestes a florescer.

Dois dias mais tarde ella entrava no quarto do enfermo. Levava as creanças á cabeceira do pae.

Então, ella disse:

— Fique em paz, meu amigo. As suas filhas terão em mim uma boa mãe. Por uma que perdi, Deus me deu as suas.



Fantasia da Realidade

por DUARTE DINIZ

(Continuação do numero anterior)

— Quando Mac Kinley regressou do tabellião, chamou Arthenuza ao seu gabinete, fez-a sentar a seu lado, e disse-lhe:

— Fiz agora um magnifico contracto, e parto para Londres, no vapor de sabbado. Vou ensinar os inglezes a venderem accções de companhias, queres ver?

— E leu-lhe o contracto. A idéa da separação não agradou a Arthenuza, mas, em todo o caso, ella se interessou pelo negocio:

— Como poderás distribuir quinze milhões de títulos em seis mezes?

— Facilmente. Os corretores inglezes não sabem, ainda, que a unica maneira de vender accções de uma empresa qualquer é elevar artificialmente o preço dos productos que essa empresa vai explorar. No caso em apreço, o que cumprir fazer é uma revolução no mercado mundial de borracha: Dar ao mundo a impressão de que não ha borracha sufficiente, para que todos acreditem na vantagem que terão invertendo capitães para produzir um artigo que a industria reclama e exige a qualquer preço. Já fechei nas bolsas de Nova York, Hamburgo e Liverpool, para entrega em agosto até dezembro, tanta borracha quanta entrou nesses mercados em igual periodo do anno passado. Vou communicar-me com os exportadores do Pará, Maranhão, Iquitos e Riberalta, que são os centros vendedores das safras brasileira, peruana e boliviana, para forçar a alta nos mercados de origem. Quando chegar a Londres, insinuarei que a produção mundial é insufficiente para o consumo e que urge plantar seringueiras, para evitar que as fabricas tenham de fechar por falta de materia prima. A medida que o meu plano se fór desenvolvendo, que os preços forem subindo, dois terços dos vendedores entrarão a cooperar innocentemente commigo, retendo seus "stocks", á espera de cotações mais altas. Com uma produção mundial de borracha igual ás necessidades immediatas do consumo, a retenção de dois terços de uma safra triplicará o preço da quantidade insignificante que apparecer nos mercados do mundo. As pequenas companhias do Oriente que já produzem borracha, obtendo para ella tres vezes mais do que obtinham, distribuirão dividendos assombrosos, e os possuidores de accções dessas companhias empregarão todo o capital que conseguirem obter, em accções de quantas companhias se propuzerem a explorar o plantio da seringueira. Quando uma libra-peso, de borracha, alcançar na Bolsa de Liverpool o preço de uma libra-ouro, estarão vendidos os quinze milhões de accções que tomei o encargo de collocar.

— E depois? — perguntou Arthenuza, maravilhada da facilidade com que seu marido desdobrava os termos de tão grande problema.

— Depois? Segue-se a logica natural dos factos economicos. O alto preço reduz o consumo e augmenta a produção. As cotações declinam. Os detentores dos stocks sonogados no mercado, assombrados com a previsão de baixa, correm, como os exercitos em debandada, a desfazer-se de suas reservas. Os compradores, prevendo a baixa, fogem dos vendedores. Quebrado o equilibrio da offerta e da procura, a queda dos preços accentua-se e o mercado entra em panico, sobre vindo prejuizos formidaveis; mas

a esse tempo, terei cumprido meu contracto e canalizado milhões de dolares para o nosso escriptorio.

— Arthenuza meditou um pouco, impressionada e orgulhosa pela capacidade do homem a quem amava, mais do que a propria vida, e, levantando-se, sensibilizada já pela idéa da separação, deixou cahir de labios um simples: — *Very well.*

— Todas as quinzenas chegava a Londres correspondencia de Mac Kinley, dando conta á gerencia de seu escriptorio dos negocios realizados e dos lucros obtidos. Depois do segundo mez, começaram a chegar cheques de sommas avultadas, representando a liquidação das operações concluidas nas bolsas de Liverpool e Hamburgo. Por mera gentileza, o gerente da casa Mac Kinley collocava toda a correspondencia recebida e a expedir na secretária de Arthenuza, para que ella tomasse conhecimento do fecho e andamento dos negocios de seu marido. Ella rebuscava, entre a correspondencia, uma carta para ella, que nunca appareceu. Os mezes foram passando, a riqueza augmentava continuamente em proporções assombrosas e Arthenuza definhava, minada pela saudade do marido, que, absorvido totalmente pela idéa fixa de realizar o mais arrojado golpe de Bolsa de que ha memoria, não teve um minuto de férias para dirigir duas palavras intimas á sua gentilissima esposa. Attingido tal gravidade o estado de saude de Arthenuza, que o gerente resolveu participar o facto ao seu chefe.

— Nessa altura, porém, era tal o entusiasmo na Bolsa de Londres, criado pela fantastica alta do preço da borracha e pela intensiva procura das accções das companhias de plantio, que Mac Kinley não se perentencia mais, cercado continuamente pelas maiores figuras do capitalismo londrino, que viam nelle o genio criador e executor dos grandes negocios.

— Nessa semana, a Bolsa de Londres registou a cotação de dezoito shillings por libra-peso de borracha, e os banqueiros organizadores das companhias de plantio annunciaram a integralização do capital das companhias pela venda total das accções emitidas. Estava terminada a missão de Mac Kinley, que regressou a Nova York com um milhão e meio de libras, recebidas de commissão e outro tanto que ganhára em especulações de borracha nas Bolsas de Liverpool e Hamburgo.

— Estava um homem rico! Era um nome consagrado no mundo das finanças! Era bello! Era joven! Tinha uma saude de ferro!

— Pela theoria delle, era um homem feliz.

— Mas a theoria era falha.

— A felicidade é uma sensação moral de satisfação plena, em que nada mais se deseja ou ambiciona. E o homem de negocios está, fatalmente, privado dessa satisfação, porque, si ganha cem libras, para logo deseja oportunidade de ganhar um milhão."



Velhice

Rins Doentes

Velho aos Trinta Annos!

Antigamente todos Viviam

Mais de Cem Annos!

Só se morria de Velhice

SABEM todos os Medicos que nos tempos mais antigos só se morria de Velhice.

Os homens somente morriam moços e fortes ás vezes na Caça, luctando contra os Animaes Ferozes das Florestas, ou então nas Guerras, quando feridos em combate pelos Soldados dos Exercitos inimigos.

Eram as Féras, na caça, e as Guerras que matavam os homens.

Fóra disto, elles só morriam de Velhice, depois de terem vivido Mais de Cem Annos!

Mais de Cem Annos!

Sempre assim.

Porque hoje em dia é a Vida tão curta?

Porque, em geral, todos cometem e praticam as maiores imprudencias, que arruinam e sacrificam a Saúde.

A razão é esta:

Todos sofrem do Estomago e intestinos, e assim, depois de algum tempo, ficam sofrendo tambem das mais perigosas Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Hoje, muito antes de Trinta Annos de idade, os homens começam a perder os cabellos, ficando calvos muito depressa; aos quarenta annos já parecem Velhos, com perda de memoria e das forças.

São certos órgãos do corpo, principalmente os Rins, que estão sofrendo, em consequencia das Fermentações Toxicas no Estomago e intestinos.

Com isto, pode-se até morrer de repente!

Para viver muitos e muitos annos e não ter nunca tão Dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem fortes, usando **Ventre-Livre**.

Nunca esquecer:

Só se pode curar Dor de Cabeça e qualquer Molestia dos Rins, tratando-se bem o Estomago e os intestinos.

Não use Nunca e Nunca remedios Fortes e Violentos.

Seja Prudente: Trate-se!

Use **Ventre-Livre**

GILBERTO (Pernambuco) — Oh, meu caro, o sr. não me surpreendendo com a notícia que me dá, relativamente ao que se diz de minha obscura pessoa, nas rodas literarias da nossa terra.

E acaso o sr. queria que não houvesse ahí duas correntes: — pró e contra, isto é, a que me ataca e a que me defende?

A esse respeito, eu penso seria triste, para mim, representar o papel daquellas academias provincianas, a que Voltaire se referia, dizendo que ellas eram como "donzellas bem comportadas: nunca davam o que falar de si".

Positivamente, não quero ser como essas academias. E como é

certo que ninguém acredita em elogio (todo elle parece encomendado), prefiro que os confrades recifenses me ataquem.

Aliás, não é possível — accentuemos ainda — que um cavalheiro, encarregado de uma secção como esta, não encontre quem o apedreje, quem o descomponha e ataque. Eu mesmo reconheço que "elles", os poetastros, exercem o "jús sperniandi" — em represalia ao serviço de prophylaxia literaria, que, na minha modestia, vou prestando á literatura nacional.

Podem zumbir á vontade. Não permittirei que os *stegomyas* das letras recifenses consigam transmittir a febre amarella... do cha-

Sabam todos...

tismo e da mediocridade ás leitoras sãs e bonitas do *Fon-Fon*... Não acha o sr. que mereço uma estatua, ahí numa praça ou rua mais elegante, por essa obra de patriotismo e humanidade?

Até lhe queria pedir um favor. E' o seguinte: já que o sr. é tão meu camarada, eu lhe pediria exercer ahí uma certa espionagem (?) e levantar uma estatística dos *stegomyas* mais rebeldes que se insurgem contra a minha prophylaxia... Não me sendo possível combatel-os de perto — por lhes desconhecer a existencia... e o zumbido, encarregal-o-ia de extermal-os por meio de aspersões violentas de *Flit*...

Tratal-os a penna "Mallat" e a tinta *Black* é desperdício... O *Flit* é mais barato e, creio, mais efficiente, em casos de taes surtos epidemicos...

Não vá pensar que estou a fazer ironia...

O seu conto foi entregue ao secretario.

Aguarda a sua vez.

J. MÓRA (E. do Rio) — Olá poeta! Eu bem dizia que o anno não haveria de findar sem que eu recebesse uma calinada, que fosse a maior do anno... E eis que o sr. apparece com os seus dois sonetos...

Posto que, pela preocupação, muito material, de haver "preenchido o coupon", o sr. já tenha denunciado a pobreza franciscana da sua poeta, e o seu espirito eminentemente burguez, não quero privar as leitoras intelligentes do prazer de aquilatar, mais claramente, a vulgaridade de que, como poeta, o sr. representa.

Comecemos pela carta:

"Snr. Yves,
Respeitosas saudações.

Juntas, acompanhadas do preciso "coupon", "devidamente preenchido", envio á sua critica, reconhecidamente competente, dois sonetos (?) de minha lavra.

Obras, uma de 1925, outra de 1929, que, quando escriptas, não eram destinadas á publicação; o que, entretanto, agora, caso haja possibilidade, pretendo fazer.

Sempre seu creado, agradece.

J. Mór

NÃO ENTREGUE SEU CABELO!...



Cabello cortado e ondulado permanente em AMÉRICO & C. á RUA SETE DE SETEMBRO, 86-1. Telephones 2 - 4848-1181-4554

para experiencias de curiosos:

Informe-se com suas amigas e observará a grande fama do Instituto Physioplastico

DE SOINS DE BEAUTÉ de

Américo & C.

*tambem conhecido como Casa de Mme. Graça onde se corrigem todos os defeitos dos cabellos por seus habéis cabeleireiros de se-
nhoras com o uso do moderno e afamado*

Orf - Léne - liquido

que tanto tinge os cabellos brancos nas côres claras como nas escuras. Vende-se nas melhores casas e no "Instituto Physioplastico" de Américo & Cia., installado em frente ao seu antigo estabelecimento do edificio d'«O Paiz» incendiado

Orf-Léne-liquido — caixa 12\$ — Pelo correio 15\$

Peçam catalogos de instruções

Estupendo!

Quer o sr. dizer que os seus sonetos, á maneira de gallinaecos de boa raça, estavam engordando na *basse-cour* da sua bagagem literaria. O primeiro deve estar muito gordo: cinco annos de ceva; o segundo — um anno apenas! — ainda deve estar um pouco magro e menos desenvolvido.

Agora, o sr., aproveitando o Natal, quer destinal-os á publicação, em boa linguagem, ao recheio — farofa, azeitonas, etc. — da letra de fôrma...

Illustre poeta! Eu o aconselharia a não retirar os seus gallinaecos, isto é, os seus sonetos da *basse-cour*...

Deixe que elles continuem na ceva...

Aqui está o mais gordo dos seus sonetos...

AS ANDORINHAS
(1925)

*As crystalbas aguas, que, silente
E branda, enruga a aregem ves-
[pertina].
As azas de andorinha peregrina,
De goso loucas, betjam docemente.*

*Outra... Outras... e milhares, le-
[vemente].
Submergidas na luz crepusculina,
Banham-se na corrente crystalina...
Depois fogem... e fogem de repente.
Nos corações, também, da mocidade
(Tarde da vida, d'esperança e riso)
Illusões bailam muitas e á vontade.*

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão somente que sejam formuladas com clareza e logica.

GRAPHOLOGIA — condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1.º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no mínimo; 2.º — O assumpto deve ser o de uma carta common, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4.º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú. 62
Caixa Postal 97
Telephone 2-4136

FON-FON — 3-1-931

Data da consulta

Nome do consulente

*Lepois, porem, tal ellas, friamente,
Todas em um minuto se desfazem...
Todas fogem... e fogem de repente.*

Vê, o sr? O mais gordo está da grossura de uma põe-mesa...

MIOBE (S. Paulo) — Upa! carta de uma paulista? E' por isso que a minha mesa está perfumada. E' que as missivas de S. Paulo se caracterizam pelo doce perfume de suas autoras... Gostou?

Escreve v. ex. Dois pontos:

"Yves. Venho fazer-te tres perguntas:

E' morena, ou clara, uma moça que tem os cabellos loiros, os olhos negros, e a tez morena claro? Depois: Mauro de Alencar é paulista? Queria ainda saber se "O Abat-jour e a Mariposa", de sua autoria, termina assim.

Mariposa, suspirando.

Estou tranquilla...

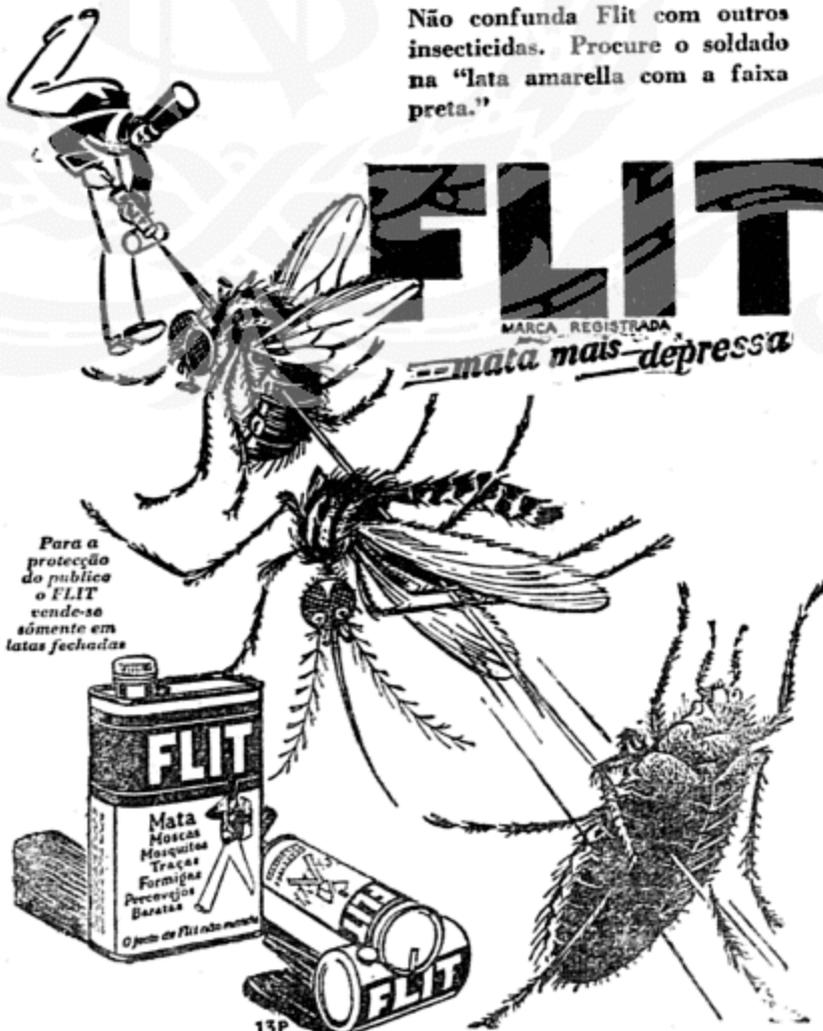
Mate as moscas, mosquitos, percevejos e outros insectos



Os repugnantes insectos vivem no monturo, desde que nascem até que morrem. Sáem de seus ninhos pestilentos apenas para atacar o seu lar e destruir a sua tranquillidade. Elles minam a sua saúde,—ameaçam a sua vida. Mate-os! Pulverize Flit.

Flit mata moscas, mosquitos, pulgas, traças, formigas, baratas, percevejos e os seus ovos. Inofensivo ao homem. Não mancha.

Não confunda Flit com outros insecticidas. Procure o soldado na "lata amarella com a faixa preta."



Para a protecção do publico o FLIT vende-se somente em latas fechadas

(Pausa. Toma as mãos de Abat-jour.)

Abat-jour, Tens razão, meu amigo tristonho: o amor, para ser grande, ha de ser sempre um sonho...

Desde já, muito grata. Com grande admiração.

Miobe."

Tres perguntas e, portanto, tres respostas. Lá vão ellas:

1.º — Uma joven morena ou clara, uma moça que tem os cabellos loiros, os olhos negros, a tez moreno-claro, os labios vermelhos, as faces rosadas, o sorriso amarello... Ora, essa moça não é uma moça, é uma porta de tinturaria.

2.º — Mauro de Alencar?... Não estou autorizado a informal-o.

3.º — Sei que a minha peça o Abat-jour e a mariposa tem sido representada com modificações. Como, por exemplo:

ABAT-JOUR

Manon?

MARIPOSA

Manon Lescaut...

Era o mesmo com que Santa the- [reza amou...]

Algumas interpretes julgam que ha nisso uma heresia. E dizem:

Era o mesmo com Maria Thereza [amou...]

Cra, meu pensamento não é esse, está claro. Além do mais, sacrifica o rythmo do verso.

E' possível que o final da peça tenha sido alterado ahi em S. Paulo. Mas o que escrevi foi isto:

MARIPOSA suspirando:

Estou tranquilla...

(Pausa. Toma as mãos de Abat-jour).

Abat-jour, tens razão, meu amigo [tristonho: o amor, para ser grande, ha de [ser sempre um sonho...]

ABAT-JOUR com unção Um sonho nupcial...

MARIPOSA, numa voz lenta Um sonho... bello e puro...

ABAT-JOUR no mesmo tom Que carilhece em nossa alma...

MARIPOSA

Esperando o futuro...

FIM

D'ANNUNZIO, PERFUMISTA -- O grande poeta abandonou a lyra para consagrar-se ás delicias do Estado! Como D'Annunzio, qualquer mortal poderá glorificar essa manifestação de arte. Procure conhecer as maravilhosas essencias recebidas directamente de Paris. Facilitem manipulação. Resultados garantidos. Peçam fórmulas e listas de preços, gratis, á drogaria melucci — rua sete de setembro vinte e cinco, r.º. phone quatro — tres, tres, sete, tres.

O que nem todos sabem

Conhece-se o caso de um inglez, John Burns, que se habituou a dormir apenas uma hora por semana. Paulo Kern tem, nesse particular, a primazia, porquanto não dorme nunca. Tem o segundo desses nomes um soldado que combateu, durante a Grande Guerra, no exercito hungaro, e recebeu uma bala na cabeça, que não pode ser extrahida.

Essa bala privou o ex-combatente da faculdade de dormir. Cumpre, allás, dizer que essa privação não lhe causa soffrimento de nenhuma especie.

Não tem o menor desejo de adormecer e nunca se sente fatigado.

...

A invenção do microscopio é attribuída aos irmãos Hans e Zacha-

rias Jansen, que a teriam realizado no anno de 1590.

...

Os turcos consideraram, por muito tempo, o uso da espada como barbarie indigna de paizes civilizados, e a omittiam para evitar os violentos effeitos da ira. Essa precaução chegava a tal ponto, que os janizaros, militares profissionaes, deixavam de trazer a sua espada em tempo de paz, durante o periodo comprehendido até fins do seculo XVII.

...

Nos paizes scandinavos, especialmente na Noruega, a industria da energia electrica é poderosa e muito florescente.

Disso resulta já um largo excedente de produção, que os industres noruegueses estão tratando de

transportar para a Dinamarca, por meio de cabos aereos e submarinos.

Está sendo construido, na Inglaterra, para a linha Europa-Estados Unidos, um colossal navio, que será o maior e o mais rapido de todos os transatlanticos.

Terá o novo paquete britannico 70.000 toneladas brutas, medindo 305 metros de comprimento e 35 de largura e podendo transportar 4.000 passageiros. Seu custo será de 10 milhões de libras.

Para vencer a velocidade o Bremen, que é, actualmente, o mais rapido, deverá o novo navio fazer mais de 32 milhas por hora.

Nos ultimos vinte annos, foram construidos os seguintes navios de grande tonelagem:

1911: Olympic, inglez, com 49.439 toneladas; Imperator, allemão (agora Berengaria, inglez), 52.226. 1914: Vaterland, allemão (hoje Leviathan, norte-americano), 59.956; Aquitania, inglez, 45.647. 1921: Bismarck, allemão (hoje Majestic, inglez), 56.621; Paris, francez, 34.569. 1922: Homeric, inglez, 34.351. 1926: Roma, italiano, 32.583. 1927: Ile de France, francez, 43.153; Augustus, italiano, 32.650. 1929: Bremen, allemão, 51.656; Europa, allemão, 50.000. 1930: Rex, italiano, 47.000; Empress of Britain, inglez, 42.600; Atlantique, francez, 40.000 toneladas.

ROUPAS PARA BANHO,
ARTIGOS PARA SPORT
CASA SPANDER

RUA DOS OURIVES, 29 - BUENOS AIRES, 75

Aos homens de 40 annos uma mensagem

**Dóres Chronicas
na Cintura
Rheumatismo,
Dores de Cabeça,
Insomnia**

**EXPERIMENTE ESTE
REMEDIO, GRATIS**

Muitissimos homens quando chegam aos 40 annos, notam que as funcões do organismo se debilitam e que "as portas da vida giram sobre gonços que rangem." As actividades mentaes estão entorpecidas, o sangue é espesso, sobrevêm dores em todas as partes do corpo e desordens da bexiga que causam toda a classe de molestias. Este estado frequente é provocado pelos Rins, que não filtram nem purificam o sangue devidamente. Introduzem-se

Preços no Districto Federal R.



venenos que causam constantes soffrimentos. Dóres na Cintura, Rheumatismo, Insomnia, Desarranjos Urinarios, Irritabilidade; eis os indicios de disturbios nos Rins. Seguramente V.S. não querará

envelhecer antes de tempo. Sem duvida anhela recobrar a sua saúde, vigor e vitalidade.

**LEVA UMA GARANTIA
ESTE REMEDIO**

Permitta V.S. que as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga o ponham a caminho

**AS PILULAS
DeWITT**

PARA OS RINS E A BEXIGA

O REMEDIO QUE FAZ EFEITO EM 24 HORAS

7\$500 o frasco pequeno
12\$500 o frasco grande

de recobrar a saúde. Para isso, lhe enviaremos livre de quaisquer despezas, um fornecimento gratis para experiencia, por meio do qual comprovará a sua acção saudavel. Tome-as regularmente. V.S. ficará assombrado com a rapidez das suas melhoras. O seu pharmaceutico poderá informal-o sobre a excellencia da sua formula, impressa claramente no exterior da caixa. Alem disso, vende-se este remedio com a garantia de que em 24 horas V.S. notará que começou a fazer-lhe bem.

Esta é a razão por que as Pilulas De Witt se vendem aos milhões em todos os paizes do mundo.

**REMETTA-NOS ESTE
COUPON HOJE MESMO**

Srta. E. C De Witt & Co. Ltd.,
(Depto. M. 3), Caixa do Correio
834 Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, um fornecimento das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

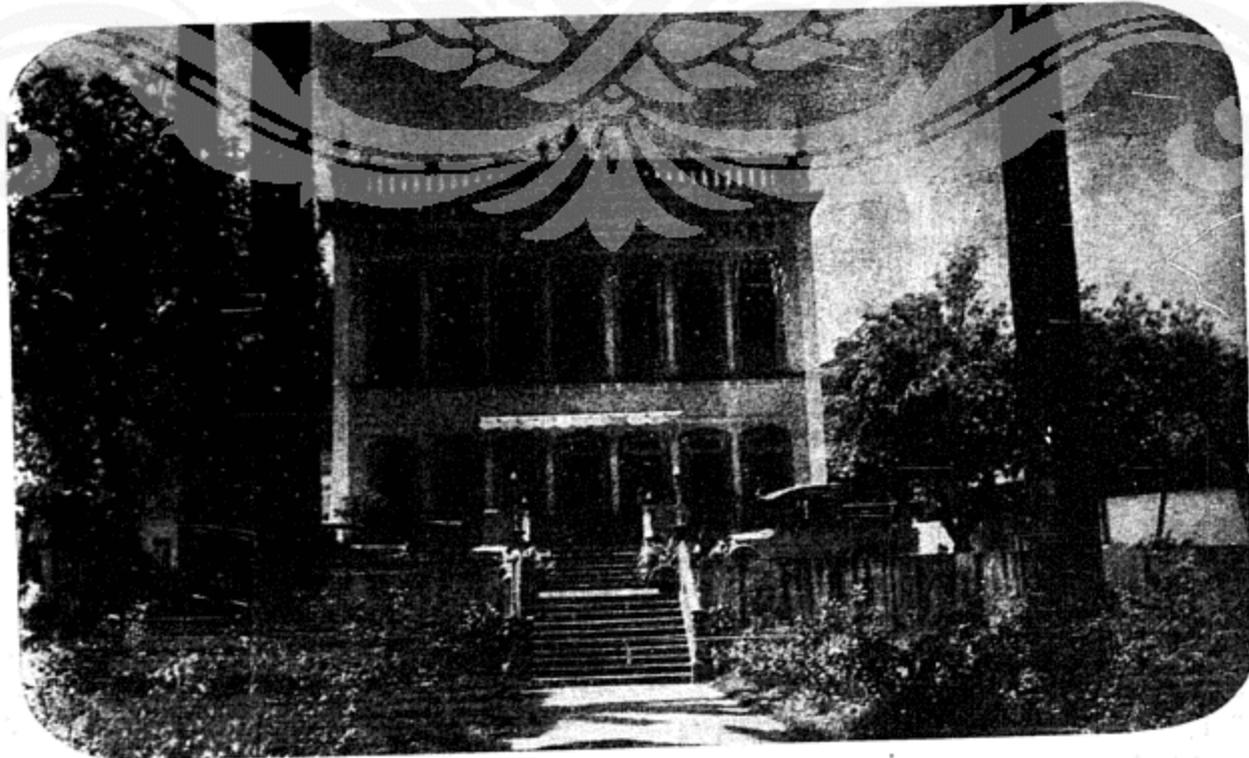
Nome

Endereço

Licenciadas pelo D.N.S.P. sob o no. 145.

Casa de Saude dr. Francisco Guimarães

FRISTIDES LOBO, 115
TELEPHONE 8 - 3957



DIARIAS DESDE 15\$000

Espirito Alheio



A RAZÃO. — Nunca mais te vi com aquelle rapaz com quem costumavas andar em toda parte.
— E' que eu me casei com elle...



NAS CASAS DE HOJE. — Você vem, comadre?
— Sim. Immediatamente. Dentro de duas horas ahí chegarei.



NA ESCOLA. — A professora. — Sabes para onde vão os meninos que não guardam o dinheiro no mealheiro?
O alumno. — Vão ao cinema...



**INSISTAM POR
ELLE QUANDO
JANTEM FÓRA**

**O Molho de
LEA &
PERRINS**

AGUA do REGIMEN dos

ARTHRITICOS

Gottosos - Rheumaticos - Diabeticos

ÀS REFEIÇÕES

**VICHY
CELESTINS**

Elimina o ACIDO URICO.

Adelgaçar
é um gosto com as
"Pilules Galton"

Um "Emmagrecedor" perfeito hoje em dia está ao seu alcance. A sua acção melhora a digestão sem prejudicar a saúde.

Chama-se: "Pilules Galton".

Papada, bocheda, quadris, barriga, mingoam bem depressa. Rejuvenesce o organismo.

A Sra C., de Perpinhão, escreveu-nos:

« Com um só frasco de "Pilules Galton" perdi nove centímetros de cintura; além d'isso, minha barriga, que era enorme, diminuiu como por encanto. »



O Snr. E. B., de Montbard: « Tenho emmagrecido treze kilos dentro de 17 dias com as "Pilules Galton". Depois tenho obtido resultados muito notáveis, sem abandonar o meu trabalho e sem ser incommodado de forma alguma. »

Assim, pois, quem quiser emmagrecer não deve hesitar: ha de tomar "Pilules Galton"; o uso de um frasco bastará para convencê-lo do resultado deveras assombroso. (Composição exclusivamente vegetal.)

Appr. D.N.S.P. em 26-6-1917 sob o N.º 88

J. RATIÉ, Ph., 45, Rue de l'Ecliquier, Paris-X
Agente Geral: A. de CURNAND
118, Rua da Alfandega, Rio de Janeiro.

A venda em todas as pharmacies e drogarias.

OS MÃRIDOS SÃO MÁOS ENFERMEIROS



"Você é injusto! Eu, tão doente e Você ainda por cima fica de mau humor, como si eu tivesse a culpa!"

Não importa saber si é ou não injustiça.
É a realidade: os maridos se contrariam quando as esposas adoecem! São portanto mãos enfermeiros e quasi sempre acham que as esposas foram imprudentes!
E quantas vezes elles têm razão! Quantas doenças as Senhoras podem evitar ou combater aos primeiros symptomas, bastando, para isso a prudencia de terem em casa um vidro do grande remedio

A SAUDE DA MULHER

que evita e combate todas as molestias do Utero e dos Ovarios, laes como Colicas Uterinas, Flores Brancas, Regras Demasiadas, Faltã de Regras, Malas da Edade Critica, Rheumatismo, Inflammções do Utero e dos Ovarios

Usar A Saude da Mulher" é uma medida de sabia prudencia, não só para o cuidado da saude como tambem para a defeza da felicidade domestica, porque A Saude da Mulher mantem integral e constante o encanto do Marido.

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 3 de Janeiro de 1931

Um artista do soffrimento e do amor

HERMES FONTES... Parece-me que ainda o estou vendo illuminado da sua propria bondade, tão grande, tão sincera, tão deslccada no seu seculo egoista, que o mundo não soube interpretá-la. Parece-me que ainda o vislumbro diluindo-se tranquillamente na sua doçura fraternal, que os desencantos e as magças da vida não conseguiram suffocar. Aquelle sorriso piedoso e amargo com que elle — artista deloroso e atormentado — deslumbrava o coração dos seus amigos, ainda me commove e entenece, desoladamente, na angustia desta hora inutil do irremediavel.

Mas o excelso poeta já não existe, porque o destino parou a sua sensibilidade quando ella mais se integrava no soffrimento e no amor.

Amor... Soffrimento... A tragedia interior de Hermes Fontes gerou-se no tumulto desses dois sentimentos. Nasceu no amor e terminou no soffrimento. Bem que elle dizia, no seu lyrismo torturado:

*Só os que têm amado e têm soffrido
E, quanto mais soffrido, mais amado,
Podem mostrar no coração ferido
O seu altar... o seu apostolado...*

Hermes Fontes viveu e morreu pelo amor. Pelo amor infinito e eterno, que Barbusse assim definiu: *Le vrai amour est fait d'infini et d'éternité*. Seu coração dir-se-ia feito de filigranas sentimentaes. Bom, leal, effusivo nas suas attitudes, nem por isso, ou talvez por isso mesmo, elle deixou de ser menos calumniado. Tinha muitos inimigos, tendo tão pucos defeitos. Sua grande alma indulgente sabia, porém, perdoar a ingratição e a inveja dos outros. Quando um homem de genio nasce com o predestino da desventura não invecitiva o ultrage das maldades humanas.

Depois, a sua ternura fulgurante lavava os defeitos alheios. Ninguém era ruim para elle. O mundo é que plasmava os caracteres dos homens. O mundo e o melo. Dahí a sua indulgencia e o seu eterno e luminoso sorriso de perdão.

No seu testamento romantico (*A fonte da matta*, pagina 136), o grande artista escreveu:

*Aos que me odiam, de ódios sem
Ou me perseguem, porque os não
A todos, meu amigo ou inimigo,
Abro, simples e ingenuo, o coração...*

Elle abria, de facto, generosamente, ingenuamente, enternecidamente, o coração de poeta e sonhador aos que lhe queriam bem e aos que lhe queriam mal. Agradecia a uns e perdoava a outros essas inquietações que ás vezes perturbavam a sua serenidade. E, porque não sabia odiar, era odiado. E, porque não sabia desdenhar, era desdenhado. E, porque não sabia abandonar, era abandonado.

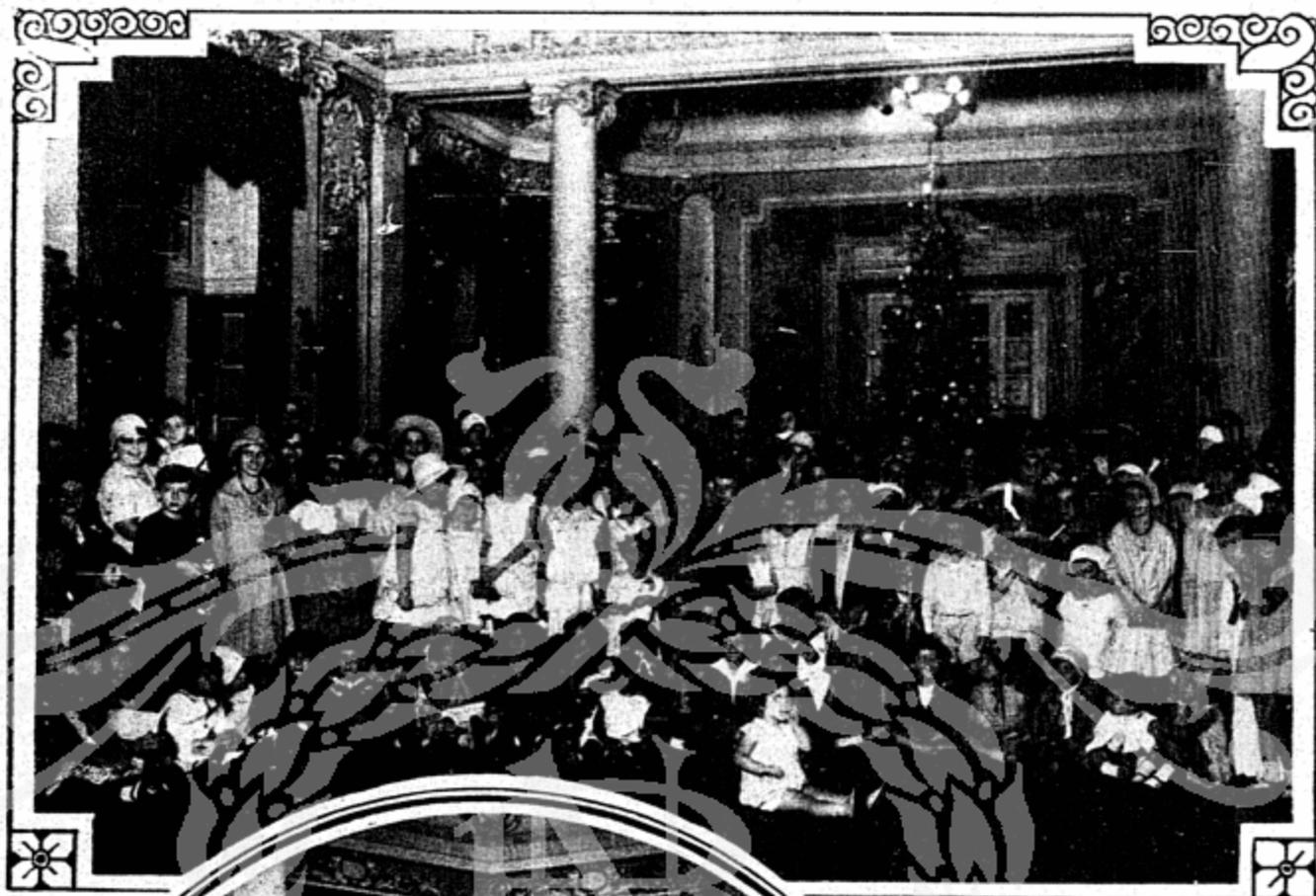
Hermes foi um incompreendido. Tudo se levantava contra elle no meio onde o seu espirito desabrochava em tantas flores de emoção e de belleza. Seus proprios amigos, com uma diminuta excepção, ás vezes se deixavam levar pelas vozes da insidia e da calumnia, e chegavam a duvidar da bondade immensa e da immensa lealdade desse poeta soffredor que atravessou a vida constringido entre os desenganos e as irreverencias da sorte. Tambem elle foi tão grande, tão insuperavel nos seus vãos lyricos, que os satélites da sua musa extraordinaria não puderam acompanhá-lo.

Quem conheceu Hermes Fontes como eu o conheci — na intimidade espiritual e sentimental — ha-de acreditar na sinceridade e na verdade daquelles versos com que elle glorifica, no seu livro *Despertar!*, a seducção da solidariedade humana:

*O Homem será feliz, quando a mi-
De uns socorrer a dor dos outros;
A fome, a alguns, o luto, a muitos,
Entre o dó do que foi e a ausia do*

Elle foi um homem assim: sem odios, sem prevenções, sem invejas. Alheio á cobiça. Alheio ás perfidias. Alheio ao veneno da ambição. Mal interpretado, mal comprehendido, teve, porém, o castigo de todos os génios que não se confundem, na torpeza da terra, com as mediocridades e os espiritos vulgares.

MARTINS CAPISTRANO



O CAIXEIRO-VIAJANTE

O caixeiro-viajante, ty po desconhecido na anti-guidade, não é uma das mais curiosas figuras creadas pelos usos de nossa epoca? Não está destinado, em certa ordem de coisas, a marcar a grande transição que, para os observadores, liga a era das explorações materiaes á das explorações intellectuaes? Nosso seculo unirá o reinado da força isolada, abundante em creações originaes, ao reinado da força uniforme, mas niveladora, igualando os productos, lançando-os em massa e obedecendo a um pensamento unitario, ultima expressão das sociedades. Depois das saturnaes do espirito generalizado, depois dos ultimos esforços de civilizações que acumulam os thesouros da terra em um ponto, as trevas da barbaria não vêm sempre? O caixeiro-viajante não é ás idéas o que as diligencias são ás coisas e aos homens? Elle as conduz, movimenta e faz chocar umas contra as outras.

H. DE BALZAC

© O Club Naval offereceu aos filhos de seus associados uma festa de Natal bem cheia de attractivos, porque havia brinquedos para todos elles... Depois da distribuição dos presentes, o mundo infantil ali reunido dançou como gente grande... ©



O Natal da petizada do Automovel Club do Brasil decorreu entre sorrisos de contentamento e notas alegres de musicas modernas. As crianças que compareceram á vesperal infantil do dia 25, nos salões do palacio da rua do Passeio, dançaram festivamente e receberam, de um Papae-Noel generoso e deslumbrante, muitos presentes bonitos para as suas colleções de brinquedos. A Arvore de Natal do Automovel Club do Brasil estava carregadinha...



FILIGRANAS

Em geral, nos casamentos, o homem se engana mais quanto á futura sogra do que quanto á futura mulher. Por que? Talvez o segredo esteja nesta excellente observação de Balzac: "Até os trinta annos, o rosto de uma mulher é um livro escripto em lingua estrangeira e que ainda se póde traduzir, apesar de todas as difficuldades do idioma; mas, depois dos quarenta annos, uma mulher torna-se um engrimanço indecifrável, e só quem póde adivinhar uma velhota é outra velhota." Deante disso, temos de confessar que os homens caem todos, sem excepção, como uns patinhos.





ROSA de VELLUDO

O FIM...

1931... Estou de prevenção com este anno que começa risonhamente numa quinta-feira. Elle só me promette desenganos. Novos desenganos para a minha torturada vida. Novas desillusões para a minha pobre angustia de sentimental. Elle só me promette amarguras. Novas amarguras para o meu inquieto coração. Novos dis-sabores para o meu scepticismo.

1931... Olho desoladamente para o passado, para o nosso passado, minha amiga, e vejo os seus olhos verdes illuminando uma esperança que só os meus olhos tristes vislumbravam no caminho do soffrimento. Seu sorriso deslumbrante e piedoso ainda bruxoleia, docemente, para o meu sorriso doloroso. Sua fascinação longinqua ainda me consola. Eu penso em você, a toda hora, e, a toda hora, você me surge fulgurante na inquietação da lembrança...

Hontem, eu era quasi feliz com a illusão do seu amor, que nasceu como vae morrer: na fatalidade. Desde aquella noite de abril, em que nos encontramos e nos conhecemos sob um luar romantico, eu comeci a achar melhor e mais linda a vida. Você contou-me alguma coisa que me commoveu. Eu disse-lhe, tambem, a minha tragedia. Ficámos ambos desalentados deante das nossas affinidades e da nossa angustia infinita. Havla o impossivel entre nós. Havia entre nós a hypocrisia dos preconceitos. Mesmo assim, nos amámos. Platonicamente. Intensamente. Gloriosamente.

Durante oito mezes, você me quiz assim. Tantalizado embora, materialmente, eu accetei a ventura espiritual desse amor. Só porque o meu coração magoado e afflicto sentiu a doçura ineffavel do seu coração. Só porque a minha melancolia sentiu a sua melancolia. Só porque o meu soffrimento recebeu o generoso amparo do seu soffrimento.

A felicidade acenava-nos de longe, sem se aproximar. E nós tão descrentes da felicidade, tão integradõs na desventura, não tinhamos coragem de ir ao seu encontro — de ir ao encontro da miragem do nosso deserto... E ficámos de longe a esperal-a, inutilmente, a esperal-a... Até que o anno acabou... O anno do nosso amor e das nossas esperanças... O anno das nossas illusões e dos nossos sonhos...

E o seu successor, no calendario do meu sentimento, não me agrada. Será em 1931, minha fulgurante amiga, que você deixará de pertencer-me, para fazer a felicidade de um homem que não poderá fazer a sua felicidade. E assim tudo acabará, tudo morrerá num capricho do destino. Até, talvez, o nosso sacrificio, que não teve, neste fim de anno, nem mesmo o consolo amargo de uma despedida...

Mauro de Alencar

MARCELO ROBERTO



Um flagrante da solennidade inaugural da «Obra do Berço», no Collegio Sion, realizada sob a presidencia de sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme. Fez o discurso official o illustre orador sacro padre Henrique Magalhães que realçou, com eloquencia, os intuitos nobres e benemeritos daquella obra de piedade christã.

FILIGRANAS

A chuva miuda e monotona bate no telhado ennegrecido pelo tempo. Debruçado á janella, eu olho as vegetações que se ensopam na

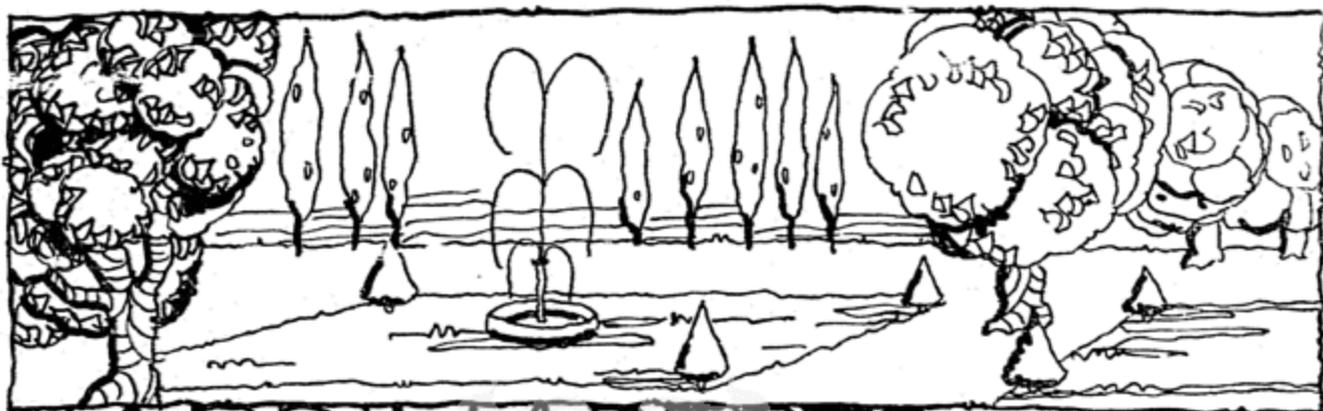
agua refrescante. E, deante de mim, um fio liquido que desce do morro vae devagarinho correndo um socalco de argilla rubra.

O seu trabalho é continuo e lento. Pouco e pouco o terreno

amollece e se dissolve, tingindo de vermelho a agua corrente. E eu me esqueço a contemplar a terra que se esboróa, numa inveja muda de não poder, da mesma forma, me dissolver assim...



O Rotary Club do Rio de Janeiro promoveu, quinta-feira penultima, na «Casa da Criança», á rua S. Clemente, o Natal das crianças pobres, que foi uma festa de commovedora simplicidade e de alta expressão de assistencia social.



JARDIM ABERTO de D. Jayme

OS NOSSOS ROMANCISTAS

DIALOGO

lítica tee as suas teias infames, a mediocridade se infatua com os triumphos, enquanto o merccimento é tratado a pontapés, e os bellos caracteres brilham como diamantes esquecidos sobre a lama...

— Eu bem te comprehendo, meu amigo.

— Felizmente.

— Boas festas!

— Melhores entradas!

— Adcus.

— Adcus.

OS NOSSOS ROMANCISTAS



Guido de Verona fala do «terceiro sexo», no seu livro «Mata Hari», tal como o viu em Paris. Odilon Azevedo vem nol-o mostrar como o viu e encontrou no Rio, no seu romance que tem o titulo de «O 3.º sexo». Tanto o parisiense como o carioca são singularmente interessantes. Porque representam uma novidade na literatura. E como Odilon Azevedo é um romancista moderno, dono de um estilo nervoso e vibrátil, occorre que o seu «O 3.º sexo» é uma obra que justifica o exito que vae tendo. Não é preciso acrescentar que elle é autor de varios livros, inclusive um outro romance — «A mulher do promotor».

— Que fazes por estes tempos difficeis e ásperos?

— Leio, leio e leio. Procuo nos livros a consolação que me falta na vida real.

— E que lês?

— Rabelais, para rir. Balzac, para chorar.

— Como?

— Um é o desabafo do espirito que a tyrannia sinistra da idade

média enclausurava e que os primeiros alhores do renascimento li bertaram.

E' o riso sonoro e forte da populaça soffredora ante a queda das primeiras barreiras do feudalismo tóreo. E' a gargalhada gostosa do debique. E' a gaitada esfusante do homem de espirito ante as miserias e as mesquinhas. E' o acolte da troca no lombo dos tartufos, dos pedantes e dos canalhas.

— E o outro?

— Ah! Balzac é o mestre insigne da vida, o observador dos typos e dos actos, o ferro em brasa que marca no hombro os forçados da sociedade. Na sua obra, as humildes mulheres honestas passam entre a gloria social das gozadoras e das intrigantes, os usurarios como Gobsceck manejam os fios terriveis dos emprestimos, dos descontos e dos penhores, os funcionarios publicos mostram o canalhismo de suas attitudes miseraveis, a pobreza geme, o genio é perseguido, a honestidade se encolhe, a simulação domina, a vingança range os dentes, o lutar fermenta, a diplomacia sorri como uma hyena dourada, a po-



Fernando Pio tinha, nas letras pernambucanas, o seu relevo assignado como poeta, por isso que já publicára «Penumbra» e «Lua cheia», poemas de sensibilidade lyrica. Agora, elle se nos apresenta sob uma nova feição: a do romancista. «Terra de Montezuma» é o expressivo titulo que o autor dá ao seu novo livro. Esse romance, que se baseia em documentações historicas, reflecte uma personalidade de verdadeiro escriptor. E, com isso, Fernando Pio se deve dar por bem pago do esforço que a sua obra representa.



As galantes meninas Lucy Eyer, Dolores G. Souto, Maria Victoria Passos Barbosa e Nysa de Menezes, alumnas do quinto anno do Grupo Escolar Barão Homem de Mello, num bailado em que tomaram parte, por occasião da festa de encerramento das aulas naquelle estabelecimento. Animando a attitude choreographica das pequenas dançarinas, apparece tambem na photographia a sua professora d. Edul Rezende. E' directora do Grupo Escolar Barão Homem de Mello a professora d. Adelia de Godoy.

Parallos

(Dois desenhos, representando duas epochas differentes)

— Senhora, vosso noivo acaba de chegar. Quaes são as vossas ordens?

O coração palpitando violentamente, nervosamente pallida, Andréa murmurou:

— Dize-lhe que me espere no salão nobre. Irei ter com elle.

Durante alguns instantes, poude apenas respirar.

— Que tendes, senhora? — perguntou-lhe afanosamente a escrava. — Estaes pallida e tremeis... Oh! o amor, amor...

Andréa, num esforço, conseguiu, sinão tranquilizar-se, pelo menos recobrar alguma calma.

Examinou a «toilette». O grande vestido de ba-lão.

A cabeleira empoadada. Perfumou-se, sorriu ao espelho, e decidiu-se, então, ir ao encontro do noivo.

Em frente um do outro, ficaram immoveis e mudos.

Dir-se-ia que se tinham mutuamente.

E assim se deixaram ficar, olhos no chão, sorriso constrangido a borbulhar.

Depois, pensando com certeza que se deviam mostrar fortes, levantaram ao mesmo tempo os olhos.

Um encontro de olhares. Foi uma rude e nova emoção. Elle falou, por fim:

— Senhora, estou pro-



A festejada declamadora senhorita Lucia Lobo entre as flôres que corôaram o successo do seu ultimo recital, realizado no salão do Instituto Nacional de Musica.

fundamente grato pela vossa bondade em me receber. Imaginae que a côrte...

— O senhor está á espera, na bibliotheca... — annunciou um criado.

Acceitando um offerecimento tremulo e laconico, Andréa accitou o braço do noivo.

E, por aquella noite, estava terminado o idyllio...

— Melindrosa, os teus labios, quero os teus labios...

— Interesseiro! Ha quinze minutos que nos conhecemos e já me pedes beijos...

— Melindrosa... Boneca... Tens um corpo lindo... Eu quereria beijal-o todo, todo...

— Então começa por aqui...

— Sim, pela tua boquinha de golaba...

— Como te chamas?

— Luiz Roberto. E tu?

— Marita.

— Marita... Elle se parece contigo. Elle se parece com teus olhos marotos. Com teu corpinho fino de marota. Emfim... com teu amor, melindrosa, que deve ser mais maroto ainda...

— Vamos dançar esta valsa, Luiz Roberto?

— Não... Esperemos um samba. Senta-te aqui, no meu collo. Socega. Ninguem nos vê. Escuta.

Quando nos poderemos encontrar novamente? Escolhe um logar discreto. Melindrosa... Marita...

O idyllio estava apenas começado...

Conchita Cid.

A lenda do Papá-Noel

(Didi Caillet)

MEIA-NOITE. Noite calma e serena, envolta no maior silencio. No infinito, o céu negro e místico... as estrellas luzem como um punhado de brilhantes sobre um retalho de velludo sedoso. A lua, como se fôra de crystal, rolava transparente e redonda, tal uma perola maravilhosa...

Na terra, longe da cidade, á luz do luar, sob a protecção dos astros, numa cabana, coberta de ramos seccos, no seu bercinho feito de junco e palha, o Menino Jesus dormia...

Sua Mãe, a doce Maria, acalentava-o, e cantando mansamente.

Estava ali, deante dos seus olhos deslumbrados, o Deus-Menino, tão fragil e tão pequenino, que deveria sacrificar-se, mais tarde, para salvar o mundo.

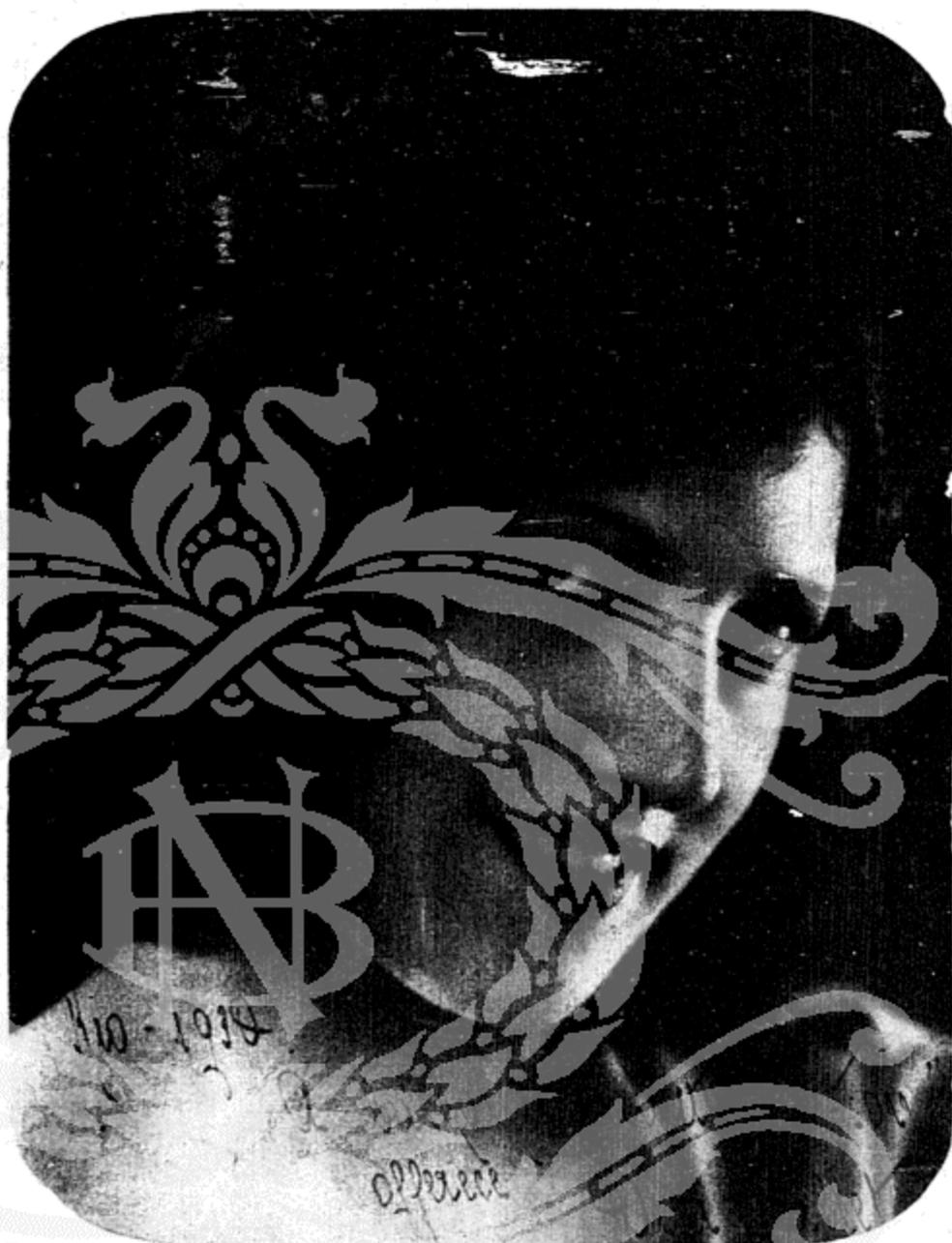
O Menino dormia suavemente...

Subito, uma estrella maior, que tremeluzia lá no alto, aproximou-se mais, como para clarear e aquecer aquella humilde e misera choupana. Aproximou-se o astro como uma pupilla curiosa e ardente. A claridade da meiga estrella, coando-se pelo colino do casebre, fez a criancinha loura estremecer.

Acordou assustada, olhou em volta e choramingou. Nossa Senhora tudo fez para acalmá-la. S. José mostrava-lhe o céu e os pastores, os primeiros fieis, que acudiram ao chamado da estrella magestosa, principiaram a tocar, nas suas flautas, as ternas canções dos campos, que por Bethlem, Capharnaum e Samaria embalavam as almas simples. Jesus chorava baixinho...

Sua Mãe, então, elevando para Deus os mais formosos olhos da Palestina, pediu o socego, a perfeita paz, para aquelle anjinho.

... Pela porta redonda e prateada, do céu, que é a lua, surgiu um vulto de homem, que vagarosamente principiou a descer por um raio denso do luar. Era um velhinho.



DIDI CAILLET, que é um nome sempre em relevo, entre nós, não só pelo seu prestigio social e a sua belleza, mas ainda pela sua intelligencia, escreveu, especialmente para o FOX-FON, a pagina que offercemos hoje aos nossos leitores. A Lenda de Papá Noel devia ter apparecido em nosso numero de Natal, o que não se deu, por motivos independentes da nossa vontade.

Esvonejava-lhe a barba immensa, tinha ás costas um sacco... Cautelosamente, aproximou-se da criança chorosa, e disse:

— Lindo menino, não chores, não. Venho do céu e trouxe, para ti, os mais bellos brinquedos. Vim por aquelle raio prateado e quente. Tão quente, que tornou a minha tunica da cor do fogo, e tão prateado, que clareou os meus cabellos e a minha barba longa... Vê, no meu surrião tenho os mimos bonitos que farão sorrir o teu coraçãozinho magoado... Não chores, não! E's a mais ditosa criança; traço-te tudo o que os outros petizes desejam na

terra e só conseguem nos seus sonhos infantis...!"

Jesus já não chorava... Sorriu e, prodigiosamente, falou:

— Não, bom velhinho! Eu não quero essas prendas. Eu desejo, para brincar, aquella bola grande de crystal e aquelles pontos brilhantes que seintillam lá no céu... Esses brinquedos que estão no teu surrião são para as outras crianças... as pobres crianças do mundo... Pela terra fôra, bom velhinho, serás o Papá-Noel, e todos os annos, pelo Natal, percorrerás os paizes espargindo ventura e felicidade, tornando os sonhos bonitos das crianças

meigas, em deliciosa realidade, que durará uma noite, mas a noite mais encantadora da vida!

O velhinho tornou a atirar ao hombro o surrião, soprou as mãos enregeladas de frio, puxou para as faces a golla do gibão — e sahio por este mundo de Deus, a distribuir os mimos do Natal.

Ha vinte seculos que elle caminha — Judeu Errante da esperanza, do sorriso e da caridade.

Numa linguagem moderna, o Papá-Noel é o embaixador de Jesus aos quatro cantos do mundo...



Muito brilhante e animado, decorreu o baile com que o Praia-Club comemorou o Natal. Nos luxuosos salões do elegante «cercle» se movimentaram as figuras mais representativas do «set» carioca.

FILIGRANAS

Depois que as mulheres deram para cortar os cabelos, acabou-se o fetichismo que os homens professavam por esses appendices negros, castanhos, louros ou ruivos. Quem, hoje em dia, se lembra de medalhões, monogrammas, trances

lins, anéis, correntes e outras bugigangas de cabelo? E somente os ecos do passado ñes repetem os versos celebres:

*De ces je ne sais quoi, qu'une
[amante tira
du verger de Cypris, labyrinthe
Ides fées,*

*et qu'un duc autrefois jugea si
[précieux
qu'il voulut honorer d'une che-
[valerie,
illustre et noble coupéric,
moins pleine d'hommes que de
[Dieux.*



Como todos os annos, o Club de Regatas do Flamengo festejou com um lindo baile a passagem do Natal. Ao som de excellente «jazz-band», os pares giraram nos salões, numa alegria e numa cordialidade constantes. No aspecto photographico que estampamos, apparecem as damas e cavalheiros que tomaram parte no baile do querido club.

HERMES-FONTES -- O tragico fim desse nosso querido companheiro.

QUANDO se divulgou a noticia de que o nosso querido companheiro Hermes-Fontes varára a cabeça — a sua luminosa cabeça — com uma bala voluntaria, houve entre nós — os seus amigos desta casa — um violento estupor. Olhar accêso numa duvida, num espanto crescente, parecia que cada um de nós investigava, sem palavras nem gestos: "Mas, será possível? Será mesmo verdade?" Infelizmente, o insigne artista de *Apotheoses*, o maior poeta do Brasil contemporaneo, o nosso companheiro de ideias, de lutas e decepções, desertára da vida, em meio á gloria que lhe realçava a personalidade. E, mal refeitos da rudeza do golpe, instinctivamente, philosophámos sobre a precariedade das conquistas e das glorias terrenas. Hermes-Fontes, o excelso poeta, cuja arte proporcionára tantos enievos ás creaturas românticas, aos espiritos inclinados ao sonho, ás sensibilidades fidalgas e aristocráticas; que tivéra os seus versos florindo, como rosas de ouro, nos labios das mulheres formosas; que embalára tantas almas com a melodia das suas estrophes; que as impregnára com as essencias mais doces da sua poesia; — Hermes-Fontes, o nosso pobre companheiro, tombára, vencido pela descrença, pelo pessimismo, pelo fel que encontrára no seu destino luminoso. Mas, por que se matára o fidalgo emotivo da *Lampada Velada*? Uns attribuiam o seu desvario ao facto de ter elle perdido a fé na justiça e na bondade dos homens; outros, faziam delle um suicida

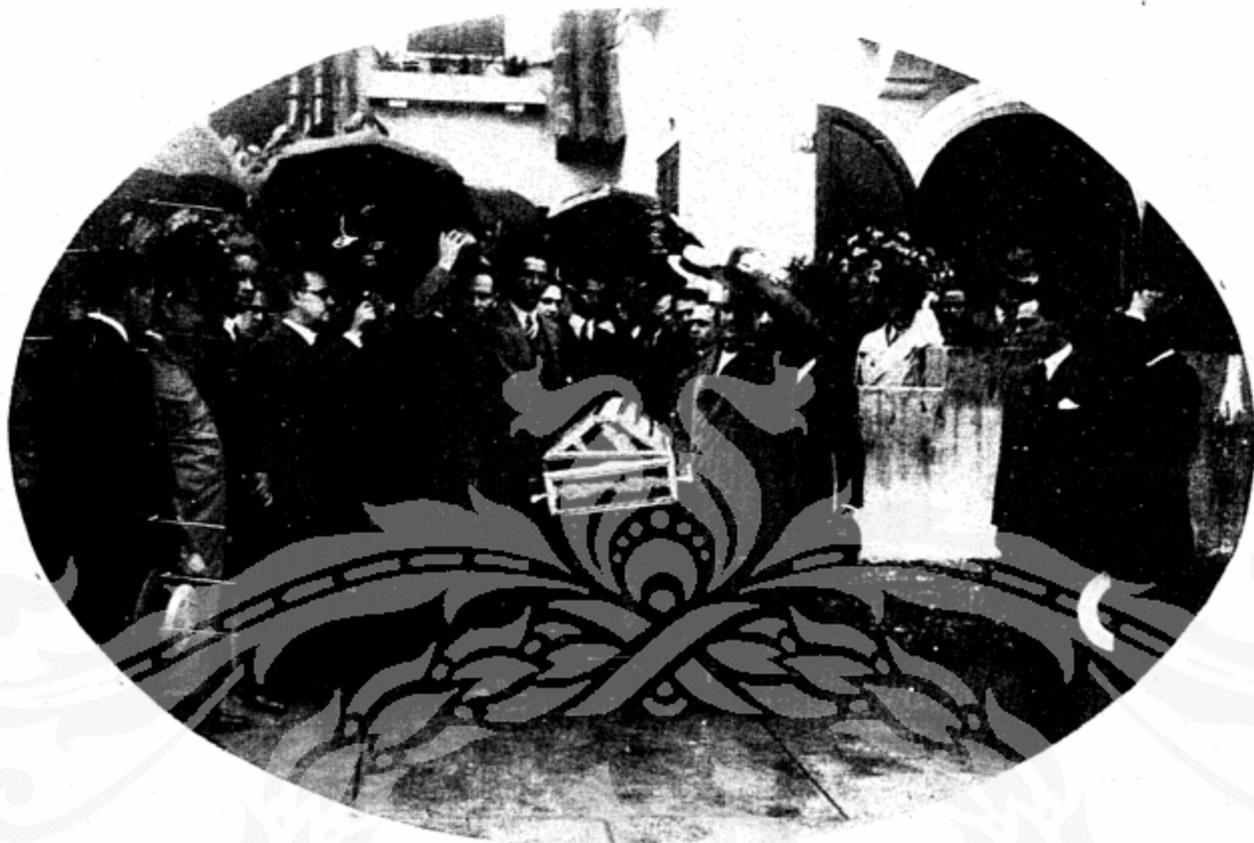
romântico: — morrera por amor!... Musset escreveu: "Ha um poema de dôr na alma de todo homem que se mata". Para que o lyrico de tantas paginas opulentas cortasse o fio da existencia, com uma bala certa e fulminante, foi mistér, sem duvida, que houvesse muitos outros poemas de dôr na sua alma sensível, e que elle soube esconder, certamente, aos olhos indifferentes do mundo. Porque os outros — os outros poemas de grandiosa belleza — todos nós os conheciamos de sóbra. A *Fonte da Matta*, o seu ultimo livro, é bem um espelho de aguas sonoras e profundas, onde se reflectem as suas melancolias, os seus desgostos, as suas dôres, na forte nudez do amargor de quem ama e vae, de decepção em decepção, accumulando as suas magoas indizíveis. Sem nos arrogar fóros de casuistas do coração humano, deploramos, de qualquer modo, as circunstancias que levaram o nosso illustre companheiro a esse gesto de desespero infrene. Mas, já que o seu destino se cumpriu, dentro de lances tão intensamente dramaticos e imprevisitos, choramos, com as letras do paiz, a perda do magnifico poeta e do inesquecível companheiro. E, emquanto, sobre a mudez do seu tumulo, ainda vicejam, piedosamente, em corôas votivas, as flores de todos aquelles que se habituaram a admirar o querê-lo, como poeta e amigo, que brote, que se erga e desabroche em sua memoria, — na brancura da sua pureza inconspicavel — a flor da nossa impercive saude.



A ultima photographia de Hermes-Fontes.



OS FUNERAES DE HERMES-FONTES



O enterro de Hermes-Fontes, o nosso querido companheiro e amigo que tão tragicamente desertou da vida, foi uma legitima consagração à gloria e aos méritos do altissimo poeta cuja musa impressionante o collocava entre os maiores de sua raça e o mais vigoroso de sua geração. Na tarde chuvosa de sabbado, os restos mortaes do grande artista e sonhador foram conduzidos ao cemiterio de São João Baptista por um grupo numeroso de amigos, collegas e admiradores, que prestaram uma homenagem commovida à memoria daquelle que tanto cantou a melancolia das horas cinzentas e as bellezas inuteis da vida. Dir-se-ia que a natureza tambem pranteava o desaparecimento do poeta — do seu poeta doloroso e bom, que o mundo soube admirar no seu genio lyrico, mas não soube comprehender no seu coração illuminado de doçura e de amor.

Sob a chuva insistente, sob a chuva triste, se realizou o sahimento funebre da vivenda da rua Conselheiro Lafayette para a necropole da rua General Polydoro. Muitas flores. Flores da saudade dos seus amigos. Muitos automoveis no acompanhamento, que foi notavel, apesar do mau tempo.

No cemiterio, innumeradas pessoas aguardavam a chegada do corpo. Homens e mulheres. Todos profundamente

te compungidos, todos recolhidos num mesmo gesto de amargura.

À beira do tumulo que se abria para o infortunado poeta, falaram cinco amigos de Hermes-Fontes: Povina Cavalcanti, Porto da Silveira, Oswaldo Orico, Armando Cardoso e C. de Paula Barros. Todos disseram palavras de infinita saudade e infinita angustia, que augmentaram as lagrimas dos presentes.

Depois, baixou à sepultura a materia que encerrára, durante 40 annos, o grande espirito do maior poeta brasileiro destes dias atormentados do nosso seculo.

A nossa pagina fixa dois detalhes dos funeraes de Hermes Fontes, quando o corpo deixava a residencia da rua Conselheiro Lafayette, em Copacabana, e quando chegava ao cemiterio.

FON-FON fez-se representar no enterro de Hermes Fontes por uma commissão composta de seu director, sr. Sergio Silva, e dos nossos companheiros Martins Capistrano, Lello Vieira Machado, Ary Sergio da Silva e Renato Paimeira. Ainda sobre o feretro mandámos collocar uma corôa — homenagem do pessoal desta casa ao seu mallogrado collega.



Dezembro

HERMES - FONTES,
no seu trágico
designio, escolheu a
noite de Natal, o mez
festivo da Natividade
do Deus-Menino, para
se refugiar na gran-
de noite da Eterni-
dade. Elle o fez con-
scientemente, sem
duvida. Porque nin-
guem melhor do que
elle soube sentir, co-
mo poeta, os doces
encantos do derradei-
ro mez do anno. Ahi
está, para compro-
val-o, o seu formoso
poema «Dezembro»,
que extrahimos do
seu livro «Desper-
tari!...»

**H E R M E S
F O N T E S**

*Dezembro em meu paiz! Ao pôr do sol, dir-se-ia,
o Azul se amplia,
o céu augmenta, a terra augmenta, augmenta o mar.
Que espectáculo! E que hora de harmonia!
E que ventura, na melancolia!
E que sereno orgulho, no pesar!*

*As montanhas estão mais altas, como á espreita,
esforçando-se para alongar o horizonte,
para ver, através
da paisagem, de frente,
todo o cyclo orographico, que a estreita:
E, por subir mais alto, as ondas, mansas,
têm a curiosidade das crianças
e parecem ficar na pontinha dos pés...*

*Dezembro em meu paiz! Os bairros miseraveis
são, neste mez de festas,
mais alegres, talvez, que os bairros nobres.
— Que saudade, nas almas dos velhinhos!
Que amor, nas dos mendigos veneraveis,
tactantes nos caminhos!
Que alvoroço feliz nas casitas modestas
das mulheres do povo e dos meninos pobres!*

*E que riqueza a desses pobrezinhos,
por este mez de Deus, de tantas festas,
em que os sinos têm voz de passarinhos
na galola da torre, e os proprios dobres
são tão alviçareiros e joviaes
como uma algaravia de pardaes!*

*Natal em minha terra!
Dezembro em meu paiz!
Que encantadora ingenuidade encerra
a legenda que diz
scr o Menino-Deus cidadão brasileiro
— tanto que poz aqui seu cofre e seu celloiro,
tão amigo que elle é do meu paiz!*

*A estas horas, lá longe, o frio é tanto!
Néva a aldeia, Jesus!
Nem o céu a protege com o seu manto!
No entanto, a mão de Deus nos é tão leve,
que, emquanto noutras terras cáe a neve,
aqui a neve cáe ardendo em luz!*

*E que thesouro, na scenographia
das tardes longas, pôr-de-soes sangrentos,
quando, ao morrer do Dia,
ha estremecimentos
cyclopicos, titanicos, maiusculos,
como si os Deuses e os Titans — reconciliados —
resurgissem de nós, maravillados
na representação divina dos Crepusculos!*

*E, quando a noite desce,
tão carregada de constellações
que mais parece o céu uma Arcore de Estrellas
ao alcance das nossas Illusões...
— Que bem, nas almas! que extase, entretêl-as
no milagroso balsamo da Prece
e no entresonho das Recordações!*

Fugindo à vida...

HERMES-FONTES desertou da nossa companhia.
 Já agora não faz parte da caravana sonhadora do Fon-Fon.
 Apagou-se a luz gloriosa do seu espirito, e não aqui estamos inconsoláveis, com a penna suspensa e o cerebro torturado, estarecidos deante da brutalidade do destino do Poeta que fugiu ao convívio do nosso coração.

Ao estreitál-o ao peito, ha dias, com a effusão de sempre, e ouvindo as mesmas palavras de carinho a que me acostumára a sua alma bonissima, longe estara de supôr que era esse o nosso derradeiro encontro.

Conhecendo-lhe embora a vida amargurada dos ultimos tempos, não suspeitava siquer que Hermes-Fontes estivesse preparando pelas proprias mãos a sua partida para junto das estrellas...

Mas, despertado da grande surpresa, comprehendendo perfeitamente o seu gesto tragico.

Fatigado da inveja dos homens, da maldade alheia, viuro do seu immenso Amor, só lhe restara a felicidade de encontrar na morte o socego, a paz que nunca tivéra em vida.

Curvou a cabeça e seguiu o seu destino.

Cumpriu a vontade dos Deuses desse Olympo encantado que só os Poetas ousam penetrar!

Quebrou-se a lyra de oiro, cessou o canto de quem foi, no panorama da poesia brasileira contemporanea, o expoente maximo da sua belleza.

Quando do apparecimento, em outubro, ultimo, de A Fonte da matta, o ultimo livro do querido companheiro, nestas paginas brancas tentei esboçar qualquer coisa do que havia vislumbrado através a leitura do volume.

Então, affirmei que não havia necessidade do Poeta fazer testamento, abrindo a todos, simples e ingenuo, o coração.

Felicidade, que já foste minha...
 eu tenho inveja da felicidade!

* * *

Ao subir hoje as escadas do Fon-Fon, tenho a ailtida sensação de que penetro numa casa vazia...

Paira um silencio mysterioso sobre todas as coisas, e nós, os que ficámos, apenas nos fazemos comprehender pelo olhar.

Uma lagrima destisa em cada face.

Saudade do Poeta?!

Mais, muito mais.

E' que nós sentimos perfeitamente ser Elle insubstituivel na caravana sonhadora de Fon-Fon.

Poeta de raça, como de raro em raro apparece, deslumbrou e ha de ficar perpetuado na galeria dos nossos maiores jcalheiros do verso.

Viveu, soffreu!

E fugindo á vida, silenciosamente, no isolamento da sua casa deserta de todo o carinho, não viu realizado o sonho de acordado que teve ao escrever Roman-tismo, supremo poema da Dôr:

.....

Ter o consolo de te vêr chorar,
 ser feliz de te vêr arrepende...

Adoravel prazer,
 consolo salutar...

Pois com certeza, a hora de morrer
 seria a hora de resuscitar...

MARIO
POPPE

A beira do tumulto de Hermes-Fontes

POVINA Cavalcanti, que foi um dos amigos de Hermes-Fontes que mais intimamente privaram com o glorioso artista de "Apotheoses", foi, tambem, a primeira voz que se ergueu, desolada, á beira do tumulto do grande poeta e nosso querido e saudoso companheiro.

E' a seguinte a sentida oração com que o illustre escriptor de "Telhado de Vidro" se despediu do seu grande amigo:

De joelhos...

(PENSANDO EM HERMES-FONTES)

*Deus-Supremo, a quem tanto amo, em quem tanto creio,
Leva meu Sér afflicto ao teu bondoso seio...*

*Soffrer não posso mais. A Vida é uma tortura
Sem paz e sem Amôr. Anseio a sepultura.*

*Prefiro repousar solennemente morto
No cháos do Nada — num estranho e turbido Hôrto.*

*Outros almejam o ouro e os bens que o Mundo encerra;
— Contentam-me, Senhor, sete palmos de terra...*

*Dá que eu goze com a Morte um lugubre noivado,
Na fria solidão de um tumulto isolado.*

*Viver deve, quem tem a humana lealdade,
Os outros, morram, sem causar pena ou saudade...*

*Si me impuzeres esta existencia de abrolhos,
Aqui me tens, Senhor, tira-me a luz dos olhos...*

*Que eu fique surdo e não mais ouça os sons e os beijos,
E mudo fique e não mais diga os meus desejos...*

*E' mistér n'Alma ter indomitos gemidos,
Para assim blasphemar perdendo estes sentidos...*

*Deus-Supremo, a quem tanto amo, em quem tanto creio,
Leva meu Sér afflicto ao teu bondoso seio...*

SOLFIERI DE ALBUQUERQUE

"Meu pobre amigo!

Poucos saberão, como eu, medir a profundez da desconforto moral que te arrastou aos extremos desta hora tragica. Poucos terão lido na tua alma de criança grande aquella doçura interior, que era ingenua e amorosa, e para a qual a vida tão aspera não avelludou nunca o mais pobre refugio de ternura.

Sei quanto te foi inhospita a vida: quanto te foram indifferentes

os proprios amigos: quanto te consumiu o amor, que em nós outros floresce e dá frutos.

Tiveste o predestino do soffrimento; nasceste para cruzar de pés nós uma estrada cruciante.

Nesse calvario só tiveste o conforto panoramico das estrellas, que eram o teu espelho celestial e que, por serem inatingiveis, augmentavam as tuas ansias e te atiravam cada vez mais para fóra da vida e da razão!

Meu amigo, meu pobre amigo! Na noite de hontem, quando meus olhos rasos dagua pousaram sobre o teu vulto, estendido no divan, tendo ainda á mão, meio cahida, a arma nickelada que te varou o cerebro, eu vi estampada no teu rosto uma serenidade que fóra preciso a morte para te dar. Em vida nunca a encontraste, nem nos teus dias mais aparentemente felizes...

Já agora a posteridade celebrará a tua gloria, e tu a ouvirás, do fundo do mysterio impenetravel, como uma voz da justiça, que não falla.

Apressaste, apenas, este julgamento, que seria infallivel. Cansou-te o deserto da vida, sem o lume de um amor. Morreste orphão de uma saudade, e foi por isso que a tua arte — Poeta maior do meu paiz — não te bastou.

Deus de misericórdia: guíe pelos vossos infinitos caminhos a alma do meu pobre amigo; perdoe-a como está escripto na vossa oração. Assim tambem elle perdoou os seus amigos e inimigos."



Regressou da Europa, acompanhado de sua exma. família, o dr. Epitacio Pessôa, que tomou parte, como representante brasileiro, nos trabalhos da ultima sessão ordinaria da Côrte Permanente de Justiça Internacional, de Haya, e depois permaneceu alguns mezes no Velho Mundo, repousando das fadigas de sua missão. O desembarque do ex-presidente da Republica, ex-senador, ex-ministro do Supremo Tribunal Federal e homem publico de grande prestigio esteve bastante concorrido de elementos representativos de varias classes sociaes. E' um aspecto da chegada do dr. Epitacio Pessôa que focaliza a gravura acima.

FILIGRANAS

Noticiou um matutino que um dos nossos grandes chefes politicos costumava consultar chiromantes e adivinhos, tendo tido até na sua casa um cartomante official...

A moda é velha. Os antigos reis faziam os astrologos lêr o horoscopo dos principes herdeiros. Muitos delles, na remota antiguidade, consultavam as pythonisas dos templos e os oraculos dos santuarios. E o proprio Tiberio fazia sondar na marcha dos astros e nas entranhas das aves, na areia das ampulhetas e nas linhas da mão, as incertezas de seu destino... «Nihil novis»...



Olavo Bilac, que é sempre o grande poeta de todas as gerações brasileiras, foi mais uma vez reverenciado na sua gloriosa memoria, por occasião da passagem do decimo primeiro anniversario de sua morte. No salão da Liga de Defesa Nacional realizou-se, na tarde de domingo passado, uma solennidade em que o illuminado artista da «Tarde» foi evocado e glorificado pelas vozes mais representativas da quella associação e da Federação de Escoteiros do Brasil, promotoras dessa homenagem á memoria de Bilac.



O Mercador

O homem, embaçado até os olhos, fitando com precaução a rua, afim de certificar-se de que ninguém o via, entrou, apressado, na velha farmácia, que conservava uma porta sómente encostada, apesar do adeantado da noite. Uma luz muito fraca illuminava o interior do estabelecimento. Ninguém alli. O homem bateu palmas. O mesmo silencio. Mais palmas, irritadas agóra. Da semi-escuridão surgiu uma figura alta e magra, que se adeantou para o visitante, com visiveis gestos de desconfiança. Meio curvado, as mãos enclavinadas sobre o peito mirrado, uns olhinhos de cruja brilhando atrás dos oculos de aros dourados, o pharmaceutico acercou-se.

Cahiú a capa que cobria os olhos do homem. Uma cara de chinez, horrivel, caricata, appareceu. Abrindo um pouco os olhos amendoados, elle perguntou, pondo á mostra uma carreira de dentes grandes e amarellos, ponteagudos como seixos limados: — Grande sortimento hoje? Meus freguezes encommendaram-me muita e eu me fio na sua palavra...

O pharmaceutico sorriu, estranhamente:

— Serás satisfeito, Hong-Láo! Bem sabes que não prometto em vão...

Dirigiu-se a um armario que abriu, descobrindo duas minusculas gavetas. De uma dellas tirou uma caixinha vermelha, que collocou sobre o balcão. Cinco vidros iguaes, com rótulos de remedios, se enfileiraram ante o chinez. Este avançou para os vidrinhos, com o olhar cubicoso. Desconfiado, o ignobil pharmaceutico segurou-lhe a mão:

— Não, Hong-Láo! Primeiro o "arame"... depois o "remedio"...

Duas cédulas fóram postas em suas mãos.

— Vale o dobro o meu "medicamento." Ou me das mais, ou elle fica aqui, á espéra de um comprador mais generoso... Ninguém te venderá essa maravilha tão barato, Hong-Láo!

Resmungando, o chinez lhe passou mais uma nóta. O outro sorriu, satisfeito. Tornou a collocar os vidrinhos na caixa vermelha, que passou ao chim. Este occultou-a depressa no interior do capóte.

Em seguida, espremendo os olhinhos sinistros, recommendou ao estranho commerciante:

— Para outra vez, ópio tambem... Muitos o preferem. Dizem que adormece melhor...

— Pois sim, Hong-Láo. Tel-o-ás em breve... E silencio, para o teu proprio bem...

Os dois cumplices apertaram-se as mãos. Hong-Láo oiheu com receio a rua. Depois, ligeiro, deitou a correr, sem voltar-se para trás, como uma corça perseguida por matilhas, apertando com carinho ao peito a caixinha que lhe daria uma fortuna...

ELLA foi a unica que não pode comprar cocaina. Não tinha dinheiro algum. Os admiradores já lhe faltavam, agóra que a sua belleza se tornava crepuscular. Viu as outras companheiras ganharem o seu quinhão, em tróca do dinheiro que passavam ao vendedor. E, allucinada, os olhos em febre, a bocca pegajosa e as mãos tremulas, aproximou-se do chinez.

— Uma gramma, uma gramma só, Hong-Láo! Por piedade! Na outra vez que aqui vieres, eu te pagarei.

Juro-o! Não tenho dinheiro agóra. Mas hei de arranjar-o em poucos dias. E tu serás pago com generosidade. Tem compaixão de mim, Hong-Láo! Bem



□ CONTO DE
Lucia de Moraes

Die sonhos

sabes que eu nunca te roubei. Oh! Todas as cutras ganharam, só eu fiquei sem a minha parte... Dá-me uma gramma... Uma grammazinha só... Eu te pagarei depressa... Por misericórdia, Hong-Lão!

O chinês teve um riso alvar. Em seguida, cravando o dedo osseo no peito da rapariga, disse, pausado: — Dinheiro, dinheiro, minha bella... Ou dás dinheiro, ou eu me fico com a cóca... Ella teve um gesto de desespero. Ergueu-se, pascou a mão pelos cabellos do chim. Chegou o seu rosto d'elle. Sorriu. E o seu sorriso era uma promessa. Hong-Lão afastou-a um pouco de si. Examinou-a, não entendedor. Ella teria, quando muito, uns vinte e cinco annos. Mas o vicio a estragara. Seus olhos sem brilho, os cabellos escassos, os dentes sujos e quebrados. Não tinha carnes o seu corpo esguio, ossos salientes. Toda ella cheirava a miseria e cansaço. O chim empurrou-a com asco para longe.

Não. Aquella mulher não valia uma gramma de cocaina. Ella atirou-se aos seus pés. O chinês não se commoveu. Viu que seria inutil tentar convencê-lo.

Desvaírada, enfiou a mão dentro do seio. Retirou d'alli uma medalhinha de ouro com dois brilhantes cravejados. Um retratinho de criança alli sorria, com graça e innocencia. A infeliz beijou-o, commovida. O seu filhinho... O anjo que ella abandonára, annos atraz, fascinada pelas palavras de um homem que disséra amál-a e depois a atirára naquella vida de misérias... Toda a recordação do seu passado de amor... O marido, tão bom, tão amoroso e gentil... O retratinho do filhinho, que nunca a abandonára na sua vida desregrada, como lembrança do seu melhor amor... Ia agora trocá-lo, por uma gramma miseravel de veneno! Vacillou. Pensou, porém, na felicidade momentanea, nos sonhos azues, na bemdita loucura causada pela dróga...

E, com lagrimas nos olhos, o coração cheio de desejos e cheio de remorsos, deu-o ao chinês. Elle examinou a joia. Era ouro bom. E os brilhantes... A desgraçada teve o seu quinhão.

Ella deitou a correr pela casa a dentro, á procura do seu aposento, onde iria conhecer horas de ventura, suas ves momentos de febre e esquecimento... E, no seu delirio, bemdisse o mercador, o vendedor de sonhos, que lhe daria de novo a illusão da felicidade perdida...

HONG-LÃO estava satisfeito. Ganhára como nunca. Aquella medalhinha, principalmente, valia uma fortuna. Abriu-a. No seu desvario, a desgraçada nem se lembrára disso. Tirou a photographia da criança e atirou-a fóra. O retratinho cahiu numa poça de agua suja, onde ficou a sorrir, perdendo, talvez, á mãe leviana e desgraçada...

... E, pela rua a fóra, contente pelo negocio que fizera, foi-se o vendedor de sonhos, sem saber nada da tragedia da pobre tysica, que lhe déra o seu unico consolo e a sua unica fortuna por uma gramma do veneno branco, com que se atordoar e esquecer... esquecer...



ILLUSTRAÇÃO:
PAULOWERNECK

Árvore do Bem e do Mal

Claudio Franca



Meu Natal

Eu nunca acreditei em Papai Noel. Na minha terra pobre, obscura e distante, esse frequentador das mansões ricas não costumava aparecer. E o meu lar era tão esquecido e tão mesquinho, que elle ali jamais poria os pés. Além disso, aquella região árida, resequida, batida de muito sol, não convidava a um passeio a relincho da neve, embrulhado em peliças e costumeiro a supportar por cima dos telhados o frio mortal dos invernos europeus.

Eu nunca acreditei em Papai Noel. Havia lá onde nasci quem collocasse o sapato ou o chinellinho sobre o tecto da casa ou á janella do quarto, para que nelle os anjos puzessem as suas dádivas deliciosas. Eu nunca puz as minhas sandalias rôtas ao peitoril, porque sabia que os anjos não olhariam para ellas...

E toda a minha vida procedi assim. Mas este fim de anno, para tentar a sorte, fiz o que nunca havia feito e o que jamais deceria fazer. Offereci meus sapatos á benevolencia e á generosidade dos poderes occultos. E os encontrei cheios de decepções...

Creio que foi porque nunca acreditei em Papai Noel...

FAIANÇAS

A FAMÍLIA TERREMOTO

A maior curiosidade que ha na minha rua, não é o facto della se encravar na encosta de um morro verde, onde, biblicamente, as rezas pastam, na relva fresca e raza; não é a fome voraz de affecto e de beijos, de algumas melindrosas sapéas, caricatamente vestidas de amarello, enfeitadas de rosa, e que usam meias brancas, ao anoitecer, quando se atracam a amofadinhas vazios de idéas e de tudo; não é aquelle melano maldito, que matuca, insanamente, gambas e fox-trots... Não é aquelle par de matronas, que se derramam, á tardinha, sobre as janelas da rua, bufando de calor e fealdade, mobilhotando a vida de Deus e o mundo...

O que ha de mais notavel na minha rua, meus senhores, é a "família terremoto".

Ah! é allucinante! Não se pode fazer uma idéa!

Ha, na "família terremoto", tres ou quatro senhoritas. De 19 a 35 e p'cos. E' uma escala soberba. Ha tambem uma curiosa mistura de typos entre ellas: — desde a branquinha semi-loura á mestica dengosa, mulatinha candente, legitima não-me-toques...

Juntemos n'isso um cachorro feroz e um papagaio mineiro.

O vinho ali corre abundante, á hora do jantar, como nos festins orgiacos de Baccho. Resultado: as pequenas, um pouco incendiadas, caem na farra com

os namorados. O pae fica inerte. A mãe vira valente. O cachorro ladra como um damnado. O papagaio grana, numa algazarra infernal. A victrola ensurdece.

No meio de tudo isso, surge um garoto da casa, com uma *patinette*, que rola na calçada, irritando-nos a paciência e os nervos.

A's onze horas, quando as mulatinhas voltam, a madame se capacita do seguinte: 1.º — ellas acham dinheiro ao meio da rua; 2.º — passeiam de automovel; 3.º — encontram *boubons* e casquinhas de sorvetes no jardim... Tudo isso de parceria com os namorados.

A dona da casa não acredita nos milagres. E, assim, enquanto o pae resona, como um justo, ainda sob a acção entorpecente do vinho, o pau ronca nas costas das melindrosas.

Crises de nervos. Berreiro das que apanham. O ladrão do cachorro. O grinar do papagaio. Palavras, palavões & palavrinhas, — que se cruzam no ar.

Em torno, a vizinhança não prega somno. Vive num sobresalto constante.

E' de enlouquecer! Durante uma semana, andei á procura de uma expressão que definisse bem aquella gente diabólica.

E a melhor que encontrei foi: — "a família terremoto".
Yves.



Uma linha de estatuza grega. Um lindo sorriso que encanta. E' uma belleza cearense: Mlle. Evangelina Saboya de Albuquerque, filha do illustre magistrado dr. José Saboya de Albuquerque.



Balcão Florido

A CANÇÃO DA SAUDADE

MEU amor, meu grande amor — Tenho a impressão de que lhe escrevo com tinta feita de lágrimas, uma tinta *gris-perle*, estillada nos vasos mais puros do meu coração, para fixar nesta pagina toda a minha inquietação interior.

Meu amor, meu grande amor, talvez você não me compreenda, não. E, talvez, sem compreender esta angustia da minha solidão e sem ouvir o éco deste clamor de desespero, sorria, quasi indiferente, para dizer-me, depois, que a sua "creança" nunca será bem um homem, como se todos os homens que amam pudessem deixar de ser a creança grande que sempre serão!

Meu amor, o crepusculo que desce e vela de cinza e de mysterio a natureza, as coisas, os seres, enche de sombras minha alma e meu coração...

E, dentro da tarde que morre, a plangencia dos sinos, que parecem chorar, espalha seus rythmos de bronze no ambiente de melancolia e de saudade da minha solidão.

Meu amor, tenho saudades de você. Saudade do seu beijo morno e confortante como um vinho loiro e generoso. Saudade da suave doçura de sua voz cheia de canções de amor. Saudade da carícia fresca de seus braços. Saudade do perfume floral que se desprende de todo o seu ser. Saudade do refugio tranquillo do seu collo macio. Saudade da carícia illuminada de seus olhos negros, que são a luz da minha vida...

Meu amor, a aza inquietada das ultimas andorinhas risca, no céu crepuscular, o adeus da

despedida, antes do recolhimento ao aconchego quente dos ninhos...

E eu me sinto tão só... E você não vem. E você não volta para o seu

desertos immensos desce sobre mim, sempre que você está ausente.

Em vão os rythmos de ansiedade e rebeldia de minha alma, a supplica,

mais niguem, meu amor — me sabe dar...

Meu amor, meu grande amor: tudo aqui, tudo que me cerca me fala de você. E eu lhe tenho "presente", sempre "presente", minha adorada ausente!

Sua alma, todo o seu ser, eu o sinto aqui, no perfume da saudade em que você me deixou.

Meu amor, faz-se noite e, no céu, as estrellas têm estremecimentos de carícia nas pupillas illuminadas.

E eu me sinto tão só... E você não vem para a realidade do sonho nupcial do meu amor!



A senhcrita Dolores Cruz, que é uma galante figurinha de mulher, intelligente e bonita, acaba de concluir o curso superior de commercio no Instituto La-Fayette, onde sempre se distinguuiu pelos encantos de seu espirito e da sua graça pessoal. Filha do sr. Fortunato Cruz e da escriptora Rachel Prado, a senhorita Dolores Cruz recebeu o seu diploma na solennidade do dia 13 de dezembro findo, quando foi alvo de carnhosa homenagem por parte das tuas numerosas amiguinhas e collegas.

ninho amigo, querida e ingrata andorinha da minha saudade!

Ser só... A angustia e a afflicção de viver só...

A immensa solidão dos

em surdina, das minhas preces e as vozes, e os gritos, e os clamores de meu coração pedem o conforto e a consolação — que só você — você e

*Le foyer, la lueur étroite
[de la lampe,
La rêverie avec le doigt
[contre la tempe
Et les yeux se perdant
[parmi les yeux aimés:
L'heure du thé fumant et
[ides livres fermés:
La douceur de sentir le
[fin de la soirée:
La fatigue charmant et
[l'attente adorée
De l'ombre nuptiale et
[de la douce nuit...
Oh! tout cela mon rêve
[attendri le poursuit
Sans relâche, attristé
[toutes remises vaines
Impatient des mois, frivole
[ricieux des semaines!*

E você não vem... E eu me sinto tão só!
Se, ao menos, tambem você se recordasse?

*Souviens-toi. Le grand li-
[s'ouvrant dans l'ombre
[large
Pareil à quelque livre
[austère et médité
Où ton corps fastueux
[semblait inscrire et
[marge
Le poème du sang et de
[la volupté.*



Um grupo de pequenos alumnos do Collegio Aldridge, em companhia do director daquelle estabelecimento, e alguns de seus professores, num dia de festa escolar.

FUI, hontem, ao Collegio Aldridge, a este magnifico estabelecimento de ensino, da praia do Flamengo, que em si realiza, no campo da pedagogia pratica, um extenso e real programma de educaçao methodica, em que processos e fins, alvos e meios, se alternam em uma ordem maravilhosa e productiva.

O grande collegio parecia descansar da canicula exhaustiva do dia cheio de luz e de calor intenso. Entrei; cerradas as innumerables janelas, desertos os pateos e jardins; em todo canto e recanto o grande silencio da deserção. Nas salas, não mais o resoar de vozes a repetir lições; nos campos de recreio, não mais correrias de crianças e o tumulto de gritos de alegria e de prazer; nos corredores, não mais o perpassar de pequenitos apressados; em tudo e em toda parte a penumbra, o silencio, o grande silencio de um todo que repousa e que espera.

No salão de visitas, silencioso tambem, encontro, sobre elegante mesa,

Pequenos perfis

(A Mme. Bertha M. Aldridge)

umas photographias: são grupos dos alumnos do curso preliminar, que, reunidos antes da debandada para as férias, deixaram gravados, através da objectiva, as caritas risonhas, cheias de luz intensa nos grandes olhos sem malicia. Lindos perfis feitos de encanto e de graça!

Olho, contemplo e revivo, nesse conjuncto de crianças, que já não estão aqui, que foram para longe ou perto, cada um em demanda de seu lar, para junto dos paes estremecidos.

Vejo a interessante Yvonne, a filha querida dos directores do estabelecimento, na sua silhueta toda graciosa e leve, na floração physica dos seus cinco annos, reveladora de uma intelligencia precoce, de uma vontade firme, que promete vencer, vencer a todo custo, no correr da vida. Junto della, com lindo «bouquet»

de rosas no pequenino collo, fina, elegante, cheia de uma graça que me faz lembrar as figuritas de «bis-cuit» do seculo XVII, contemplo Maria Thereza Rodrigues Simões, essa pequenita de cinco annos tambem, que, insuperavel em recitativos em francez, portuguez e inglez, formava o encanto do jardim de infancia e de todo o collegio. Ao lado della, o irmãozinho Alberto, serio e grave, que parece meditar sobre as difficuldades a vencer para ser um estudante de valor. E o Jorge Agra, esse petiz com um palmo de altura e envergadura de diplomata, que economiza sorrisos, todo convencido da importancia dos seus sete annos, e que, durante e após a revolução, ao entrar no collegio, vinha mostrar o lenço vermelho que guardava no bolso, dizendo: «Olhem, sou revolucionario; não me podem prender»...

E o Jorginho Rocha Marcondes? Fragil como haste de flor mimosa, intelligente como poucos, elle me fazia pensar nos pequenos «garçons

(Continúa na pagina 40)



Vinte e cinco sorrisos do Jardim da Infancia do Collegio Aldridge.

PEQUENOS PERFIS

(Continuação)

d'honneurs da côrte de Luiz XV. E o Manoel Barroso? E o Afranio de Lemos? E os outros todos do jardim de infancia, que, na exposição annual do Collegio Aldridge, apresentaram maravilhas de habilidade em trabalhos escolares de construcções, desenho e modelagem?

Mas, cada um dos pequenos e das meninas parece reclamar o seu perfil inconfundivel. Destaco a physionomia risonha de José Macedo, alumno da 1.ª classe, que demonstrou ter excellente capacidade de raciocinio, e disposição decidida para calculos rapidos. O Edson Macedo dos Santos, de uma inconfundivel inclinacão para o desenho, de temperamento meigo, estudioso e intelligente. E o pequeno Sylvio Mercateli? Foi o interessante orador official da turma infantil, que, no dia do anniversario de Mrs. Aldridge, teve a ousadia de repetir um discurso em quatro linguas: portuguez, francez, inglez e italiano, e o fez com tanta perfeição de pronuncia e de gestos, que revelou admiraveis qualidades de tribuno, que um dia colherá louros de eloquencia magnifica. Da mesma classe lembro o Anthymio de Miranda, insuperavel em traquinagem, e que só obedecia quando se lhe falava com uma certa energia misturada a um pouco de sentimento.

E de sentimentos me fala a physionomia de Luiz Jacyntho dos Santos, da 1.ª classe superior: sentimentos de applicação, de boa vontade, reveladores da educaçao primorosa que teve no lar, nos primeiros annos da infancia.

Paulo Gladulich, da mesma classe, é um bom alumno, que prestou excellentes exames, e que ha de vencer nas conquistas escolares, porque tem intelligencia e força de vontade, e porque seus paes dedicados acompanham, com profundo interesse, a



O acto do interventor federal no Estado do Rio, dr. Plinio Casado, designando para o cargo de prefeito de Therezopolis o dr. Ruben Moitinho, foi recebido com as mais legitimas e expressivas manifestações da sympathia e confiança publica. A escolha recahiu, de facto, no nome de um patricio digno e competente engenheiro, que vinha exercendo, com profciencia, o cargo de fiscal de empresas e companhias de serviços publicos do Estado do Rio e que, ha pouco, regressára da Europa e da America do Norte, onde tomou parte em varios congressos technicos.

acção educativa do collegio onde o filho estuda com aproveitamento.

Com proveito immenso, estudiam tambem os alumnos das 2.ª e 3.ª classes, e não lhes ficam atraz as alumnas que da photographia que como exemplo parecem perguntar: «E nós? Nada merecemos? E o nosso perfil? Não quer traçal-o?» De todas, é impossivel; são tantas... Precisarla que FON-FON me cedesse todas as suas paginas, por uma semana, ao menos. Mas, um leve bosquejo das mais estudiosas: da Yvonne Bernardino de Campos, por exemplo, dessa alumna da 3.ª classe, que alcançou o 1.º lugar do collegio, obtendo uma média absoluta. Essa menina applicada e modesta, tão encantadora no seu modo de agir e de dizer — mesmo em trabalho de agulha, foi das melhores, sem contar a Violeta Aldridge, do curso de admissão, que apresentou sete trabalhos bem confeccionados. Desirée Francia, Judith Souto Maior e outras, todas do curso commercial e gymnasial.

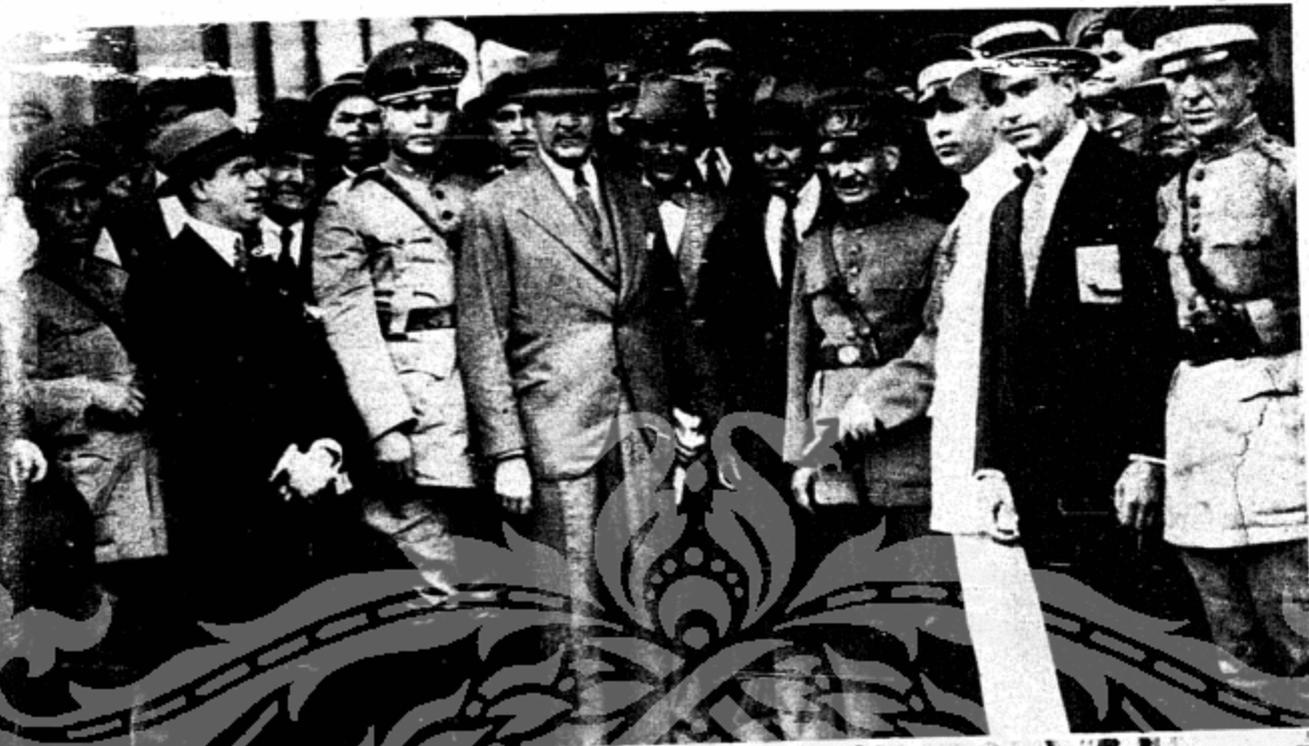
Mas, voltemos ao curso preliminar, pois ha alumnos que não devem ser esquecidos: o Mario Mello Filho, o Carlos Alberto, o Ayrton Soares, o Affonso de Carvalho e o Carvalhaes, um rapagão levado como poucos, mas com um coração excellente, que mais de uma vez me disse: «Quando estou perto da senhora, tenho vontade de ser bem comportado, de ser estudioso, de ser bom, porque não me reprehende, porque me aconselha e me anima». E o Southenes de Miranda, um pequeno artista em desenho e um conquistador nas outras materias?

E esse futuro artista, esse talento que me apparece lá no centro da ultima fileira do grupo, robusto e decidido — esse inesquecivel André, filho adorado do sr. Sergio Silva, director do FON-FON, essa revista que marca época no jornalismo carioca, no Brasil inteiro, pela formosura do seu conjunto e pelo valor de seus escriptos? Quando, após algumas li-

(Conclhe na pagina 42)



A posse do novo director do Lloyd Brasileiro, dr. Mario de Almeida, cuja designação para aquelle alto cargo foi recebida com as maiores e mais justas sympathias, foi uma cerimonia que se revestiu de expressivo brilhantismo. A gravura acima focaliza um flagrante do acto, vendo-se o illustre director-presidente da nossa mais importante empresa de navegaçao cercado de altos funcçionarios do Lloyd, representantes das autoridades publicas e das classes conservadoras, jornalistas e numerosas pessoas gradas, que, depois da cerimonia, apresentaram seus cumprimentos ao dr. Mario de Almeida.



O ministro Oswaldo Aranha, que regressou ha dias de Poços de Caldas, tendo corrido dssebarque, conforme documenta a primeira photographia desta pagina, recebeu, sabbado, uma expressiva homenagem dos seus collegas da turma de 1916, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, os quaes offereceram a s. ex. a espada de general. Essa solennidade realizou-se na egreja de N. S. do Rosario e della offercemos aqui dois aspectos photographicos.





O City Bank Club offereceu aos seus associados, na noite de sabbado ultimo, nos salões do Club Nacional, uma brilhante festa de despedida do anno de 1930.

PEQUENOS PERFIS

(Conclusão)

ções de desenho, o André me apresentou um esboço de sua invenção, em que havia algo de original e futurista, não me pude conter, e lhe disse com entusiasmo: «Si você perseverar, será um grande artista»... E elle sorriu, feliz — esse garoto que conta apenas 11 annos, e que agora está longe, em gozo de férias, sem pensar, talvez, nas lições passadas e no futuro artistico que o espera.

E um futuro radiante para todos os alumnos aguardam os educadores do Collegio Aldridge, porque, no re-

cinto escolar, elles aprendem a lutar e a vencer, adquirindo essa autoconfiança illimitada que dá coragem para superar, no presente, as pequenas difficuldades da vida collegial, preparando-os para os grandes embates da vida domestica, civil e social que lhes reserva o porvir.

Aura Marina.

ALMAS DE LAMA E DE AÇO

Saboya Ribeiro, joven e talentoso escriptor cearense, escreveu a Gustavo Barroso, a proposito do seu ultimo livro sobre o cangaceirismo nordestino, estas palavras:

“Acabo de ler *Almas de lama e de aço*.

Dentro da sua unidade de estudo do cangaceirismo, no Norte, seu theatro, ha nelle de tudo: o sociologo, o historiador, o folk-lorista, mas tambem esse pitoresco que faz delle, não raro, uma obra de puro interesse emocional, como se fosse a propria ficção. Esta impressão, sobretudo, tive-a ao ler o capitulo *Dom Sebastião no Nordeste*. Que bello romance á *Os brilhantes*, do nosso Rodolpho, não se contem naquellas situações que você evoca tão admiravelmente! Ninguem o faria melhor do que você; por que o não escreve?

O seu livro é obra de um patriota tambem; no fundo, sobretudo, de um patriota.

Dil-o bem a maneira como encara a questão do cangaceirismo, aprofundando-lhe as causas. Tudo, em summa, pura questão de governos...

Nas suas criticas peculiares, está todo o programma proficuo de extinguirse a grande praga: “a lavoura desenvolvida, as vias de communicação faceis, as escolas abundantes, e efficientes, a industria e, palrando acima de tudo, a honestidade da administração e a seriedade da justiça”...

Admiro-lhe a força de independencia com que faz historia, não calando nomes, seja para focalizar a irresponsabilidade de um Moreirinha, a arteirice de um Floro Bartholomeu, ou, ao revez, para debuxar o caracter nobre e inconspicavel de um Benjamin Barroso.

Oxalá mereça o seu livro uma attenção grandemente reflexiva dos nossos homens de governo, neste momento em que se propõem a sanear a Patria e em quem todos confiamos, inclusive você, estou certo, em quem sempre delatei um incoitado revoltado contra aquelle estado de cousas, que morreu a 24 de Outubro com a Revolução triumphante.



Na residencia do sr. R. Protheroy, alto funcionario da Light, realizou-se, na noite de Natal, uma festa em que houve muita alegria e muita animação.

(7 - Nov. - 1930).

SABOYA RIBEIRO



Os odontólogos da turma de 1930 da Universidade do Rio de Janeiro mandaram celebrar, na igreja de S. Francisco de Paula, no dia da sua colação de grão, uma solenne missa em acção de graças pela sua formatura.

FILIGRANAS

Meu coração está ferido. A injustiça golpeou-o covardemente, vilmente...

Lá fóra, na loja do vizinho, uma victrola enche os ares com o clangor da marcha triumphal duma opera antiga. E é como si eu ouvisse o rumor que fez no passado a minha mocidade esperançosa... Hoje, os cabellos brancos

povoam-me a cabeça, as rugas começam no meu rosto altivo. E as esperanças são como uma revoada de fôlhas mortas que o vento da tarde espalha...

Meu coração está ferido. A injustiça golpeou-o covardemente, vilmente...

Ha vinte annos sôam e resôam para mim os clarins da luta. Ha vinte annos combato dia a dia

pela minha vida. Ha vinte annos não tenho um minuto de repouso e, mal repillo uma investida do inimigo, outros se apresentam em campo, armados de ponto em branco, forçando-me a uma nova batalha. Ha vinte annos dura sem treguas essa árdua peleja e eu não mando dar o toque de retirada, esperando sempre e sempre ouvir a marcha batida de victoria...



Os alumnos do professor A. Tenorio d'Albuquerque realizaram, no salão da Associação Christã de Moços, uma exposição de trabalhos escolares.



Tentação.

NO vasto salão do tribunal de uma conhecida capital, a actriz Tilly Ferrantes, sentada no banco dos réus e empalidecida pela emoção, ouve a leitura do libello que a apenta como responsável por um crime de morte. A ré parece sentir, como pontos de fogo, os olhares cheios de odio da senhora Moeller, principal testemunha de accusação e progenitora da victima. E, embora se tenha confessado innocente desse crime, Tilly relata perante a Justiça a historia de sua vida, entre phrases que, em busca de recordações, começaram titubeantes, para terminar fluentes e apaixonadas.

Fôra por occasião do espectáculo de despedida de uma companhia de operetas, em Berlim, que a estrella Tilly Ferrantes projectara uma viagem de automovel com um certo conde, seu amiguinho. Mas um desentendido entre os amantes destroe esse lindo sonho de aventuras. Por esse motivo, Tilly regressa á sua villa, desesperançada das venturas que esse passeio poderia proporcionar-lhe.

Chegando á casa, a linda actriz encontra a sua collega, senhora Moeller, que fôra pedir-lhe uma pequena somma emprestada para poder ir visitar seu filho Jorge, que trabalhava como actor num theatro da provincia.

Tilly attende a esse pedido e, entre lagrimas, susurra ao ouvido da visitante: "Tu, ao menos, sabes a quem pertences, ao passo que eu..."

Como que deseja de consolar Tilly, a senhora Moeller convida-a para ir comsigo em visita a Jorge e, só por essa noticia, Tilly afugenta de si a tristeza e recobra o animo da alegria. Na manhã seguinte, as duas mulheres partiam de trem para a cidade provinciana.

Não tardou que Jorge se infla-

Os 7 Dias de

"O Processo de Tilly Ferrantes"

masse de paixão pela linda e encantadora estrella da ribalta, nem tão pouco custou a Tilly tomar-se de amores pelo esbelto e elegante joven, tão differente daquelle conde que, cutrora, occupara o seu coração. Escoam-se deliciosamente duas semanas de felicidade, mas durante esse tempo, ha um coração que sangra: um coração de mãe. A senhora Moeller presente que Tilly vae roubar-lhe o amor do seu filho...

Passados alguns mezes, Tilly volta a ser o ponto de convergencia da vida da capital. Novas occorrencias apagam certas recordações e Tilly sente-se um pouco constrangida quando, de repente, um visitante inesperado, na pessoa de Jorge, surge naquelle ambiente elegante. A saudade da mulher querida levou esse moço á presença de Tilly, mas esta agora, pensa differentemente: o amor que ella lhe dedicava, antigamente, afigura-se-lhe desagradavel, pois que os modos pessoas de Jorge têm para Tilly, nessa nova atmospheria, um aspecto improprio e provinciano.



Delirio.

FON-FON no Cinema

COM:

LIL DAGOVER
IVAN PETROVICH

|||||

Ella quasi se envergonha delle; comtudo, tendo bom coração, tolera-o, pelo profundo e sincero amor que Jorge lhe dedicava. Indirectamente faz-lhe chegar ás mãos algum dinheiro e facilita-lhe um bom contracto. Jorge sente-se feliz e estuda com afinco o seu papel, como collaborador da fascinante actriz, sem notar o menor perigo para o seu amor.

Um dia, o titular surge novamente na vida de Tilly, que, entretimentos, tendo aprendido os mysterios da vida, pede desculpas ao conde por tel-o, um dia, considerado um homem sem alma, porque o contacto diario com Jorge lhe ensinara a sentir que é mais importante ser-se conceituado e distincto do que impetuoso e apaixonado. E dessa fórma Tilly recommença aquella velha amizade.

Não tardou que Jorge soubesse do reatamento dessas relações e quando, certa vez, descobriu uma valiosa joia que o conde presenteara a Tilly, dá-se uma scena horrivel entre elles. Durante a



Uma alma em revolta.

altercação, Tilly, ouvindo as offensas que o rapaz lhe atirava á face, revida-lhe no mesmo tom, tachando-o de um aproveitador da bondade e da fraqueza de uma mulher. Profundamente revoltado, Jorge retira-se e vae para casa de sua mãe.

No dia seguinte, realizou-se a

estréia da peça em que Tilly e Jorge serviam de protagonistas. A scena final exigia uma luta entre esses personagens, e, ao terminar, mostrava Tilly atirando com um revolver sobre Jorge. Nunca a ribalta apresentou um trabalho tão natural e tão fiel como o que era executado naquele momento... Mas o revolver que, então, Tilly usou, estava carregado de balas legitimas.

Terminou, assim, a declaração da linda actriz, perante os jurados. Segue-se a inquirição das testemunhas. Ao chegar a sua vez, a senhora Moeller affirma que Tilly Ferrantes é a assassina de seu filho. O promotor publico, depois de desenvolver varios argumentos de natureza jurídica, provando a responsabilidade da ré, termina sua peroração, pedindo a pena de morte.

Ha um silencio sepulchral no auditorio. Tilly perde os sentidos. De repente, ouve-se um grito abafado. A mãe da victima levanta-se e pede para fazer uma ultima declaração. Attendida pelo presidente do Tribunal, a desolada mãe declara que, realmente, Tilly matara Jorge, mas que este, no leito de morte, lhe confessara que fóra elle mesmo quem, ás escondidas, carregara a arma assassina. E, ao findar essa importantissima revelação, a martyrizada senhora diz que procurara guardar esse segredo, não podendo comtudo fazel-o, porque, em sua consciencia dolorida, se manifestara o peso do remorso.



Dois corações que sonhavam.



Intimidades.

NUNCA Francis McPhillip, nem os do seu bando, com o seu chefe Gllagher, poderiam suppor que a porta, lá em baixo, desse entrada a um commissario de policia. O bando havia sustentado renhido fogo com os do bando adverso, e conseguira rechassal-os, e quando de novo a porta se abrira, era de suppor que voltavam elles á carga, e por isso Francis desfechára a sua arma, fazendo tombar o pobre policial. Agora só lhe restava fugir, ausentar-se para a America, deixar aquella Londres em que sempre vivêra, deixar, mais que tudo, Katie Fox, a sua amante, que pertencia ao seu bando tambem. Mas era preciso, e elle se esgueirou para algumas milhas dalli distante, á espera do momento de embarcar, conforme Gallagher lh'o mandasse dizer. Foi-se, e logo Katie Fox se deixou levar pela lábia de Gypo Nolan, um outro da quadrilha, a quem aliás ella já dedica va uma profunda sympathia, e a quem não se chegára ainda principalmente por causa da presença do pobre Francis McPhillip, que era um doente... E Francis, que tudo igno-

O *Trahidor*
 Titulo original:
 "THE INFORMER"



Vingança.

rava, quando recebeu o aviso de que poderia partir, foi a Londres ver a amante e a pobre mãe afflicta. A amante... Elle foi encontrar Gypo Nolan installado ao lado della. Comprehendeu mesmo que precisava ir e foi tambem despedirse de sua mãe. Mas Gypo o vira sahir de sua casa e, cheio de ciumes, ao vel-o penetrar no armazem da Mamãe McPhillip, com a alma em fogo, dirigiu-se ao primeiro commissariado de policia a denunciar aquelle a quem procuravam. Entretanto, o pobre Francis, depois de beijar a velha mãe, escreveu uma carta ao seu amigo, soccgando-o a respeito de Katie, pois que elle se ia embora para sempre, e a mamãe McPhillip sahira a pôr a carta no correio, quando viu a sua casa cercada pela policia, ouviu o renhido tiroteio que se trava, e viu — oh! horror! — o corpo do seu filho que tomba lá de cima, lo terraço do ultimo anda! E Gypo? Elle recebeu as vinte libras esterlinas que eram a paga da delação. Não quizera accobtal-as, pois que não denunciara por dinheiro, mas mechanicamente embolsou a esportula e se



Elle queria confiar nella.

Com:
Lia de Putty,
Warwick Ward
 Producção da
 "British International Pictures"

foi, cambaleante, ao ter a notícia do que succedêra depois. Logo encontrou Katie, que lhe veio explicar o que se passára entre ella e Francis e, ao saber ella o que fizera o seu amante, disposta a se sacrificar por elle, combina innocental-o.

O bando desconfia da delação e do delator, sem provas contra Gypo, mas essas provas chegam bem depressa e elles se resolvem pegal-o para castigal-o. Gypo ia sahir de Londres e na estação esperava o trem, quando se viu na necessidade de dar todo o dinheiro que possuía, o dinheiro de Judas, para salvar uma pobre moça a quem um desalmado queria reter por dividas. E ella, agradecida, lhe deu uma photographia sua, com dedicatória expressiva. Gypo se foi, para logo se sentir agarrado pelos do seu bando. Elle consegue escapar-se e os do bando o supõem victima de um desastre, apanhado por um trem, quando na verdade consegue, embora fadado, chegar á casa de Katie. Esta o esconde, mas eis que Gallagher vem para lhe trazer a noticia do desastre e morte do amante, e ao mesmo tempo para consolal-a, mostrando-lhe o



Perdão.

retrato da pequena com a dedicatória a Gypo... E Katie, cheia de ciumes, denuncia a presença do amante. Agora ella espera que elle acorde, emquanto Gallagher vae buscar os do seu bando para capturar o delator. E foi só quando elle voltou a si, e lhe contou a felicidade que sentia, por ter, com o dinheiro da delação, que perdera um, salvo outra pessoa, que ella comprehendeu todo o horror que praticára. Era tarde, porem, pois que Gallagher chegava com os seus amigos. Mas Gypo Nolan está cansado de soffrer a angustia da espera do castigo e se resolve apresentar. Elle abre a porta... E logo um estampido...

Os assassinos se evadem, a correr, enquanto elle, tropego, dêsse as escadas, para atravessar a rua e penetrar em um templo, quasi em frente. E quiz o destino que elle fosse encontrar lá dentro, orando pela alma do filho, a pobre mãe Mc-Phillip, a quem elle confessou o seu crime de delação, para receber o perdão daquella pobre mãe, perdão com que elle se saciou, para ir, pouco depois, morrer sorrindo, á soleira do portão da igreja...



O delírio do álcool perturbava-lhe a alma.

A BODEGA

PELOS aridos caminhos dos Pyreneus, um joven, com aspecto de camponez, esporeia o seu cavallo. Dois carabineiros o perceberam e saem em sua perseguição. Como não podiam alcançal-o, alçam os seus fuzis e dispararam... O cavallo arranca e o joven procura segurar-se, agarrando-lhe nas crinas.

Chega a um cortiço. Firmino e Maria da Luz saem a recebê-lo. Vendo-o gravemente ferido, dão-lhe pouso. Maria da Luz dispensa-lhe suas carícias e cuidados.

Nisso chegam dois policiaes para prendê-lo. E vão penetrar na habitação, quando Maria da Luz os distrae, offerecendo-lhes o melhor vinho que dá a terra. Ao entrarem no quarto, Raphael occulta-se por traz da porta e salva-se.

Pablo Dupont é um rico proprietario de vinhedos, mas Elvira, sua esposa, é quem dirige o movimento dos negocios. Com elles vive o seu

sobrinho Luiz que, junto com a sua prima, a Marquesita, leva uma vida desenfreada.

Raphael está curado e sonha com melancolia na vida rude do campo, que tem de reassumir. Recorda, na sua magua, o encanto que vinha das canções de Maria da Luz, quando iam juntos á noite. "Fica aqui, diz-lhe Maria da Luz: a teu respeito falarei com Dom Luiz e elle te dará emprego na fazenda. Fica por nosso amor".

Raphael acquiesceu e dom Luiz satisfez aos desejos de Maria da Luz, cuja formosura o tinha encantado. Agora, Raphael conta com um emprego na Quinta de Manta Zuella, a poucos kilometros da casa de Firmino. Dom Luiz está cada vez mais apaixonado por



Que bateria!



Idyllic campestre.

Maria da Luz e a Marquesita se casamora de Raphael. Com o pretexto da vindima, os dois chegam a Mantozuelo. A Marquesita termina por seduzir Raphael. Dom Luiz oferece uma festa campestre a campesinas. Raphael encontra-se ao lado de Marquesita, que termina por embriagal-o de amor. Dom Luiz ordena que se solte um touro que acaba por martyriziar Polores, mas Raphael procura salvar da morte a pobre moça, porém em vão.

Depois dessa tragica festa, dom Luiz installa-se na casa de Firmino, pae de Maria da Luz. Após haver-a perseguido por todas as partes, ao terminar a festa, consegue embriagal-a e Maria da Luz entrega-se, acreditando que os bei-

jos que recebe sejam de Raphael...

No dia seguinte, envergonhada de sua conducta, despreza Raphael, o homem a quem ella tanto ama. O pae de Maria da Luz deseja e quer mesmo que dom Luiz repare o seu mal, casando-se com a moça. Deante de uma recusa formal por parte de dom Luiz, Firmino o estrangula. Depois, o pobre assassino quer partir para a America, mas Raphael exige que lhe conte o segredo e o pae confessa que dom Luiz havia deshonorado Maria da Luz, o seu grande e incomparavel thesouro. Firmino comprehende a luta que se trava no coração do joven.



— O vinho, disse, foi a causa de tudo... Promette-me que voltarás a ver a minha filha e que lhe levarás o perdão de seu pae...

Ao partir, Firmino ainda lhe recommenda que não abandone a sua querida Maria da Luz. Raphael encontra Maria da Luz em desespero, junto da nora, a reflectir no que occorreu. "Teu pae perdôa-te..." "E tu?" "Nunca!" Diz esta palavra com o coração despedaçado e monta em seguida o seu cavallo... Mas logo volta, chega até Maria da Luz e agarra-a pela cintura, collocando-a na garupa do seu corcel, sumindo ambos, depois, na poeira da estrada, em busca de outros logares onde os espera uma grande felicidade depois de tão grande desgraça...



Mais tentadora que o vinho capitoso.



Um flagrante da distribuição de estojos contendo navalhas Valet às praças do Regimento Naval. A Auto Strop do Brasil esteve ali representada por elementos da nossa alta sociedade, que fizeram a entrega dos estojos em questão.

NATAL DA MINHA INFANCIA

Com que saudade — e com que tristeza! — evoco a alegria singela das festas do Natal na minha infância!...

Minha avó materna — bôa velhinha que Deus levou ha muitos annos — apegada aos costumes tradicionaes da sua aldeia, preparava, com carinho e desvelo, a nossa consoada, aquella cefa abençoada da vespera do Natal, farta de comezainas saborosas, não menos copiosa em alegria e risos francos de creanças.

E a nossa bôa velhinha brincava tanto, como si nessa noite voltasse a ter uma alma em plena infancia.

Nossa bôa mamãe — que tambem já está com Deus — dava-nos brinquedos e roupas novas, sem a intervenção de Papá-Noel.

Ella nunca se permittira illudir-nos, nem mesmo com a mentira innocente e encantadora do velhinho lendario...

Nos meus primeiros annos, quando outras creanças me contaram que um velho bom, pelo Natal, á calada da noite, lhes en-

chia os sapatinhos de brinquedo — tive o meu primeiro despeito a minha primeira antipathia, por esse Papá-Noel imprudente, que se atrevia a se esquecer de mim, e a não me conhecer...

Pensaria elle, porventura, que as outras creanças mereciam mais do que eu?...

Minha mamãe desvendou-me todo o mysterio de Papá-Noel.

Pude, então, sorrir dos meus companheiros.

Elles sabiam, agora, menos do que eu... MATTOS ALÉN



Grupo tomado após a missa que foi celebrada em acção de graças pela passagem do jubileu do Laboratorio Almeida Cardoso.

Qual dos nossos leitores não desejará ficar com sua vida segurada por

10:000\$000?

No louvavel proposito de beneficiar UM dos leitores de "Fon-Fon" ou "Selecta" com um premio util e vantajoso, de facil aquisição, esta Empresa resolveu combinar com a importante Companhia

A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil

a instituição de um sorteio, que constará de uma apolice daquella companhia de seguros sobre a vida, saldada e emittida independentemente de exame medico, no valor de dez contos de réis (10:000\$000), ficando estabelecidas as seguintes condições:

Quem tomar uma assignatura ANNUAL de qualquer das nossas revistas, FON-FON ou SELECTA, ficará habilitado a concorrer, com o numero do seu recibo de assignante, ao referido sorteio, cujo premio corresponderá ao numero do 1.º premio da PRIMEIRA LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL, a extrahir-se em MARÇO DE 1931.

A importancia de Rs: 48\$000, equivalente á assignatura, deverá ser-nos enviada, por vale postal ou carta registrada, indicando o endereço completo e a revista que desejar.

Para maior facilidade, os nossos leitores que nos quizerem distinguir com a sua assignatura poderão encher o coupon abaixo, e para quaesquer informações que desejarem, dirigir-se á

Empresa Fon-Fon e Selecta S./A.

Rua Republica do Perú, 62

Rio de Janeiro

ou pelos Telephones 2 - 4136 e 2 - 0377

COUPON DE ASSIGNATURA

Nome.....
 Rua.....
 Estado.....Idade.....
 Uma assignatura annual da revista.....
 Idade (de interesse para a apolice de seguro).....

DIZEM que nós, os brasileiros, somos sonhadores. De quem é a culpa?

O nosso céu, sempre azul; os poentes, maravilhosos, em cores indescritíveis; as noites mysticas, coroadas de estrellas, tendo aos pés o crescente da lua, carregando ás costas o Cruzeiro do Sul; a graça bizarra das palmeiras farfalhantes, esguias, espirituaes; esse perfume de selva, penetrante, embriagador, que nos perturba os sentidos; quanta cousa linda que nos faz sonhar!

Assim, por culpa da terra — exuberante e bella — nós nos sentimos escriptores, poetas...

E, sonhadora tambem, tomei da penna, pondo-me a escrever. Foi quando surgiu Yára do Rio. Agora vou contar porque escolhi tal pseudonymo.

Oriunda de duas famílias nortistas, nasci no Rio, porém passei a minha infancia no norte. Quando meus olhos curiosos começaram a vêr, eu me encontrei entre os costumes desse povo simples, que guarda comsigo a verdadeira tradição do Brasil. E, assistindo ás festas populares da Bahía e Pernambuco, os meus nervos aprenderam a vibrar. Que naturalidade, quanta alegria, nesses folguedos!

Nas feiras, nas festas de igreja, havia sempre um *mamolengo* — uma especie de "guignol" — cujos personagens, engraçadissimos, muito faziam rir os presentes.

E o *bumba-meu-boi*? Recordo-me, tão bem, quando assistí, pela primeira vez, á sua representação em Tigipió! Os personagens — o capitão do matto, o vaqueiro, o boi, o Matheus e o medico — faziam as suas proezas numa especie de circo. E o boi pulava, dançava, ficava doente, morria e resuscitava, para a alegria dos meus oito annos. Naquella noite, adormeci julgando escutar, ainda, o côro a cantar:

— Eh! bumba-meu-boi... Eh! bumba-meu-boi...

Os pastoris, com os seus cordões rosa e azul, tambem fizeram a delicia dos meus primeiros annos. E vinham o anjo bom e o máo, o velho, as pastoras...

Como eu achava deslumbrante a chegada da cigana, cheia de medalhinhas, com duas tranças cahidas e um pandeiro enfeitado de fitas multi-côres! A assistencia desses pastoris tinha as suas predilecções — parte pertencia ao cordão rosa, parte ao azul — o que, muitas vezes, fazia a festa terminar em desordem. No ultimo dia, iam todos queimar a lapinha; isso era motivo para que muitas pastorinhas chorassem, pensando que, no anno seguinte, talvez não estivessem vivas.

Quando era bem pequenina, — morava, então, na Bahía — assistia, cheia de curiosidade, aos reisados. Para mim não existia coisa mais linda! Os ranchos, compostos de moças e rapazes, representando flôres, borboletas, ou simples pastores, andavam pelas ruas entoando os seus canticos. Quando um desses ranchos chegava em frente á casa que ia visitar — si bem que os moradores tivessem sido avisados previamente — encontrava as portas e as janellas fechadas. Então o bando se punha a cantar:

— Oh! de casa nobre gente,
Escutae e ouvireis,
Que da banda do Oriente,
São chegados os tres reis!

Oh! senhor dono da casa,
Mande entrar, faça favor,
Que do céu estão cahindo
Pinguinhos d'agua de flôr!

Inda bem
Ha de vir!



U
M
N
O
M
E
L
I
T
E
R
A
R
I
O

Ahi abr'a-se a casa, onde já havia muitos convidados, e o rancho entrava. Era o grupo recebido com muita alegria, havendo, á sua espera, lauta mesa de doces e bebidas. Depois de varias cerimoniaes, de comerem e dançarem um pouco elles se iam, rumo a outros lares em festa.

No emtanto, a minha recordação mais nitida é aquella que se refere aos festejos de S. João. Parece-me ainda ver os preparativos para o grande dia: As rumas de milho verde e côcos, para o preparo das cangicas e manuês; as macacheiras batatas doces e os carás, que seriam assados na fogueira crepitante; a confecção dos bolos, dos beijús e das tapiocas molhadas no leite de côco; o preparo das sortes para as balas de estalo; e a chegada maravilhosa dos ambicionados fogos.

Na vespera de S. João, rara era a familia que não armava a sua fogueira e, á noite, todas accessas, faziam pensar que a cidade se estivesse incendiando. Emquanto isso, dentro das casas, quemavam-se os fogos de salão, dançava-se, comia-se tiravam-se sortes...

As sortes! Como eu — ingenua criança! — acreditava na sua efficacia... Eram sem conta as que se realizavam: a tesoura aberta, de pontas para cima, fazendo girar uma urupema; a clava de ovo, no copo cheio dagua, posta ao relento; a faca enterrada no caule da bananeira, fazendo o tanino apparecer, na lamina, a inicial do futuro consorte; as pessoas que, á meia noite, se miravam nas aguas das cacimbas, na esperanza de se verem espelhadas; as peças pregadas ás moças quando alguma dellas, com a bocca cheia dagua, se ia esconder atraz da porta, esperando ouvir um bonito nome de homem e escutando chamar por algum preto velho; e tantas outras, tantas outras sortes, todas tão inverosimeis, mas que possuilam o dom de fazer vibrar a alma simples do povo.

Pelas ruas, jovens de vestidos brancos, coroadas de flores, cantavam:

— Capellinha de melão
E' de S. João;
E' de cravos, é de rosas,
E' de mangericão...

Os homens, de luvas de couro, soltavam bombas e busca-pés. Os destemidos, cheios de fé, pulavam, descalços, as fogueiras onde se assavam milho e a canna. E, lá no alto, rivalizando com as estrellas, os pontos luminosos de mil balões.

Pela madrugada, iam todos banhar-se no rio, cujas aguas possuilam propriedades miraculosas até o romper do dia. E, emquanto uns se punham a gritar: "Acorda, João!" — outros, fazendo côro, cantavam:

— Oh! meu S. João,
Eu vou me lavar;
Si eu cahir no rio,
Mandae-me buscar...

Quando a manhã ralava, todos, trazendo no peito uma esperanza, regressavam aos seus lares. E, ao longe, ainda se escutava algum retardatario que cantava:

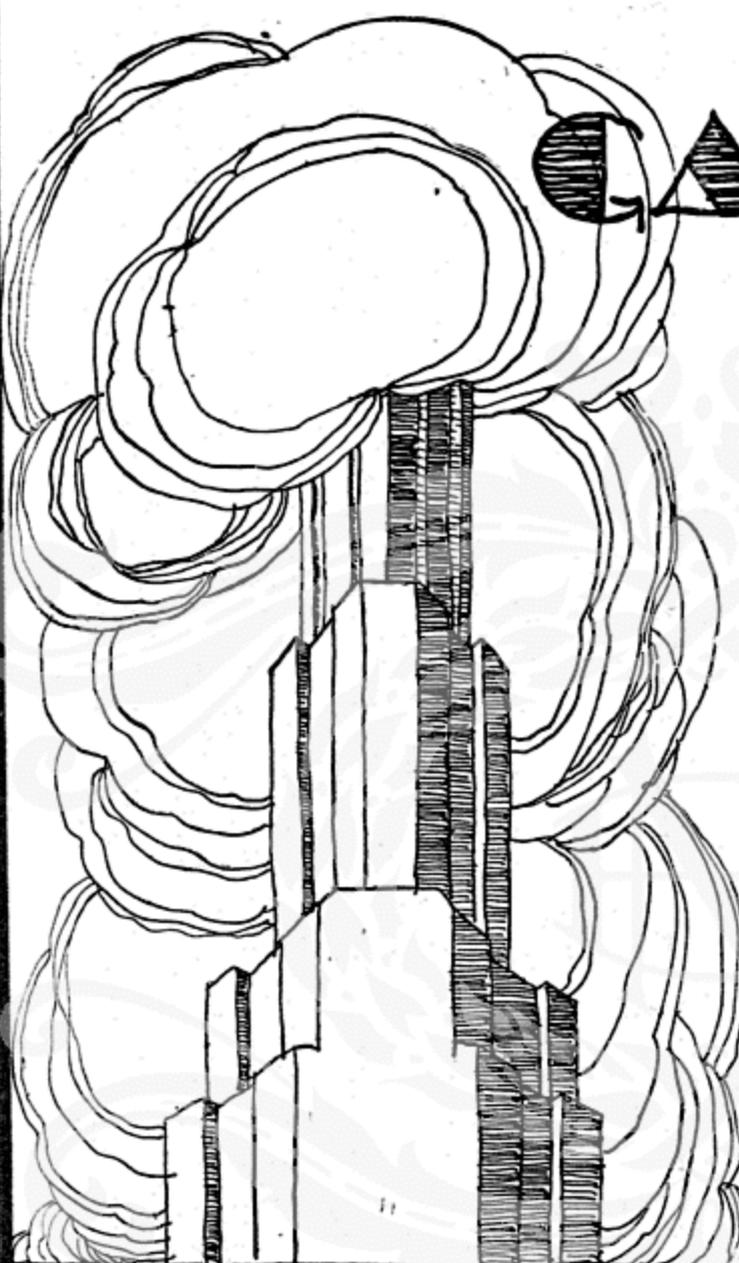
— Oh! meu S. João,
Eu já me lavei;
As minhas macelas
No rio deiwei...

Noites de S. João, bellas noites da minha infancia descuidosa, como estaes longe, saudosas noites!...

Ah! o norte, esse norte que é o verdadeiro Brasil, com as suas lendas, seus indios, suas historias de almas e assombrações; com a mula sem cabeça, a mãe dagua, e o boto namorador; com os seus fructos saborosos, suas comidas caracteristicas e as suas caboclas formosas; suas praias seus coqueiros, e suas jangadas; ah! esse norte é bem a minha terra querida!

Eis porque sou:

Yara do Rio



CARO.

mo sob os fôcos de electricidade, mesmo materializada pelo bistori do progresso, imagina, sonha, deseja o conteúdo daquella *valise* mysteriosa que o novo anno vae trazer.

Lá estão as esmeraldas da esperança, os rubis da illusão, as saphiras da felicidade!

Para os enfermos, ha lá dentro gottas que dão saude, e para os desprezados, os filtros que dão o amor...

Para os pobres, a riqueza sempre arisca; para os ricos, a paz que nenhum dinheiro compra...

E a humanidade de hoje, que em nada crê, que de tudo zomba, deixa-se embahir por essa *boite de surprise* que faz parte da *pose* desse almofadinha que surge na madrugada dos *réveillons*, entre os apitos agudos das machinas e as martelladas nos postes das ruas...

Si a gente pudesse entreabril-a um pouco...

Para que?

Não nos desejamos uns aos outros um feliz anno novo, acariciando, de leve ou profundamente, a idéa de que, nesse grande punhado de dias, haja uma occasião, uma oportunidade para encontrar essa que sempre procuramos em vão, que por uma fatalidade qualquer está sempre longe de nós?

Felicidade. Haverá surpresa mais linda, presente mais desejado que esse hospede gentil nos pudesse offerecer?

E não estará ella justamente nessa incerteza, nesse não saber o que contem a *valise* do recém-chegado, essa *valise* que parece leve como um sonho e talvez tenha o peso de uma cruz?

Porque, não saber, meu amigo, não é, com certeza, ser feliz, mas é, talvez, menos cruel, menos amargo que saber...

como deve pesar toda essa bagagem sobre os hombros enfraquecidos do nosso hospede de trezentos e sessenta e cinco dias.

Mais um anno que se vae...

Mais outro que vem...

Com o seu arzinho arrogante de menino bonito, de roupa nova, trazendo como bagagem apenas uma *valise* de couro fino.

Oh, aquella *valise*!

Si a gente pudesse entreabril-a um pouco!

Quanta coisa linda não veria!...

Mas o recém-chegado não permite nenhuma indiscreção; a pequena mala está bem fechada aos olhos curiosos de toda a humanidade.

E ella, a eterna ludibriada, mes-

M AIS um anno que se vae... Agitado, cheio de nuvens escuras, falando no turbilhão que vem sacudindo o mundo nos seus mais solidos alicerces, o velho 1930 arruma definitivamente o seu bahú.

Anno que marcou o centenario do romantismo, tirando-lhe todos os symbolos, apagando-lhe os ultimos reflexos com uma displicencia quasi cynica, é algo despeitada a indifferença com que prepara a sua par-tida...

Penso nos lampeões de gaz que Desappareceram das nossas ruas; lembro as metralhadoras que ainda ha pouco serviram para guerrear irmãos contra irmãos, e imagino

THEATRO LYRICO.
— Mais uma prova da capacidade da gente brasileira para a arte lyrica: a representação no Theatro Municipal em a noite de 19 de dezembro, da opera de Puccini — *Soror Angelica* — e da pantomima de Fernand Beissier, musicada por Mario Costa — *Historia de um Pierrot*.

Realizaram o bello espectáculo alumnas das escolas de canto do maestro Salvatore Ruberti, da prof.^a Roxy Shaw, da escola de bailados da prof.^a Klara Korte, com o concurso desta ultima professora, do prof. Ricardo Nemanoff e de uma orchestra de 70 professores, regida pelo Maestro Ruberti.

Abstrahindo-se da circumstancia essencial de não se tratar de cantores profissionaes, foi bem apreclavel a exhibição da opera de Puccini. E se se attender a essa circumstancia, pode affirmar-se então que se assistiu a bella representação lyrica.

Todas as cantoras cooperaram com mais ou menos talento, com mais ou menos estylos, para o exito da audição.

A sr.^a Itala Repeto Cortez, na figura de Soror Angelica, não nos deu a principio impressão de destaque, mas depois deixou-nos realmente emocionado. Representou e cantou com bella voz e melhor arte a scena e duetto do parlatorio. Pareceu-nos então uma artista feita.

A sr.^a Edméa Montanari, no pequeno papel que lhe coube, não pôde revelar todos os seus bellos dotes de cantora, mas deu á personagem especial relevo, interpretando com muito agrado a alma de pastora sob o burrel de freira. Foi encantadora Soror Genoveva. Outro nome a destacar, a sr.^a Gulnar Bandeira Stampa, que muito realçou a figura da Mestra de Novças.

Mas quem mais nos impressionou pela belleza e raridade da voz, apesar de se achar visivelmente indisposta, foi a sr.^a Ada Martins. Na scena e duetto do parlatorio, foi digna emula da protagonis-

Notas de Arte

OSCAR DALVA

ta. Não se soube que mais admirar, se a vida com que viveu cantando e representando o dramatico momento, Soror Angelica, a sr.^a Itala Cortez, se a belleza vocal da interprete da Princeza, tia de Soror Angelica, a senhora Ada Martins.

Chamou-nos ainda especial attenção a afinação dos côros e a belleza dos scenarios, o que não é muito commum, mesmo em companhias lyricas de nome feito.

A orchestra scintillou com notavel brilho sob a batuta do maestro Ruberti. Brilhou ainda mais em *Historia de um Pierrot*, do que em *Soror Angelica*, porque naquella a musica instrumental apparecia só, em toda a plenitude do seu proprio valor, sem dependencia dos cantos.

A pantomima de Beissier teve bellos interpretes. Foram verdadeiros artistas que lhe representaram os principaes papeis. A sr.^a Klara Korte, em *Pierrot*, e o sr. Ricardo Nemanoff, em *Pochinet*, viveram com os gestos todo o drama, e synchronizaram com artistica precisão a mimica e a musica. A sr.^a Margaret Read deu grande relevo á figura de Louissette, e muito apreciavel em Juliet, o sr. Yucco Lindberg. Sobresahiram todas as dançarinas, podendo talvez destacar-se mais particularmente Amalia Costa e Vera Cardoso.

A pequenez obrigada desta chroniqueta não nos promette dizer mais, a não ser que todo o publico, relativamente numeroso, que enchia o Municipal, admirou e applaudiu o bello espectáculo.

CONCERTO SYMPHONICO: BURLE MARX E BIDU' SAYÃO. — Ainda um grande, um extraordinario triumpho para a arte lyrica brasileira: o concerto symphonico realizado no Theatro Municipal na tarde de 21 do ultimo dezembro, com

Burle Marx na regencia da bella orchestra de 70 professores e como pianista acompanhando, e Bidú Sayão, como cantora.

Ouviram-se successivamente, além de alguns extra concedidos pela cantora: a 5.^a *Symphonia* de Beethoven, o poema symphonico, *Moldan*, de Smetana, pela orchestra; e por Bidú Sayão, acompanhada pela orchestra, a aria da op. "Semiramis" — *Belraggir Iusighier*, de Rossini; acompanhada por 2 flautas, *Cantata*, de Bach; acompanhada por 1 flauta, *Recitativo e aria do rouxinol*, de um "Oratorio" de Haendel; acompanhada por piano — *Le chant des oiseaur*, *El Vito e Polo*, de Joaquim Nin, *El paño moruno*, *Nana Jotu*, de Manoel de Falla.

Burle Marx pairou em elevado plano, dirigindo com especial mestria as duas obras symphonicas de Beethoven e Smetana. A interpretação dada pela orchestra brasileira, sob a batuta de Burle Marx, á grandiosa criação do mestre de Bonn, veio mostrar mais uma vez que a *Quinta Symphonia* merece bem o conceito de Goethe: "não emociona apenas, tambem espanta". Emocionou-nos todo o lyrismo do *Andante*, como nos espantou, nos empolgou a epopea do *Allegro*. E como nunca, toda a assistencia vibrou de ardente e incontido entusiasmo.

Bidú Sayão encantou, commoveu, arrebatou o auditorio, empolgado pela sua rara voz de soprano ligeiro e pela sua grande arte de cantar. Para nós, que, ha meia duzia de annos, ficamos decepcionados quando, indo ouvir-a como nova Patti — segundo a linguagem de certos jornaes italianos — ouvimos apenas uma cantora vulgar, cuja voz tinha o defeito de grande desigualdade dos registos, a ultima audição da artista foi uma notavel surpresa, nos

causou emoção totalmente inversa da primeira. Ouvindo-a, ouvindo-a especialmente na aria de Haendel, ficamos de sorte inebriados, que parece não ser exagero dizer que Adelina Patti não devia cantala melhor. A arte de vocalizar que fazia da celebridade espanhola a mais prodigiosa das cantoras, em contra na artista brasileira uma excepcional cultura. Foi de maravilhoso effeito o duetto de voz e da flauta. Fechando os olhos, ouvia-se o rouxinol cantando...

Quando citamos a arte de Haendel, não queremos dizer que nos outros numeros tenha revelado menos esplendores de voz e menos dotes artisticos, mas que apenas nesse canto se excedeu a mesma. E' possivel ate que tenha havido mais arte na aria de Rossini, pelo conjunto de difficuldades que os profissionaes reconhecem nesse famoso trecho.

Nova revelação do genio da cantora foi a interpretação do cancionero estylizado de Joaquim Nin e Manoel de Falla.

Embora estivessemos ainda cheios da voz e da arte incomparavel de Vera Janacopulos, que, ha pouco, nos deu obras primas interpretando esse cancionero, nem por isso deixamos de nos emocionarmos ouvindo-a atravez desta outra gloria da arte lyrica nacional — Bidú Sayão. E a nossa emoção attingiu ao maximo, ouvindo uma das canções, *Nana*, ruidosamente bisada, e que foi cantada com tal arte que nos evocou a *Cavetto do berço*, de Mozart, interpretada por Alma Gluck.

Incontestavelmente, a sra. Bidú Sayão merece bem a fama de que hoje goza como uma das maiores cantoras do mundo contemporaneo.

Não terminamos sem assignalar que parte dos applausos á excelsa artista cabe tambem á orchestra e especialmente aos insignes flautistas que lhe foram parceiros na *Cantata* e na *Aria do Rouxinol*, srs. Pedro Vieira Gonçalves e Art. Ferreira.

GOTTAS...

O odio é feito de incompreensões. O que compreende, ama.

Os desejos dos homens são varios, como as suas obras.

Toda a vida "vivida" tem a sua tragedia.

Que é o amor senão uma aspiração?

Quanta tragedia no mundo com apparencias idyllicas!

O espirito é fogo; — o pensamento e o sentimento são as suas labaredas.

Ha sorrisos que são actos de heroismo.

Felizes os matrimonios em que são os caracteres que se esposam!

Póde-se revelar tudo á alma; nada a asombra.

A leitura e a conversação são o melhor meio de educar o espirito. Mas são, tambem, o melhor meio de o estragar.

Virtude é o poder de elevar-se acima de si mesmo.

Quanta consolação em recordar! Mas quanta amargura tambem...

O nosso grande erro é não darmos valor á hora presente, é pensarmos que a hora que passa nunca é a hora decisiva.

Não ha erro que não mereça perdão.

Não ha fortuna nem prazer que valham uma consciencia limpa e uma alma pura.

Caridade é amor. Caridade é bondade. Caridade é entusiasmo. E é tambem felicidade.

Para muita gente, a gratidão é moeda.

Felicidade é perfeição. O homem feliz é o homem perfeito. E' o homem que recebe e acceita as alegrias e tristezas, as venturas e as dores como ellas são: como accidentes. Accidentes inevitaveis, mas passageiros, sem importancia maior na realização do destino. São os altos e baixos percebidos do cimo da montanha da vida.

Em amor não ha reconstrucções possiveis. As ruinas dos templos desmoronados devem ser respeitadas e conservadas.

Na guerra, as cicatrizes são mais gloriosas do que as medalhas. Apenas, nem sempre as cicatrizes se vêem e as medalhas se expõem aos olhos de todos...

O coração que ama é como o sol: o sol irradia o seu calor e a sua luz sobre todos os seres do universo, sem nada perder de sua substancia. O coração se póde dar uma, duas, tres vezes, e sempre se dá todo, pois, não perde nenhuma particula de si mesmo.

No acto de julgar alguém, deve-se pôr o coração acima da razão.

Não é possivel a estandardização do genio. O genio não se póde medir por um padrão.

Para julgar com justiça, é necessario conhecer profundamente (circunstancia, causas, meio).

Os genios não pertencem a um paiz, mas ao universo. Platão, Virgilio e Raphael tanto são da Grecia e da Italia como nossos.

Mais vale o juiz generoso do que o rigoroso.

REGINA RIZIERI

QUANDO uma cidade ultrapassa a conta de um milhão de habitantes, desaparecem os chamados "typos da rua", muitos dos quaes Mello Moraes Filho descreveu em um livro que o desenhista Flumen Junius illustrou.

No Rio do Seculo XIX, cidade de menos de um milhão de almas, pequena, de ruas estreitas e nenhum progresso, pululavam os "typos da rua". O notavel escriptor que acima citamos descreveu no seu livro, entre outros, o "Castro Urso", a "Fôrte Lida", o "Tangerina", o "Philosopho do Cães", o "Não ha de casar", etc.

Não conhecemos esses typos, porque então não eramos ainda deste mundo.

Conhecemos outros mais modernos como o "Lyra", a "Pereréca", o "Seixas" o "Pae da Criança", etc.

Relembrar essa gente, hoje, é mostrar á mocidade actual uma coisa que ella não viu nem verá, porque actualmente não é possível se encontrar na capital do Brasil o verdadeiro typo da rua.

Um homem ou u'a mulher que apparecia um bello dia na cidade, sem que se soubesse donde viéra, onde e como vivia e que um dia desaparecia da mesma maneira por que chegára; um vivente que enchia de humorismo todo um bairro, que era conhecido por toda a gente, que não fazia mal a ninguém e a quem ninguém molestava, eis o que era o "typo da rua".

Ha trinta annos, todos aquelles que moravam na Fabrica das Chitas, ou no Macaranã, conheceram, por força, um pardo de meia idade, maltrapilho e sujo, ás vezes meio embriagado, dando sempre mostras de demencia pacifica e, por vezes, muito humorismo.

Esse homem apresentava-se frequentemente dizendo:

— Fileno Antonio Coêlo — vurgio "Lyra"; amador das moreninhas e querido das moças brancas.

Muito honesto e fiel, as familias serviam-se delle para recados e pequenas compras, o que elle executava com presteza e desembaraço.

Ordinariamente, o "Lyra" calçava velhos sapatos sem meias e trazia sobre si toda a roupa que lhe davam. Uma vez, elle se apresentou vestindo duas ou tres calças, outros tantos colletes, um frak e sobre este um paletó.

Alguem chamou-o e lhe disse:

— Oh! "Lyra"! Por que você não guarda parte dessa roupa?

— Os gatuños andam muito esportos e a minha casa não tem portas.

— Onde mora você?

— Eu? Sou como o peru; onde anoitece é que eu durmo.

Uma vez, a garotada do largo da Fabrica esperava o tóque de

Typos da Rua

Por Astaroth



alleluia para malhar um "judas" que se achava pendurado a um poste.

O "Lyra" compareceu, acercou-se do "Judas" e mirou-o por todos os lados.

Fez descer do poste a effigie de Iskariotes, mandou a menina fazer rôda e, despindo as calças que o "judas" vestia, trocou-as pelas que trazia.

Isto feito e como rompesse já a alleluia, o "Lyra" tomou de um bastão e no meio da menina tomou parte na malhação do "judas" que lhe fornecera umas calças mais novas.

E como commentassem o seu acto, elle respondeu:

— Elle ainda foi muito feliz, porque no tempo delle não se usavam calças.

O "Pae da Creança" foi bastante conhecido na cidade.

Era, porém, malcreado e respondia mal sempre que a garotada lhe gritava o vulgo.

Dizem que se tratava de um demente e havia até quem affirmasse que elle ficára "détraqué" em virtude de uma falsa accusação que lhe haviam feito, dando-lhe a autoria da infelicidade de uma joven.

Ha, tambem, quem affirme que elle não passava de um refinado malandro, que se fingia de demente para poder levar vida folgada, tendo deixado, ao morrer, avultada quantia em dinheiro.

Esse typo era popular, mas, longe de se parecer com o "Lyra", a quem todos acolhiam, o "Pae da Creança" era temido por causa do vocabulario immundo que empregava em altas vozes, o que o levou muitas vezes ás delegacias.

O "Seixas" era um typo tambem conhecidissimo e consta que passára á categoria de "typo da rua" depois de ter, como negociante, falhado e perdido avultada quantia. Não affirmamos, porém, que isso seja verdade.

Era elle um homem branco, já de idade avançada, cabellos grisalhos, baixo e andando quasi sempre sem chapéo.

Como todos os typos da rua, era o "Seixas" victima da menina vadia e dos moléques vagabundos.

De vez em quando, elle parava, enfrentava a garotada e, com o dedo em riste, attitude ameaçadora, dizia:

— Olhem que eu mato um! Já comi as orelhas de meia duzia e

posso comer mais algumas! Garotos sem vergonha! Ide dizer a vossas mães que vos dêem educação e serviço nesses lombos! Cambada de marrécos!

E seguia, apupado pelos meninos.

A' noite, o "Seixas" acercava-se de um dos kiosques de petisqueiras que então havia na praça da Republica, e pedia ao mercador:

— Vós não tendes, por ahi, alguma codea de pão que nunca tivesse sido comido?

O dono do kiosque juntava os restos de pães deixados pelos freguezes e dava-os ao "Seixas".

Dahi a pouco o "Seixas" dizia: — Será que vós não tendes por ahi um restinho de café para eu poder molhar este pão?

O homem do kiosque apanhava o café em uma lata vazia e dava.

O "Seixas" comia todo o pão e de novo, mostrando o café que sobrava, perguntava:

— Vós me deixareis sem um pedacinho de pão para acabar com este café?

Servido novamente, elle agora acabava o café, antes do pão, para logo reclamar:

— Será que vós me dareis sempre mais um pouco de café para que eu possa acabar este pão?

Isso se repetia até que o vendedor desse por findo o fornecimento ao voraz pedinte.

O "Seixas" contava por centenas as detenções por embriaguez e, á força de comparecer á frente dos inspectores de policia, conhecia-os já a todos, assim como sabia a que circumscripção policial pertencia qualquer rua da cidade.

Uma vez, elle dormia em uma sargeta na rua 1.º de Março, quando um policial o acordou.

— Levanta-te! Isso ahi não é lugar para se dormir!

O "Seixas" orgueu-se, olhou o policial, e disse:

— Vós acordaes a gente sem temerdes que com a vossa brutalidade possaes produzir uma syncope cardíaca?

— Vá; vamos para a delegacia.

— Que rua é esta?

— Rua 1.º de Março...

— Já sei; primeira circumscripção; conheço muito o delegado; bom moço! Vós tereis me acordado em pura perda! Vereis a vossa prisão relaxada.

Ahi estão retratados mais ou menos alguns dos typos que fizeram as delicias não só dos garotos, mas tambem de muita gente boa, no fim do seculo passado.

Hoje, os "typos da rua" não pôdem apparecer.

Impede a sua appareção a policia, e mesmo a onda dos dois milhões de habitantes, que tumultua no asphalto do Rio civilizado, não permite que tal gente appareça.

UM ARTISTA

Por HORMINO LYRA

Em primeiro lugar, ao respeitavel publico apresentamos o senhor Maia Bucho. O nome proprio delle é Antonio; tem Maia por sobrenome; Bucho é appellido que lhe conferiram os coestaduanos por ser memoravel glutão, muito conhecido e conhecido pelos gastronomos.

Baixote, gorducho, era, no entender de outrem, o melhor tocador de baixo. Quanto mais afundado numa baita camoéca, melhor tocava Maia nos bailes de certa capital por um triz nordestina. Dizem que tocava até dormindo.

Solteirão, algum tanto pernóstico, vivia exclusivamente para si e para o *mutuca* que criara desde tenro bichano.

Vem certa vez de um baile, lá pelas cinco horas, consoante contava elle, quando apparece o bichano a bailar, a acompanhá-lo sem que atinasse de onde havia saído. Pega-o, leva-o consigo, cria-o com zelo paternal e de balde a elle commette a guarda da casa.

Está apresentado o senhor Maia Bucho. Agora vamos apresentar o *mutuca*, seu amavel companheiro de morada.

E' *mutuca* o mais lindo, o mais original gato por nós conhecido. De dia, o maior trabalho delle é dormir; de noite, contemplar as estrellas.

Vé em bonita noite, que a vista não o engana, appareção luminosa na atmosphera: é um meteorite a cair do alto das regiões planetarias. Isso vivamente o impressiona; e nunca mais deixa de observar com summa attenção as bolinhas que brilham no céu.

Sempre arrepiado, não supporta carinhos. Não admitta se lhe faça caricia. Quando se lhe aproxima alguém, preguiçosamente, espia a pessoa que delle se acerca. Fica indifferente, si não é amimado; mas, si é afagado, sem o menor signal de porfia levanta-se e foge com celeridade.

A maior originalidade do gato consiste nisto: sorri. E' o unico que, até hoje, já vimos sorrir. Vimos-o sorrir com a ironia subtil de um grande espirito. Extraordinario! Não ha hyperbole no caso, nem encarecimento do facto. Tambem só sorri em dado momento: Quando encontra o dono a fazer uma boneca debruçado sobre o encosto de uma cadeira, chegase-lhe com maliciosa dissimulação, zás... molha os pés delle e sai a correr, a olhar para traz, a sorrir como determinadas creaturas humanas.

Nos amores *mutuca* não é diferente dos outros: como todo gato, solta as suas clamorosas queixas.

Quando a gata do vizinho, ciosa do talhe esbelto, das suas travessuras felinas, de cauda erguida, perturba o socêgo de *mutuca*, elle, della se aproximando,

chama pela predilecta com doçura e affecto extremo, amima-a com brandura e meiguice, fala-lhe baixinho e cégo de paixão e rodeado de mysterios.

De tempos a tempos desaparece, anda á gandaia, trasmonta gradeados, trepa cercas de madeira: vae ver outras namoradas, antigas companheiras de faras que moram longe.

Depois das entrevistas, dos colloquios amorosos, pacatamente torna *mutuca* á tranquillidade da casa amiga e protectora. Por dilatado tempo, não se mexe de onde está, ou dormindo horas a fio ou contemplando as bolinhas que brilham no céu e a scismar talvez: pôde ser que alguma ainda lhe venha cair ao alcance e tenha elle a ventura de brincar com ella, dando-lhe pancadinhas com as palmas das mãos...

Apresentando o senhor Maia Bucho mais o *mutuca*, a cuja vida incidentemente nos reportamos, narremos agora a historia do homem e deixemos o bicho.

A casa de morada do tocador de baixo é pequenina, miseravel; e elle, pelo menos assim se expressava, só trabalha, só toca nos bailes com o fim de obter dinheiro para o aluguel daquella, para de longe em longe matar um trago da *bôa* e por comprar o indumento, aliás modestissimo.

Era rara a noite durante a qual não houvesse onde tanger o apreciado baixo acompanhando a orchestra de sopra, e de lá, da casa onde fôsse prestar os seus serviços, trazia mantimento de bôcca para si e para o *mutuca*. Desta maneira, quando o convidavam a tocar num baile, perguntava então, levantando a voz:

— E' de defunto ou de anjo?

Si lhe respondiam ser de anjo, rematava em seguida:

— Ora! Você logo não vê que não vou tocar em baile de anjo! Vá procurar outro!

Baile de defunto é aquelle em cuja mesa se vê estendido um gordo leitão e onde não falham nunca o perú recheado com farofia, meia duzia de gallinhas assadas, o grande prato de travessa com o arroz de forno e outras comidas mais; baile de anjo é aquelle em que se apresenta apenas a mesa de chá com bolinhos, biscoutos, *cousinhas que não dão para encher a pança*, consoante a phrase textual do musico, verbalmente muitas vezes repetidas. Por isso, elle, que vivia á custa dos bailes, não perdia tempo em ir tocar em baile de anjo.

Depois das danças, depois de todos ceiaem á larga, depois de tudo, vem a mesa dos musicos, mas ainda bem farta; e Maia Bucho, á proporção que come escandalosamente, vae tambem enchendo o baixo. Adapta o instrumento de modo a deitar dentro deste

INSTITUTO DE UROLOGIA DO RIO DE JANEIRO

DIRECTOR
Dr. EDSON
A MARAL

Tratamento das doenças das VIAS URINARIAS (estreitamentos, cystite, prostatite, inflamações do utero e ovarios), pela DIATHERMIA, ALTA-FREQUENCIA, RAIOS INFRA-VERMELHO, ULTRA-VIOLETA.

Cura da impotencia — Plastica dos seios e dos orgãos genito-urinarios — Manchas e signaes da face.



Sala de endoscopia e ultra-violeta.

O Instituto devolverá a importancia paga se não conseguir a cura radical.

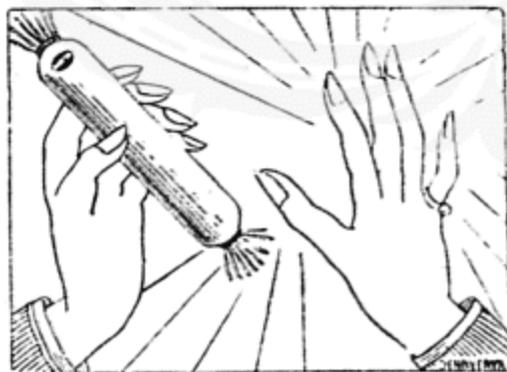
RUA BUENOS AIRES, 85, IV andar — T. 4 - 2087

Das 10 ás 20 horas

Domingos e feriados, das 11 ás 14 horas

Como ter lindas unhas

Especialidade da CASA ERITIS — Oito perfeitas Manicures para Senhoras



Grande sortimento de polidores e limas de todos os tamanhos, tesouras, alicates, pinças. Estojes de manicure e todos os objectos de «toilette»

POSTIÇOS INVISIVEIS, Mise-en-plis, Ondulações, Massagens, Cortes de cabellos. Aplicações Henné — Ondulação permanente. Garantidas 3 mezes. Desde 100\$000

Cabelleireiros de Senhoras



Telephones / 2-1313
2-2608
RUA URUGUAYANA, 78



UM ARTISTA

(Conclusão)

um pouco de tudo que se acha na mesa. Por fim pega uma gallinha assada e colloca-a na bocca do baixo, por cima de tudo. E' a boia para o dia seguinte e subseqüentes, até apparecer novo baile de defunto!

Certa vez, Maia Bucho já tem enchido o baixo e dizem os musicos que vão dar o fóra, quando algumas pessoas pedem, rogam seja tocado um tango choroso por despedida.

Accede a orchestra e executa o tango, mas o baixo não a acompanha. De balde Maia faz força, e escom-lhe as bochechas quasi a estourar... E naquella esforço sobrehumano, sem conseguir tirar uma nota do instrumento, subito pula uma gallinha assada dentro do baixo!

Riem todos os presentes, e o musico apanha a ave do chão, colloca-a de novo na bocca do instrumento e diz com pausas:

— Não me lembrava que o baixo já estava cheio. Qual! Hoje é um caso perdido...

Com o instrumento no hombro, sem o inclinar para não cair a provisão, sobraça uma garrafa de vinho e vae-se embora.

Certa vez, á hora da ceia, velho contador de aneddotas, a um canto da casa, incidentemente se refere ao padre Cicero Romão Baptista.

Em thaumaturgia neste vasto Brasil, ninguem, na sua opinião, se põe em confronto com aquelle sacerdote.

Quando resolveram os moradores de Joazeiro convidá-o para o logar de capellão, acceitou o convite, mais visando os serviços da igreja que o dinheiro para elle inutil.

Naquelle tempo, teria o povoado de oitenta a cem casas.

Reedificou a antiga capella, tornando-a igreja magnifica, onde diariamente celebrava o incruento sacrificio da Lei da Graça.

Com a reedificação do templo e o episodio de Maria de Araujo, de quem era director espirital — caso por hypothese miraculoso, d'antes propalado ás occultas, o qual corrêra de bocca em bocca no Ceará e depois em todo o Brasil através do telegrapho e da imprensa indigena — visivelmente o povoado ia para deante. Augmenta de modo notavel o numero deromeiros cheios da fé christã, os quaes vinham de longe presenciar o milagre; povoa-se Joazeiro com fervorosa celebridade.

A mãe do reverendo era conhecida por um apelido, e elle tambem lhe chamava Sinhá Quinó.

Na infancia affirmava Cicero não gostar do sexo fragil e repetia, quando por brinco se lhe dava alguma namoradinha:

"Mulher... só Sinhá Quinó!"





isso em roda de amigas contando a lendaria velha, accrescentava sempre: ao nascer tivera elle os olhos fechados, motivo pelo qual uma cigana propheticara que o recém-nascido seria padre. E era com immensa alegria que ella, cheia de infinita doçura e de encantadora simplicidade, se recordava da prophécia.

Terminado este ultimo episodio acêrca do thaugurgo brasileiro, e pensando que o musico jamais gostára de mulheres, vira-se o contador de aneddotas para esse que o ouvia com muita attenção:

— Nunca amaste, Maia Bucho?

— Uma vezinha só, para nunca mais cair noutra...

— Foste infeliz?

— Vae amolar outro, ó largo! Tenho mais que fazer...

— Allás era habito seu: quando o saudava alguem, correspondia elle — ó largo! — sem que se descobrisse o significado desse tratamento.

— Agora te digo, rematou: dizem que toco baixo, dormindo; e dizem mais: é quando toco melhor... Bestalhões! Si fecho os olhos, é para não ver...

— Que te desagrada?

— Nada...

— A dança tem a propriedade de irritar-te?

— Não... Não me offende nem me agrava. Tenho uma saudade...

— Estás ficando velho, Maia Bucho!

— Não me amoles, ó largo! Sabes?

Levantou-se de onde estava e, com uma pontinha de despeito, afastou-se dali.

O caso é: nos bailes encontrava sempre a mulher que, em mocinha e sem muito reflectir acêrca da idade e posição social de ambos, lhe concedêra alguns olhares, alguma attenção; emtanto, era agora a senhora de senhor importante da localidade, que já se não lembrava das travessuras de outr'ora e lhe passava perto e tão indifferente, como si passasse perto de um trapo.

— *Motuca* não lhe caíra ás mãos assim, como contava elle. Viu-o certa vez ao collo da encantadora senhora e roubou-o pelo consolo de ao menos ter junto a si um ente que fóra afagado pelas mãos gentis da sua adorada.

E era ainda vislumbrando tenue raio de esperanza, ao de léve a perturbar-lhe o animo, que ás vezes em casa segurava o instrumento predilecto, fechava os olhos e delle tirava notas surprehendedentes.

Revelando o mais perfeito máu gosto artistico, muitos passantes paravam á porta do musico a apreciar-lhe a habilidade; e acêrca da arte musical tinha cada um, a seu modo, favoravel opinião muito ajustada ao tocador de baixo.

Somente quem ama, somente quem soffre, póde nas artes captivar os sentimentos de outrem; por isso, de alguma fórma, o senhor Maia Bucho tinha que ser um artista...



BANHOS DE MAR

Os mais modernos e elegantes modelos das afamadas roupas de banho americanas

JANTZEN BRADLEY GANTNER

Toucas, salva-vidas, sapatos, lenços, tampões para ouvidos, bolas e brinquedos para praia, encontram-se na



CASA SPORTSMAN

a melhor e mais antiga casa de artigos para todos os sports

RAUL CAMPOS

Rua dos Ourives, 25 — Tel. 3 - 2225 — Rio



O abaixo assignado, Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, clinico nesta capital, Cirurgião e Parteiro do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, etc.

Attesto que tenho empregado em minha clinica civil e hospitalar o

ELIXIR DE NOGUEIRA

do pharmaceutico João da Silva Silveira, em as manifestações da syphilis colhendo sempre resultados muito satisfactorios.

Por ser verdade, affirmo e me assigno.

Dr. J. Hardman.

Parahyba, 26 de Julho de 1911.

(Firma reconhecida).



A FIRMA DOS QUATRO



Por CONAN DOYLE

(SHERLOCK-HOLMES)

(Continuação do numero anterior)

tini. Sente-se com coragem de apanhar uma estafa de seis milhas, Watson?

— E mais que fosse, respondi.

— A sua perna poderá com isso?

— Não ha de haver novidade.

— Aqui, Toby! Cheira, Toby! Chegou o lenço embebido em alcatrão ao focinho do animal, enquanto este, com as pernas muito hirtas, escanchadas, e um geito de cabeça, de um comico irresistivel, parecia um entendedor a haurir o perfume de um vinho de nomeada. Em seguida, atirou para longe o lenço, amarrou uma corda riça á coleira do bicho e levou-o á trela até á barrica.

O cão começou desde logo a soltar uns uivos muito tremidos, com o focinho no chão e a cauda no ar, e disparou por ali fóra a seguir o rastro, esticando a trela, a ponto que nos vemos gregos para o acompanhar.

Para a banda do nascente o céu ia principiando a aclarar, e uma luz frouxa, livida, permittia divisar os objectos a uma certa distancia. Por detraz de nós, sinistro e inhospito, surgiu o immenso pardieiro com as janellas ás escuras, e as paredes denegridas. Passamos através do jardim, galgando as covas e canteiros que o entrecortavam. Com aquelles montões de terra revolvida, e as plantas mal tratadas, era triste e agourento o aspecto de semelhante chavascal, e em perfeita harmonia com a tragedia, de que havia sido scenario.

Ao alcançar o muro de vedação, desfechou numa corrida, a ganir, marginando-o, até que parou a uma esquina ensombrada por uma faia nova.

No cotovello do muro, havia uns tijolos arrancados, e os buracos estavam gastos e boleados na parte inferior, como se tivessem sido aproveitados mais de uma vez á feição de escada. Holmes trepou por ali acima, e, recebendo o cão que eu lhe icei, arremessou-o para o lado opposto.

— Cá estão signaes da mão do individuo da perna de pau, observou, enquanto eu subia a par delle. Repare nestas leves dedadas de sangue ali, na cal. Que pechincha não ter cahido chuva grossa desde hontem! O cheiro não se haverá ainda evaporado da estrada, apesar das vinte e oito horas de vantagem que elles nos levam.

Confesso que me assaltaram duvidas, ao lembrar-me do immenso transito que se haveria effectuado pela estrada de Londres naquelle intervallo. E, todavia, não tardaram a debellar-se os meus receios. Toby não hesitou sequer e ladeou, a trotar por ali fóra, com aquelle seu gingar tão especial.

O activo fartum do alcatrão, manifestamente, sobrepunjava a toda e qualquer outra emanção no ambiente.

— Não se persuada, Watson, declarou Holmes, de que o éxito deste caso esteja dependente, para mim, de mero acaso de haver um destes patifes atolado o pé naquella substancia chimica. Disponho de dados que me habilitam a seguir-lhes o rastro de varios

modos e maneiras. Este, contudo, é o mais rapido e desde que a sorte nol-o poz nas mãos, seria um crime desprezal-o. Não obstante, impediu o caso de vir a dar num problemazinho intellectual como, a principio, promettia. Era questão para augmentar os creditos a qualquer, se não se tivesse intronettido este fio conductor tão palpavel.

— Com respeito a credito, não terá razão de queixa, observei. E eu, Holmes, affirmo-lhe que me assombram os meios por que você obtem os seus resultados no presente caso, muito mais, ainda, do que os de que se valeu naquelle caso do assassinato de Jefferson Hope. Os incidentes antolham-se-nos a meu ver muito mais obscuros e inexplicaveis. Como é, por exemplo, que você pôde descrever com tanta confiança o individuo da perna de pau?

— Ora adeus, meu caro amigo! Simples como as coisas simples! Não armo a effectos theatraes. E tudo claro como agua. Dois officiaes commandando um presidio de degredados vêm a inteirar-se de um segredo importante a respeito de um thesouro enterrado. Mandam fazer uma planta a um inglez, pelo nome Jonathan Small. Deve estar lembrado de termos visto esse nome naquella planta que se achava em poder do capitão Morstan. Firmara-o com o seu nome em proveito proprio e dos seus consocios — a firma dos quatro, como elle o designou, com phantasia algo dramatica. Com o auxilio da mesma planta, os officiaes... ou um delles, pelo menos, alcançam o thesouro e trazem-no comsigo para Inglaterra, deixando por cumprir, supponhamos, algumas condições sob as quaes o receberam. E agora diga lá por que foi que Jonathan Small não se alhepardou com o thesouro. E' obvia a resposta. A planta é datada de uma época em que Morstan se achava em contacto perenne com degredados. Jonathan Small não se apoderou do thesouro porque os seus consocios eram tambem degredados e não podiam fugir.

— Tudo isso, contudo, não passa de mera conjectura, adverti.

— E' mais alguma coisa, se me dá licença. Representa a unica hypothese justificada pelos factos. Vejamos se quadra ou não com a série dos mesmos. O major Sholto não dá signal de si, durante annos feliz e contente com a posse do seu thesouro. E' senão quando recebe uma carta da India, que o deixa assustado a mais não poder ser. Que foi, então?

— Uma carta a participar-lhe que os individuos a quem elle tinha prejudicado haviam sido soltos.

— Ou se tinham escapulado, o que é muito mais provavel, pois que o major não podia ignorar por quanto tempo tinham de cumprir a sentença. Não é admissivel que o facto o apanhasse de surpresa. Que faz elle então? Acautela-se de um homem com uma perna de pau — de raça branca, advirto, visto que o confunde com um bufarinheiro europeu, contra o qual dispara uma pistola. Ora, a planta apresenta apenas o nome de um homem de raça branca.

(Continúa na pag. 62)

PARA CRIANÇAS

DIARRÉIAS ? VÔMITOS ? → **CAZEON**
ALIMENTO-MEDICAMENTO

DYSPEPSIAS ? INAPETÊNCIA ? → **PEPSIL**
FERMENTOS VITAMINOSOS

SYPHILIS ? PEREBAS ? → **LACTARGYL**
MERCURIO - VITAMINAS

EMAGRECIMENTO ? CRIANÇAS E ADULTOS ? → **CAZEOMALTE**
SUPER-ALIMENTO

VERMES ? → **LACTOVERMIL**
POLYVERMICIDA

FRAQUEZA ? MAGREZA ? → **TONICO INFANTIL**
FORMULA COMPLETA

RACHITISMO ? MÁ OSSIFICAÇÃO ? → **NEO-AMINAZIN**
CALCIO - VITAMINOSO

FARINHA ? FOSFATADA ? → **NUTRAMINA**
VITAMINOSA

FARINHAS ? DEXTRINISADAS ? → **CREME INFANTIL**
14 VARIEDADES

Trazem nos rótulos as respectivas formulas
À venda nas boas farmácias e drogarias

Lab. Nutrotherapico
DR. RAUL LEITE & CIA - RIO



REMEDIOS DE VALOR

DOR GRIPPE ? RESFRIADOS ? → **GUARAINA**
ENVELOPES E TUBOS

OPILAÇÃO ? VERMINOSES ? → **OPILINA**
8 PEROLAS PEQUENAS

FRAQUEZA ? MAGREZA ? → **GUARANIL**
CONCENTRADO SABOROSO

SYPHILIS ? BOUBAS ? → **TREPARGYL**
COMPRIMIDOS ARSEN-MERCURIO

MALEITAS ? PALUDISMO ? → **MALEIZIN**
COMPRIMIDOS E AMPOLAS

PURGATIVO ? LAXANTE ENERGICO ? → **PURGOLEITE**
TUBOS E ENVELOPES

CONSTIPANTE ? ANTIDIARRHEICO ? → **TANOLEITE**
COMPRIMIDOS

TOSSE BRONCHITE ? COQUELUCHE ? → **HUSTENIL**
GOTTAS E XAROPE

ARTERIOSCLEROSE ? VEHICE CORAÇÃO ? → **IODALB**
GOTTAS

Trazem nos rótulos as respectivas formulas
À venda nas boas farmácias e drogarias

Lab. Nutrotherapico
DR. RAUL LEITE & CIA - RIO



ORIENTAL

NÃO HA MELHOR PASTA PARA DENTES!

- NÃO CONTEM GLUCOSE -

BASTA UM CENTIMETRO SOBRE A ESCOVA.

NAS

PERFUMARIAS LOPES

RIO-S. PAULO

CASA BAZIN-PERFUMARIA CAZAUX E OUTRAS

Quereis ganhar um seguro de

10:000\$?

Vide instruções em outra parte desta revista.

... ou são índios ou mahometanos. Homem branco não ha mais nenhum. Podemos, portanto, avançar com plena confiança a asserção de que o homem da perna de pau e Jonathan Small são uma e a mesma pessoa. Encontra algum ponto fraco neste meu raciocínio?

- Nenhum, absolutamente. E' claro e conciso.

- Ora, bem, colloquemo-nos agora no lugar de Jonathan Small. Observemos a coisa desde este ponto de vista. Veiu a Inglaterra com o duplo intuito de reaver aquillo que elle considera como seu e de vingar do homem que o defraudou. Desencanta o paradeiro do Sholto, e é possível haver estabelecido communicação com alguém de portas a dentro. Temos o mordomo, por exemplo, o tal Lal Rão, a quem não vimos. Mistress Bernstone, porém, está longe de lhe fazer boas ausencias. O Small, com certeza que não pode ter encontrado o thesouro, pois ninguém lhe sabia da existencia, á excepção do major e de um creado fiel já fallecido. De subito, eis que chega aos ouvidos do Small o achar-se o major prestes a expirar. Desorientado com a idéa de que podia morrer com elle o segredo do esconderijo, illude a vigilancia do pessoal da casa, trepa á janella do quarto do moribundo, e apenas desiste de entrar attendendo á presença de dois filhos deste. Cego de rancor, porém, contra o defunto, insinua-se no quarto, naquella noite ainda, rebusca-lhe a papelada intima na esperanza de descobrir qualquer apontamento, relativo ao thesouro, e, em conclusão, deixa uma lembrança da sua visita, naquelle breve escripto, deposto sobre o seio do cadaver. O acto haveria sido planeado de antemão, pois, dado o caso de elle matar o major, queria deixar sobre o corpo da victima uma recordação como signal de que não fóra um assassinato vulgar, mas sim, no ponto de vista dos quatro associados, um acto de justiça. Alvitres esquisitos e caprichosos daquelle teor são frequentes até nos annaes do crime, e costumam ministrar vallosos indicios com respeito ao criminoso.

- Clarissimo.

- E agora, qual podia ter sido o modo de proceder de Jonathan Small? Continuar a exercer vigilancia, em segredo, no tocante aos esforços empregados afim de desencantar o thesouro. E' possível o haver-se ausentado de Inglaterra, voltando uma vez por outra. Dá-se, então, a descoberta da agua-furtada, e é desde logo informado. Volta a surgir-nos aqui a presença de um confederado qualquer de portas a dentro. O Jonathan, com a sua perna de pau, acha-se impossibilitado em absoluto de trepar ao sótão da casa de Bartholomeu Sholto. E todavia, leva consigo um socio, entidade curiosa, na verdade, que vence a difficuldade, mas que atola o pé descalço no alcatrão, e, para remate da festa, o Toby, e uma corrida a pé a que se obriga a um official a meio soldo com um tendão de Achilles avariado.

- Mas se foi o socio e não o Jonathan, quem petrou o crime?

- Não ha duvida. E com summo desgosto parte do Jonathan, a julgarmos pelo muito que petrou, assim que deu entrada no quarto. Não tinham motivos de rancor contra a pessoa de Bartholomeu Sholto, e, por sua vontade, antes quizera havel-o matado e amordaçado. Não o seduzia de modo algum a perspectiva de uma corda a afagar-lhe a garganta. E dahi, já não havia remedio; os instinctos selvaticos do companheiro tinham prorrompido e o veneno completado a sua obra. Nesta confusão, Jonathan Small deixou o seu memorando, arriou o cofre do thesouro para o jardim, e seguiu atraz delle. Eis aqui a sequencia dos factos, taes quaes eu consigo decifral-os. Excusado é dizer que no tocante ao seu aspecto pessoal, deve ter atingido a idade mediana, e, tendo cumprido o seu tempo naquelle forno das ilhas Andamans, não deixar de se achar tiznado do sol. A estatura é facil de calcular pelo comprimento do passo, e sabemos que é barbado. O seu aspecto hirsuto foi o ponto que mais impressionou o nosso amigo Thadeu Sholto quando o bispou á janella. E não sei de mais coisa nenhuma.

- E o socio?

- Ora, quanto a esse mysterio não é uma coisa tão difficil. Mas descance, que não tarda muito em saber o sufficiente a semelhante respeito. Como agradável este frescor da madrugada! Repare naquella nuvenzinha a pairar como uma pluma cor de rosa solta da aza de uma garça gigantesca. E surge o disco escarlate do sol por entre o nevoeiro cerrado de Londres. Dardeja os seus raios sobre muitos individuos, mas aposto que não haverá um unico que tenha entre mãos uma empreitada mais extravagante do que esta em que ambos andamos empenhados. A que ponto nos sentimos pequenos com as nossas ambições mesquinhas e os nossos esforços de pigmeus em presença das potentes forças elementares da Natureza! Você lembrar-se-á ainda do seu João Paulo Richter?

- Menos mal. Li-lhe as obras em seguida ás de Carlyle.

- O que equivale a ter subido pelo rio até ao lago donde dimana. Pois bem! Richter faz uma observação tão curiosa quanto profunda. Affirma elle que a prova mais frisante da verdadeira grandeza do homem é a percepção da própria pequenez.

Conforme vê, implica um poder de comparação e apreciação que representa na propria essencia uma prova de nobreza. O pensamento encontra campo vasto nas obras de Richter. Você não traria consigo pistola ou coisa que o valha?

- Tenho apenas a bengala.

- E' possível que venhamos a precisar de qualquer coisa desse genero, se toparmos com o cavalleiro.

(Continua na pag. 63)

<p style="text-align: center;">PREÇOS</p> <p>DAS ASSIGNATURAS:</p> <p>No Rio e nos Estados</p> <p>Anno 48\$000</p> <p>Semestre 25\$000</p> <p>Venda avusa em todo o Brasil, 1\$000.</p> <p>As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.</p> <p>Toda a correspondencia deve ser dirigida á</p>	<h2 style="margin: 0;">FON - FON</h2> <p style="margin: 0;">REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA</p> <p style="margin: 0;">Director: SERGIO SILVA</p> <p style="margin: 0;">REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barrozo</p> <p style="margin: 0;">THEZOUREIRO: Cyro Machado</p> <p style="margin: 0;">Direcção, Redacção e Officinas:</p> <p style="margin: 0;">62, Rua Republica do Perú, 62</p> <p style="margin: 0;">(Antiga Assembléa)</p> <p style="margin: 0;">Telephones: Director: 2 - 0377 — Administra- ção: 2 - 4136 — Caixa Postal 97</p> <p style="margin: 0;">RIO DE JANEIRO</p>	<p style="text-align: center;">EMPRESA</p> <p style="text-align: center;">FON-FON e SELECTA</p> <p style="text-align: center;">S. A.</p> <p>Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.</p> <p>Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.</p>
--	---	---

Salvitae

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE
 CONTRA
 A GOTTA RHEUMATISMO PRISAÇÃO DE VENTRE
 DOR DE CABECA BILIOSIDADE INDIGESTÃO
 DIABETES DOENÇA DE BRIGHT
 A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES
 AMERICAN APOTHECARIES COMPANY, NEW YORK

FAZENDA NA CIDADE NO: SERTÃO

Prisação de ventre

Purifique o seu sangue
 restaure o seu intestino

Tanto no trabalho como em
 descanso; em passeios como nos
 esportes; ha muitos perigos por
 falta de cuidados. Qualquer ferido,
 estrepada, golpe, picada,
 envenenosa, contusão, póde causar
 doenças graves, a invalidez, a
 morte.

Contra esses perigos e contra
 doenças da pelle, mesmo antigas,
 feiras, empigens, eczemas, ácido
 urico, etc., sómente DERMOL tem
 feitos seguros, immediatos.
 Uso pratico e economico.

Toda a gente que se presa us
 tem DERMOL sempre á mão.
 Até as crianças, quando se
 achucam, pedem DERMOL ás
 mães.

Compre hoje, ou escreva: Caixa
 88, Dr. DERMOL, Rio de Janeiro

desintoxique-se

com o



um comprimido é o sufficiente

Establ. CHATELAIN, Fornecedores dos Hospitais de Paris, 2, rue de Valenciennes Paris; e em todas as Pharmacias
 Depositarios exclusivos no Brasil: Antonio J. Ferreira et Cia — Caixa postal 524

DAME FRANÇAISE

ENSEIGNE SON IDIOME
 AU DOMICILE DES
 ÉLÈVES AVEC METHO-
 DE FACILE ET RAPIDE.

Rua Visconde Pirajá 260 - sobrado
 TEL. 7-2407

O Rei Amoroso

é o romance semanal de
 MICHEL ZEVACO

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES DO DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos
 partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido me-
 dicamento durante o ultimo mez da gravi-
 dez, terá um parto rapido e feliz. Innumeros
 attestados provam exhuberantemente a sua
 efficacia e muitos medicos o aconselham.



Deposito Geral ARAUJO FREITAS & C. — RIO DE JANEIRO

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias

Lá quanto ao Jonathan, entrego-o ás suas mãos, mas o outro se fizer fiado, prego-lhe um tiro.

Sacou do revolver, metteu-lhe dous cartuchos e tornou a guardal-o no bolso do jaquetão.

Durante este lapso de tempo, tínhamos seguido na trela de Toby pela estrada que dá accesso para a Metropole, por entre uma dupla fila de residencias semi-campestres. Agora, porém, principiavamos a engolfar-nos em ruas continuas, onde se achavam já a pé os operarios e o pessoal das docas, e umas mulheres esguedelhadas abriam os postigos e varriam os patins das escadas. Nas lojas de bebidas das esquinas, iam já affluindo os freguezes, entravam e sabiam individuos mal trajados, a limparem a barba com a manga em seguida á matinal golada.

Uns cães esquisitos a vagarem pela calçada e a olharem para nós, espantados, e o nosso inimitavel Toby sem olhar sequer para a esquerda ou para a direita, a trotar para a frente de nariz rente ao chão, e soltando um ganido ansioso de quando em quando, symptoma de ir farejando um rastro ainda morno.

Havíamos galgado Streatham, Brixton, Camberwel, e agora encontravamos-nos em Kensington-Lane, havendo cortado por travessas para leste do Oval. Os homens que nós iam perseguindo parecia haverem levado uma rota singularmente complicada, com o fito evidente de se esquivarem a dar nas vistas. Sempre que viam na frente uma vereda transversal evitavam o caminho direito. No extremo da azinhaga de Kensington, tinham cortado á esquerda, enfiando por Bond Street e Miles Street. No ponto em que esta ultima rua volta para o largo de Knight, o Toby cessou de andar para deante, começou a correr para traz e para a frente com uma orelha arrebitada e a outra cahida, a verdadeira effigie da indecisão canina. Depois, desandou num corropio de vira-voltas, a olhar para nós de vez em quando, como que a pedir que lhe valessem naquella sua atrapalhação.

— Que demonio terá o cão? resmungou Holmes. Com certeza que não se terão mettido num carro ou subido em algum balão.

— E' possível haverem-se detido aqui algum tempo?

— Ah! Tornou a orientar-se e elle ahí vai. Explorou o meu companheiro, como que alliviado de um peso.

E lá ia, effectivamente, pois farejando em todas as direções pareceu tomar um alvitro, e desembestou por fóra com uma energia e uma determinação, de que não havia dado mostras até ali. Acharia o rastro agora mais quente, pelos modos, pois nem sequer já de nariz no chão, antes aos puxões á frente como se quizesse augmentar de velocidade.

Pelo fulgor dos olhos de Holmes, percebi que considerava proximo o termo da jornada.

A nossa derrota seguia agora pelos Novos Campos, até que alcançamos Broderick e a vastissima taberna de madeiras de Nelson, logo adeante a taberna da Aguiá Branca. Ali chegado, o animal desatinado pela excitação, torceu caminho, entrou pelo portão lateral internando-se no cercado, onde achavam já na faina os serradores. Foi galgado por ali fóra através de serradura e montes de serras, torneando um passadiço, por entre dous montes de madeira, e finalmente, com um uivo triumphante pulou para cima de uma barrica que se achava ainda em cima do carro de mão em que fóra transportado na vasilha, olhava, para nós, de quasi pertada. Com a lingua de fóra, e olhos coruscantes em quando, como que a solicitar um signal de aprovação.

As aduelas da barrica e as rodas do carro estavam besuntadas com um liquido escuro e o ambiente carregado do cheiro de alcatrão.

Sherlock Holmes e eu olhamos um para o outro com expressão de espanto, e incontinentemente, ambos ao mesmo tempo, desatamos numa irresistivel galhada.

F I M

A seguir, do mesmo autor:

Carlos Augusto Milverton

LEIAM O REI AMOROSO

Todas as quartas-feiras — ROMANCE HEROICO DE MICHEL ZEVACO

Casa Ferreira

Fructas Frescas

**Maçãs, Peras
e Uvas**

RUA ASSEMBLÉA, 95

**MAGNIFICA COMBINAÇÃO
DE EFFICACIA**

incontestavel! São palavras do distincto clinico Dr. Alvaro Barcellos, ao communicar o resultado das experiencias levadas a effeito na Santa Casa de Pelotas, com o grande depurativo-tonico

LUESOL
de SOUZA SOARES

Tão completo foi o successo deste medicamento no modelar hospital, que passou a ser um dos poucos remedios ali adoptados.

A' venda nas drogarias e pharmacias

CASA GUIOMAR CALÇADO "DADO"

o expoente maximo dos preços
mínimos

MAIS BARATEIRA DO BRASIL



308000 — **ULTRA** modernísimos
finos sapatos em superior e fina
pellica envernizada, preta, com lin-
ta fivella da mesma pellica, forra-
da de pellica branca, salto Mexica-
no, proprios para mocinhas. — De
ns. 32 a 40.

328000 — O mesmo modelo em cô-
res; bege, marron ou bege escuro,
com o mesmo salto—De ns. 32 a 40.



308000 — **RIGOR DA MODA**
Lindos e modernos sapatos em fina
pellica envernizada, preta, com lin-
do debrum de couro magis e lindo
laço, debruado, proprios para moc-
inhas, por ser salto Mexicano.
De ns. 32 a 40.

328000 — O mesmo modelo e sal-
to, em pellica bege ou marron.
De ns. 32 a 40.



288000 — Ultra modernísimos e
finos sapatos em fina e superior
pellica envernizada, preta, forrados
de pellica cinza, salto Cavalier, Me-
xicano — De ns. 32 a 40.
Porte — 2\$500.



Chies alpercatas de pellica enver-
nizada, preta, com vistas de pellica
branca, toda forrada.

De ns. 17 a 26..... 9\$000
De ns. 27 a 32..... 11\$000
De ns. 33 a 40..... 13\$000

Um naco bege e vistas marron,
mais 1\$000. Porte, 1\$500 em par.

Catalogos gratis, pedidos a

JULIO DE SOUZA
AVENIDA PASSOS, N. 120

Rio — Telephone 4 - 4424

GLOBÉOL

DA FORÇA

Neurasthenia
Tuberculose
Convalescência
Anemia

Preparado nos
Laboratorios do
Urodonal



Augmenta a quantidade
dos globulos vermelhos
e melhora
a sua qualidade

Établissements Châtelain, 18 Grandes Premies. Fornecedoros dos Hospitais de Paris
2, rue de Valenciennes, Paris, e em todas as Pharmacias

Depositarios exclusivos: ANTONIO J. FERREIRA & CIA. — Uruguayana, N.º 27

O Rei Amoroso

é o romance de MICHEL ZEVACO agora reeditado

JUVENTUDE ALEXANDRE

Trinta annos de successo
são o melhor reclame para
preferir **JUVENTUDE
ALEXANDRE** para tra-
tar e embelezar os cabel-
los. Extingue a caspa, ces-
sa a queda dos cabellos,
evitando a calvicie. Faz
voltar á côr natural os
cabellos brancos,
dando-lhes vigor
e mocidade. Não
contém saes de
prata e usa-se
como loção.



Vidro..... 4\$900
Pelo correio... 6\$400

Dep. "Casa Alexandre"
Ovidor, 148 - Rio

SE V. S. DIGERE DIFFICILMENTE

tome meia colher de café de
Magnesia Bisurada num pouco de
agua depois das suas refeições.
A Magnesia Bisurada, este anti-
acido tão famoso, neutraliza rapi-
damente o excesso de acidez que
tão frequentemente é a causa de
uma digestão difficil. Uma abun-
dancia de acido pôde ocasionar
a fermentação dos alimentos que
permanecem como chumbo no es-
tomago e provocam algumas vezes
dôres atrozes. A inflamação das
mucosas que resulta é calmada
pela Magnesia Bisurada, o esto-
mago toma o seu estado normal,
e a digestão se faz facilmente e
sem dôr. A Magnesia Bisurada
que é inoffensiva e facil de to-
mar, se acha em todas as phar-
macias, em pó ou em pastilhas.

Versos

Passa um trem

DE FRANCISCO MONTERDE Y GARCIA ICAZBALCETA

*Passa, longe, silvando
u'a machina ao amanhecer...*

*Entre os viajantes,
que olham pela janella,
se desdobra o panorama
das perspectivas,
os campos quadriculados,
as collinas banhadas de sol.*

Os bosques... os barrancos... os tuneis...

*Lança, a machina,
um murmurio largo...
E o eco vai rodando, distanciando-se
por entre os montes enevoados.*

*Silvando
passa
ao
longe
uma machina
ao amanhecer...*

ESDRAS-FARIAS

Ultima Carta

"Meu caro amigo.

— Assim tinha de ser
Um dia, um de nós seguir adiante...
Quem dera fosses tu!

Ai! neste instante,
Eu padeço uma angustia allucinante:
— A dôr que vaes soffrer!

Do muito que te quiz, faz o perdão;
Do muito que me queres, faz a pena.
Foi grande o amor, sublime a exaltação,
E eu tão fragil, tão só... e eu tão pequena...
— Deus sabe como tenho o coração!

Tinha de ser assim...

— Um dia,
Sendo o amor coisa instavel, transitoria,
Um de nós fatalmente cansaria...
Menos feliz que tu, mal presentia
Me coubesse encerrar a nossa historia...

POST SCRIPTUM:

— Com a mesma healdade
Que fez da nossa vida um encantamento,
Confesso que me punge atroz saudade...
E' que um segundo de felicidade
Só se alcança com muito soffrimento..."

*Relendo a sua carta, o seu queirume,
Fico a pensar, com infinita dôr,
Que a vida em nada se resume:
Tem a rosa um minuto de perfume.
Tem a mulher um dia só de amor...*

EURIPEDES RIBEIRO

Trevo de quatro folhas

*Nafragando no horror de um barathro profundo,
Eu, doido, navegava, incerto, em desalinho,
Cheio do odio e do mal de um povo sem carinho!...
— Mas, tudo, de repente, esvae-se neste mundo,*

*E a tudo serve o Amor de balsamo e Chimera!...
Um dia, achei um anjo!... E, achando-o, embevecido,
Pela primeira vez, na flor da primavera,
O amei de coração!... Mas fui incomprehendido!...*

*Depois!... Depois chegasto; e agora, que me deste,
Como um beijo de sol a verdadeira Vida,
Só me lembro da luz que o teu olhar me lança!...*

*Como hei de me lembrar do que se foi, querida,
Si, rosea, tenho em mãos, qual dadiua celeste,
Tu'alma verde-mar, da côr de uma esperanza?!*

JOSÉ FREITAS COUTO DE MAGALHÃES NETTO

(Do livro "Evangelho do Amor", inédito).

*Maldicta doença
que me tira a
disposição até'
para o trabalho*



HEMORROIDAS

POMADA ADRENO STYPTICA MIDY

SUPPOSITORIOS ADRENO STYPTICOS MIDY

ANNO NOVO!

e todos os dias do anno

Serão felizes, alegres e divertidos, si V. S. adquirir agora mesmo,
uma RADIO-ELECTROLA
com aparelho para gravar discos em casa

ou uma ELECTROLA VICTOR
ou um RADIO VICTOR (microsynchronico)
ou uma VICTROLA ORTHOPHONICA
ou uma VICTROLA PORTATIL
e uma colleção de DISCOS VICTOR

A variedade do nosso sortimento facilita a escolha do modelo de machina e dos discos de seu agrado, tendo em vista, ainda, a conveniencia do nosso systema de vendas a prazo.

Visite o nosso estabelecimento ou o de qualquer revendedor Victor e peça uma demonstração.



*Esta marca é a sua
garantia*

EXIJA-A!



Distribuidores Gerais:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio.

S. Bento, 35 — S. Paulo.